

SANDRA BROWN



IMPASSE

ROCCO HILLMAN

Sandra Brown

IMPASSE

Tradução de
ALICE KLESCK

ROCCO EDITAL

Sumário

CAPÍTULO | 1

CAPÍTULO | 2

CAPÍTULO | 3

CAPÍTULO | 4

CAPÍTULO | 5

CAPÍTULO | 6

CAPÍTULO | 7

CAPÍTULO | 8

CAPÍTULO | 9

CAPÍTULO | 10

CAPÍTULO | 11

CAPÍTULO | 12

CAPÍTULO | 13

CAPÍTULO | 14

CAPÍTULO | 15

CAPÍTULO | 16

CAPÍTULO | 17

CRÉDITOS

SOBRE A AUTORA

CAPÍTULO | 1

- **A** CABEI DE OUVIR O NOTICIÁRIO no rádio do meu carro.

Tiel McCoy começou essa conversa telefônica sem qualquer rodeio. Essa foi sua afirmação no instante em que Gully disse alô. Não havia necessidade de introdução. Verdade seja dita, era provável que ele estivesse esperando aquela ligação.

Mas se fez de bobo, mesmo assim.

– É você, Tiel? Está aproveitando as férias?

Suas férias haviam oficialmente começado naquela manhã, quando ela deixou Dallas e seguiu a oeste, pela Interestadual 20. Já dirigira até Abilene, onde parou para visitar seu tio, que morava numa casa geriátrica havia cinco anos. Lembrava-se de tio Paul como um homem alto, robusto, senso de humor irreverente, que fazia um churrasco delicioso e rebatia uma bola de softball para fora do parque.

Hoje eles tinham compartilhado um almoço de iscas de peixe com ervilhas em lata e assistido a um episódio de *Guiding Light*. Ela perguntou se havia alguma coisa que pudesse fazer por ele enquanto estava lá, como escrever uma carta ou comprar uma revista. Ele sorriu tristemente para ela e agradeceu-lhe por ter vindo, depois se entregou à assistente que o colocou para tirar um cochilo, como se fosse uma criança.

Do lado de fora da casa geriátrica, Tiel ficou grata ao inalar o ar fumegante do oeste do Texas, na esperança de erradicar o cheiro de velhice e resignação que permeava aquele estabelecimento. Ficara aliviada por ter deixado a obrigação familiar para trás, mas sentia-se culpada pelo alívio. Determinou-se a enxotar o desânimo, lembrando a si mesma que estava de férias.

Ainda nem era oficialmente verão, mas já fazia um calor irracional para aquela época do ano. Ela não tinha encontrado vaga na sombra, consequentemente, o interior de seu carro estava tão quente que ela podia

assar biscoitos no painel. Ligou o ar-condicionado no máximo e achou uma estação de rádio que tocava algo sem ser Garth, George e Willie.

– Vou me divertir muito. Será muito bom pra mim. Eu me sinto muito melhor por ter feito isso. – Ela repetia esse diálogo interno como um catecismo, tentando convencer a si mesma de que era verdade. Comparava as férias a um laxante de gosto ruim.

As ondas de calor faziam a estrada parecer tremular, e o movimento ondulante era hipnotizador. Dirigir tornou-se automático. Sua mente vagava. O rádio provia um som de fundo que Tiel mal notava.

Mas ouvir o boletim noticiário foi como tomar um tranco do banco do motorista. Num solavanco, tudo acelerou – o carro, o batimento cardíaco de Tiel, sua mente.

Imediatamente pescou o celular dentro da imensa bolsa de couro e fez uma ligação para a linha direta de Gully. Novamente declinando qualquer conversa desnecessária, ela disse:

– Manda.

– O que o rádio está dando?

– Que hoje, mais cedo, um aluno do ensino médio de Fort Worth sequestrou a filha de Russell Dendy.

– Isso é o ponto principal – confirmou Gully.

– Principal, mas eu quero detalhes.

– Você está de férias, Tiel.

– Estou voltando. Vou fazer o retorno na próxima saída. – Ela olhou o relógio do painel. – Estarei na emissora por volta de...

– Espere aí, onde você está, exatamente?

– A uns 80 quilômetros a oeste de Abilene.

– Hmm.

– O quê, Gully? – A palma das suas mãos estava úmida. Sentiu um friozinho na barriga, que só costumava ter quando estava na trilha de uma história superquente. Essa onda de adrenalina não podia estar errada.

– Você está a caminho de Angel Fire, certo?

– Certo.

– Na parte nordeste do Novo México... É, ali está. – Ele provavelmente estaria olhando um mapa de rodovias enquanto falava. – Não, deixa pra lá. Você não vai querer esse trabalho, Tiel. Isso a tiraria de seu caminho.

Ele estava jogando a isca e ela sabia, mas, nesse caso, não se importava. Ela queria uma parte dessa história. O sequestro da filha de Russell Dendy era notícia graúda e prometia ficar maior ainda, antes de terminar.

– Não me importo em pegar um desvio. Diga-me aonde ir.

– Bem – disse ele –, só se você tiver certeza.

– Tenho certeza.

– Então, está bem. Pouco mais adiante, há um retorno para a rodovia 208. Siga rumo ao sul, até San Angelo. No lado sul de San Angelo, você vai cruzar com...

– Gully, a que distância esse desvio vai me levar?

– Achei que você não ligasse.

– Não ligo. Só quero saber. Uma estimativa, por alto.

– Bem, vejamos. Mais ou menos... uns 480 quilômetros.

– De Angel Fire? – perguntou ela, baixinho.

– De onde você está agora. Sem contar o restante do caminho até Angel Fire.

– São 480 quilômetros, ida e volta?

– Só ida.

Ela deu um longo suspiro, mas foi cuidadosa em não deixá-lo ouvir.

– Você disse a rodovia 208 sul, até San Angelo, e depois?

Ela dirigia com o joelho, segurava o telefone com a mão esquerda e anotava com a direita. O carro estava sob controle, mas sua mente a mil por hora. Fluidos jornalísticos estavam mais acelerados que os pistões do motor. As ideias de passar noites agradáveis em cadeiras de balanço na varanda foram trocadas pelas chamadas e entrevistas.

Mas ela estava se antecipando. Não tinha fatos pertinentes. Quando perguntou por eles, Gully, o maldito, ficou intratável.

– Agora não, Tiel. Estou totalmente atolado e você ainda tem muito chão pela frente. Até chegar ao seu destino, eu terei muito mais

informações.

Frustrada e profundamente aborrecida com ele por ser tão sovina para dar informação, ela perguntou:

– Qual é mesmo o nome da cidade?

– Hera.

As rodovias eram retas enormes, perfiladas com pradarias intermináveis em ambos os lados, e apenas algum gado ocasional, nos pastos irrigados. As máquinas de petróleo também mostravam suas silhuetas ao longo do horizonte. Frequentemente uma bola de capim seco passava rolando pela estrada, à sua frente. Depois de passar por San Angelo, ela raramente via outro veículo.

É engraçado, pensou, como as coisas são.

O normal seria que ela tivesse optado por pegar um voo para o Novo México. Mas alguns dias antes, tinha decidido dirigir até Angel Fire, não apenas para que pudesse visitar seu tio Pete no caminho, mas também para ir entrando no clima de férias. A longa jornada de carro lhe daria tempo para aliviar a tensão, começar seu período de descanso e relaxamento antes de chegar ao resort na montanha, para que, quando de fato chegasse, já estivesse no clima de férias.

Em casa, em Dallas, ela se movimentava à velocidade da luz, sempre com pressa, sempre trabalhando para cumprir algum prazo. Essa manhã, depois de chegar à margem oeste de Fort Worth e deixar a expansão metropolitana para trás, quando as férias se tornaram uma realidade, ela começou a ficar na expectativa dos dias idílicos que a esperavam. Tinha sonhado acordada com córregos murmurantes, caminhadas ao longo das trilhas arborizadas e ar fresco, e manhãs preguiçosas passadas com uma xícara de café e um best-seller de ficção.

Não haveria programação a seguir, nada além das horas de preguiça, o que já era uma virtude em si. Tiel McCoy já passava da hora de ficar um tempo descaradamente à toa. Ela já tinha adiado essas férias três vezes.

– Tire, ou perca – dissera-lhe Gully sobre os dias de férias que ela acumulara.

Ele lhe dera um sermão dizendo como seu desempenho e disposição melhorariam muito, se ela tivesse um refresco. Isso vindo de um homem que nunca havia tirado mais que alguns dias de folga, nos últimos quarenta e poucos anos – exceto por uma semana exigida para a extração da vesícula.

Quando ela o lembrou disso, ele retrucou.

– Precisamente. Você quer se transformar numa relíquia horrível e murcha feito eu? – Depois ele foi na veia. – Tirar férias não irá colocar seu emprego em risco. Sua vaga vai continuar disponível quando você voltar.

Ela facilmente deduziu o significado por trás dessa observação. Ficou ofendida com ele por acertar na mosca o verdadeiro motivo de sua relutância em deixar o trabalho por qualquer período de tempo. Mas concordou, resmungando, em se ausentar por uma semana. A reserva tinha sido feita, a viagem estava programada. Mas toda programação precisa ter um pouquinho de flexibilidade.

E se havia algo que exigia flexibilidade era quando a filha de Russell Dendy supostamente teria sido sequestrada.

Tiel segurou o fone engordurado entre as pontas do polegar e o indicador, com aversão de ter de tocar mais superfície que o necessário.

– Certo, Gully, estou aqui. Bem, pelo menos perto. Na verdade, estou perdida.

Ele deu uma gargalhada.

– Empolgada demais para se concentrar no caminho?

– Bem, não foi o caso de eu ter perdido uma metrópole vicejante. Você mesmo disse que o lugar nem está na maioria dos mapas.

Ela perdera o senso de humor mais ou menos quando deixou de sentir a bunda. Horas antes, seu traseiro tinha ficado dormente de tanto tempo sentada. Desde que falara com ele, tinha parado apenas uma vez, depois, só em necessidade extrema. Estava com fome, sede, rabugenta, dolorida e nada fresca, pois dirigia de frente para o sol durante grande parte da viagem. O ar-condicionado do carro estava meio pifado pelo excesso de uso. Um banho seria uma alegria.

Gully não melhorou seu humor ao perguntar:

– Como conseguiu se perder?

– Perdi meu senso de direção depois que o sol se pôs. Por aqui, a paisagem parece a mesma de todos os ângulos. Mais ainda depois de escurecer. Estou ligando de uma loja de conveniência, numa cidade com uma população de 823 pessoas, segundo a placa de limite de velocidade, e acho que a câmara de comércio enfeitou esse número, a favor deles. Esse é o único prédio iluminado das redondezas. A cidade se chama Rojo alguma coisa.

– Flats. Rojo Flats.

Naturalmente, Gully sabia o nome todo desse vilarejo obscuro. Provavelmente sabia o nome do prefeito. Gully sabia tudo. Era uma enciclopédia ambulante. Colecionava informação como os ratos de fraternidades colecionavam os telefones de seus colegas.

A emissora de TV onde Tiel trabalhava tinha um diretor de redação, mas o titular conduzia o negócio de dentro de um escritório acarpetado e era mais um administrador do que um cara mão na massa.

O homem das trincheiras, o que lidava diretamente com os repórteres, escritores, fotógrafos e editores, que coordenava as agendas e ouvia as histórias tristes e dava as comidas de rabo, quando necessário, o que de fato tocava a redação do noticiário era o editor-geral de programação, Gully.

Ele estava na emissora desde sua inauguração, no início dos anos 1950, e avisava que teriam de carregá-lo pra fora dali, de pés juntos. Morreria antes de se aposentar. Seu dia de trabalho tinha 16 horas, e ficava azedo quando não estava trabalhando. Tinha um vocabulário espirituoso e comparações incontáveis, um repertório extenso sobre o passado do telejornalismo e, aparentemente, vida alguma fora do estúdio de notícias. Todos o conheciam estritamente como Gully.

– Você vai me passar esse trabalho misterioso, ou não?

Ele não admitia que alguém o apressasse.

– O que aconteceu com seus planos de férias?

– Nada. Ainda estou de férias.

– Arrã.

– Estou, sim! Não vou cancelar minha semana de folga. Só estou adiando o começo, apenas isso.

– O que o novo namorado irá dizer?

– Eu já lhe disse mil vezes que não há novo namorado.

Ele deu sua risada pigarrenta de fumante e disse que sabia que ela estava mentindo, e que ela sabia que ele sabia.

– Está com seu bloco de anotações? – perguntou ele, subitamente.

– Estou.

Os micróbios que porventura estivessem procriando no telefone agora provavelmente já moravam com ela. Conformada com isso, ela prendeu o fone entre o ombro e o rosto, enquanto tirava o bloco e a caneta da bolsa, e apoiou na beirada metálica estreita abaixo do telefone.

– Manda.

– O nome do garoto é Ronald Davison – começou Gully.

– Isso eu ouvi no rádio.

– O apelido é Ronnie. Está no último ano do ensino médio, assim como a garota Dendy. Não vai se formar com honras, mas é um bom aluno, nota B. Nunca causou qualquer problema, até hoje. Depois da aula dessa manhã, ele saiu alucinadamente do estacionamento da escola, em sua picape Toyota, com Sabra Dendy.

– A filha de Russ Dendy.

– Filha única.

– O FBI está no caso?

– FBI. Os Rangers do Texas, pode escolher. Se usar distintivo, está trabalhando no caso. Parece o filme do Waco outra vez. Todos reivindicam a jurisdição e querem participar da ação.

Tiel tirou um momento para absorver o escopo dessa história. O pequeno corredor onde o telefone estava situado conduzia aos sanitários públicos. A porta de um deles tinha uma vaqueira de saia de franjas, a do outro, uma silhueta de caubói com chapéu e um laço acima da cabeça.

Ao dar uma olhada no fim do corredor, Tiel viu um caubói de verdade entrando na loja. Alto, esguio, de chapéu Stetson baixo sobre a testa. Ele

assentiu para a caixa de cabelos arrepiados de tanto permanente, pintado de um tom estranho de ocre.

Mais perto de Tiel havia um casal de idosos olhando os suvenires, aparentemente sem pressa para voltar ao seu trailer Winnebago. Ao menos Tiel supôs que o Winnebago parado na bomba de gasolina fosse deles. Com seus óculos bifocais, a senhorinha lia os ingredientes de um vidro na prateleira. Tiel a ouviu exclamar: “Pimenta de jalapeño em *geleia*?! Meu bom Deus.”

Então, o casal se juntou a Tiel no corredor, seguindo aos respectivos toaletes.

– Não fique enrolando, Gladys – disse o homem. Suas pernas brancas eram literalmente carecas e pareciam ridiculamente finas com o short cáqui e os tênis atléticos de solado grosso.

– Cuide do que é de sua conta e eu cuido do que é da minha – respondeu ela, espertamente. Ao passar por Tiel, ela deu uma piscada de quem diz “eles pensam que sabem tudo, mas quem sabe somos nós”. Em outro momento, Tiel teria achado o casal bonitinho e encantador. Mas ela estava pensativa, lendo o que havia escrito quase ao pé da letra do que Gully dissera.

– Você disse “saiu alucinadamente”. Estranha escolha de palavras, Gully.

– Você sabe guardar segredo? – Ele baixou o tom de voz expressivamente. – Porque o meu vai estar na reta se isso for publicado antes de nosso noticiário. Nós saímos na frente de todas as emissoras e jornais do estado.

O couro cabeludo de Tiel começou a formigar, como acontecia quando ela ouvia algo que nenhum outro repórter tinha ouvido, quando descobria o fato que destacava a história de todo o restante, quando sua exclusividade tinha potencial para ganhar um prêmio jornalístico ou os elogios de seus colegas. Ou de garantir-lhe um cobiçado nicho no noticiário *Nine Live*.

– Para quem eu contaria, Gully? Estou compartilhando o ambiente com um caubói fazendeiro que está comprando um encarte de latas de cerveja Bud e uma vovozinha insolente cujo marido é de fora do estado, quer

dizer, imagino pelo sotaque. E dois mexicanos que não falam inglês. – O par havia entrado na loja. Ela entreouviu a conversa em espanhol, enquanto aqueciam burritos num micro-ondas.

– Linda... – disse Gully.

– Linda? Ela ganhou a história?

– Você está de férias, lembra?

– Férias que você me obrigou a tirar! – exclamou Tiel.

Linda Harper era outra repórter, boa pra cacete e rival não declarada de Tiel. Ela estava magoada por Gully ter designado Linda para cobrir uma história tão suculenta que, por direito, lhe pertencia. Ao menos, da maneira com ela via.

– Você quer ou não ouvir isso? – perguntou ele, mal-humorado.

– Vá em frente.

O idoso surgiu do banheiro masculino. Ele foi até o fim do corredor, onde parou para esperar pela esposa. Para matar tempo, tirou uma filmadora de um saquinho de náilon e ficou manuseando-a.

– Linda entrevistou a melhor amiga de Sabra Dendy essa tarde – disse Gully. – Agora, segura essa. A garota Dendy está grávida de um bebê de Ronnie Davison. De 8 meses. Eles vinham escondendo.

– Você está brincando! E os Dendy não sabem?

– Segundo a amiga, ninguém sabia. Quer dizer, até ontem à noite. Os garotos deram a notícia aos pais, e Russ Dendy ficou doido.

A mente de Tiel já estava lá na frente, preenchendo as lacunas.

– Então, isso não é sequestro. É um Romeu e Julieta contemporâneo.

– Eu não disse isso.

– Mas...?

– Mas esse seria meu primeiro palpite. Opinião compartilhada pela melhor amiga e confidente de Sabra Dendy. Ela alega que Ronnie Davison é louco por Sabra e não machucaria um fio de cabelo dela. Disse que Russell Dendy vem lutando contra o romance há mais de um ano. Ninguém é bom o suficiente para sua filha, eles são novos demais para saber o que fazem, a faculdade é prioridade, e assim por diante. Já viu.

– Vi.

E o que havia de errado no quadro era que Tiel McCoy não estava nele, e sim Linda Harper. Droga! Com tanto tempo para sair de férias.

– Eu estou voltando essa noite, Gully.

– Não.

– Acho que você me colocou nessa corrida maluca para que fosse impossível voltar.

– Não é verdade.

– A que distância estou de El Paso?

– El Paso? Quem falou em El Paso?

– Ou San Antonio? O que for mais perto. Eu poderia dirigir até lá e pegar o primeiro voo da Southwest, de manhã. Você tem a programação deles à mão? A que horas decola o primeiro voo para Dallas?

– Ouça, Tiel. Estamos cobertos. Bob está trabalhando sob o ângulo da caçada feita pelo pessoal da lei. Linda está cobrindo os amigos, professores e familiares dos garotos. Steve praticamente se mudou para a mansão dos Dendy, para que esteja lá caso seja pedido um resgate, o que eu não espero. Resumindo, aqueles garotos vão acabar aparecendo antes mesmo que você volte a Dallas.

– Então, o que estou fazendo aqui no meio do nada?

O idoso lançou um olhar curioso, por cima do ombro.

– Ouça – chiou Gully. – A amiga? Algumas semanas atrás, Sabra lhe contou que ela e Ronnie poderiam simplesmente fugir para o México.

Amolecida por estar mais perto da fronteira mexicana do que de Dallas, Tiel perguntou:

– Em que lugar do México?

– Ela não sabia. Ou não disse. Linda teve que torcer-lhe o braço para conseguir tirar isso. Ela não queria trair a confiança de Sabra. Mas uma coisa ela disse, que o pai de Ronnie – pai verdadeiro, a mãe dele casou novamente – se solidariza com o apuro dos dois jovens. Um tempo atrás, ele se ofereceu para ajudar, caso eles algum dia precisassem. Agora, você vai se sentir muito mal por ter gritado comigo, quando eu lhe disser onde ele mora.

– Hera.

– Satisfeita?

Ela deveria ter pedido desculpas, mas não pediu. Gully entendia.

– Quem mais sabe disso?

– Ninguém. Mas saberão. Para nossa vantagem, Hera é uma cidade pequena, não é conhecida.

– Conte-me a respeito – murmurou ela.

– Quando o negócio se espalhar, todos irão levar um tempo até chegar lá, mesmo de helicóptero. Você decididamente terá um tempo de vantagem.

– Gully, eu te amo! – disse ela, empolgada. – Pode me orientar como ir a partir daqui?

A senhorinha surgiu do banheiro feminino e se juntou ao marido. Ela o repreendeu por mexer na filmadora e ordenou que a colocasse de volta na sacola, antes que a quebrassem.

– Até parece que você é especialista em câmeras de vídeo – respondeu o velhinho.

– Dediquei um tempão para ler o manual de instruções. Você, não.

Tiel enfiou o dedo no ouvido para poder ouvir Gully melhor.

– Qual é o nome do pai? Davison, eu presumo.

– Tenho um endereço e telefone.

Tiel anotou as informações tão rápido quanto ele disse.

– Tenho um horário marcado com ele?

– Estou trabalhando nisso. Talvez ele não concorde em se deixar filmar.

– Eu o farei concordar – disse ela, confiante.

– Estou mandando um helicóptero com um fotógrafo.

– O Kip, se ele estiver disponível.

– Vocês se encontrarão em Hera. Você fará a entrevista amanhã, assim que estiver combinado com Davison. Então, pode continuar seu caminho feliz.

– A menos que haja mais história ali.

– Negativo. Essa é a condição, Tiel. – Ela o imaginou sacudindo a cabeça, teimoso. – Você faz essa parte, depois segue para Angel Fire.

Ponto final. Fim de discussão.

– É você quem manda. – Ela podia facilmente concordar agora, depois discutir, se surgissem novos acontecimentos.

– Certo, vejamos. Saindo de Rojo Flats... – O mapa devia estar bem na mesa dele, porque depois de alguns segundos ele passava as instruções. – Não deve demorar para chegar lá. Você não está com sono, está?

Ela nunca ficava mais alerta do que quando buscava uma história. Seu problema era desligar e conseguir dormir.

– Vou comprar algo com cafeína pra levar.

– Ligue pra mim assim que chegar lá. Reservei um quarto pra você no único motel. Você não tem como errar, me disseram que fica no único sinal de trânsito, de luz intermitente. Eles vão ficar acordados, esperando você, pra entregar a chave do quarto. – Mudando de assunto, ele comentou: – O namorado novo vai ficar injuriado.

– Pela última vez, Gully, não tem namorado novo.

Ela desligou e fez outra ligação: para o namorado novo.

Joseph Marcus era tão viciado em trabalho quanto ela. Ele tinha um voo programado logo cedo, no dia seguinte, então ela imaginava que estivesse em sua mesa, trabalhando até tarde, deixando as coisas em ordem antes de se ausentar por vários dias. Ela estava certa. Ele atendeu ao telefone do escritório no segundo toque.

– Você recebe hora extra? – provocou ela.

– Tiel? Oi. Que bom que você ligou.

– Está tarde. Fiquei com medo que não fosse atender.

– Reflexo. Onde está você?

– No fim do mundo.

– Está tudo bem? Você não teve nenhum problema com o carro, nada assim, não é?

– Não, está tudo ótimo. Eu liguei por algumas razões. Primeiro, porque sinto sua falta.

O caminho era esse. Deixar claro que a viagem continuava de pé. Estava sendo adiada, não cancelada. Assegurar-lhe que tudo estava legal,

depois informar do ligeiro contratempo nos planos para a escapada romântica que eles teriam.

– Você me viu ontem à noite.

– Mas foi só rapidinho e hoje foi um dia longo. Depois, eu liguei para lembrá-lo de colocar um calção de banho na mala. A banheira quente do condomínio é pública.

Depois de uma pausa, ele disse:

– Na verdade, Tiel, ainda bem que você ligou. Eu precisava falar com você.

Algo no tom da voz dele fez com que ela parasse de tagarelar. Ela parou de falar e esperou que ele preenchesse o silêncio que se estendeu entre eles.

– Eu poderia ter ligado para o seu celular hoje, mas isso não é o tipo de coisa... o fato é que... Eu lamento muito, nem consigo dizer o quanto.

Tiel olhava as incontáveis perfurações no metal que cercava o telefone. Ela ficou olhando tanto tempo sem piscar que os buraquinhos começaram a grudar uns nos outros. Distraída, ela imaginava para que serviam.

– Receio que não poderei ir amanhã.

Ela estava na expectativa, prendendo a respiração. Agora soltava o ar, aliviada. A mudança de planos dele aliviou sua culpa de ter que mudar a programação.

No entanto, antes que ela pudesse falar, ele continuou.

– Eu sei o quanto você estava esperando por essa viagem. E eu também – ele se apressou a acrescentar.

– Deixe-me facilitar as coisas para você, Joseph. – Ela humildemente confessou. – A verdade é que eu estava ligando pra dizer que preciso de mais alguns dias antes que possa chegar a Angel Fire. Então, tudo bem em adiar um pouquinho. Sua programação permite que a gente se encontre, digamos, na terça, em vez de amanhã?

– Você não está entendendo o que eu estou dizendo, Tiel. Eu não posso encontrá-la.

As perfurações se emendaram de novo.

– Ah, entendo. Decepcionante. Bem...

– Tem sido muito tenso por aqui. Minha esposa encontrou meu bilhete aéreo e...

– Perdão?

– Eu disse que minha esposa encontrou...

– Você é casado?

– Bem... sim. Achei que soubesse.

– Não. – Seus músculos faciais ficaram rijos e inflexíveis. – Você se esqueceu de mencionar uma sra. Marcus.

– Porque meu casamento não tem nada a ver com você, conosco. Faz muito tempo que não é um casamento *de verdade*. Depois que eu te explicar minha situação em casa, você vai entender.

– Você é casado. – Dessa vez foi uma afirmação, não uma pergunta.

– Tiel, ouça...

– Não, eu não vou ouvir, Joseph. O que vou fazer é desligar, seu filho da puta.

O fone, que ela estivera tão relutante em segurar, dez minutos antes, agora estava espremido em sua mão, bem depois de colocado no gancho. Ela recostou no telefone público, a testa pousada no metal perfurado, mantendo as mãos no fone gorduroso.

Casado. Ele parecia bom demais para ser verdade, e era. Bonito, charmoso, amigável, perspicaz, atlético, bem-sucedido e financeiramente seguro, o tal Joseph Marcus era casado. Se não fosse por um bilhete aéreo, ela estaria tendo um caso com um homem casado.

Ela engoliu a onda de náusea e esperou mais um instante para se recompor. Lamberia seu ego ferido mais tarde, se repreenderia severamente por bancar a Pollyanna e o praguejaria sem parar. Mas agora tinha trabalho a fazer.

A revelação de Joseph a deixara cambaleante de incredulidade. Estava furiosa. Estava terrivelmente magoada, porém, mais que tudo, constrangida por sua ingenuidade. Mais um motivo para não deixar que aquele bastardo afetasse seu desempenho profissional.

O trabalho era sua panaceia, o apoio de sua vida. Quando estava feliz, ela trabalhava. Triste, trabalhava. Doente, também trabalhava. O trabalho

era a cura para todos os seus males. O remédio para tudo... até para um coração tão profundamente partido, a ponto de achar que você vai morrer.

Ela sabia disso em primeira mão.

Juntou seu orgulho com suas anotações sobre a história de Dendy e as instruções de Gully para chegar a Hera, no Texas, e ordenou a si mesma que se mexesse.

Comparada à obscuridade do corredor, a iluminação fluorescente da loja parecia terrivelmente clara. O caubói tinha partido. O casal de idosos olhava as revistas. Os dois homens que falavam espanhol comiam burritos e conversavam baixinho.

Tiel sentiu os olhares faiscantes ao passar por eles a caminho das prateleiras refrigeradas. Um deles disse algo que fez o outro rir, debochado. Era fácil adivinhar a natureza do comentário. Ainda bem que seu espanhol estava enferrujado.

Ela abriu a porta deslizante da geladeira e escolheu uma embalagem de seis latas de refrigerante turbinado para a estrada. Da prateleira dos petiscos, escolheu um pacote de sementes de girassol. Durante a faculdade, ela descobriu que ficar abrindo as casquinhas salgadas para tirar a semente era um bom exercício manual para se manter acordado, enquanto se está estudando. Tomara que isso também servisse para a direção noturna.

Ficou em dúvida quanto a comprar ou não um pacote de caramelos cobertos de chocolate. Só porque um homem com quem vinha saindo havia semanas era um babaca casado, não significava que ela deveria usar essa desculpa para se entupir. Por outro lado, se ela merecia um mimo...

A câmera de segurança no canto do teto literalmente explodiu, lançando pedaços de vidro e metal para todo lado.

Tiel instintivamente se encolheu com o barulho ensurdecedor. Mas a câmera não explodiu sozinha. Um jovem tinha entrado na loja e disparado sua pistola na câmera. O atirador, então, mirou a arma para a caixa, que deu um gritinho antes que o som parecesse congelar em sua garganta.

– Isso é um assalto – disse ele, de modo melodramático, um tanto desnecessariamente, já que era tão evidente.

Para a jovem que o acompanhava, ele disse:

– Sabra, olhe os outros. Se alguém se mexer, me avise.

– Está bem, Ronnie.

Ora, eu posso morrer, pensou Tiel. Mas pelo menos vou ter minha história.

E ela não teria que ir até Hera para obtê-la. A história veio até ela.

CAPÍTULO | 2

– VOCÊ! – RONNIE DAVISON apontou a pistola para Tiel. – Venha pra cá. Deite aqui no chão. – Sem conseguir se mexer, ela só olhava boquiaberta. – Agora!

Soltando no chão o pacote de semente de girassol e as latas de refrigerante, Tiel foi até o local indicado e deitou de bruços, conforme instruído. Agora que o choque inicial tinha passado, ela segurou a língua para não perguntar por que ele estava acrescentando um assalto à mão armada ao sequestro.

Mas ela duvidava que num momento desses o jovem fosse receptivo a qualquer pergunta. Além disso, até saber o que estava sendo planejado para ela e as outras testemunhas, talvez não devesse revelar que era uma repórter e conhecia a identidade de sua cúmplice.

– Venham até aqui e deitem – ordenou ele ao casal idoso. – Vocês dois. – Ele apontou a arma para os homens mexicanos. – Agora! Andem!

Os velhinhos obedeceram sem discutir. Os mexicanos continuaram onde estavam.

– Eu vou atirar em vocês se não vierem pra cá! – gritou Ronnie.

Mantendo a cabeça abaixada e dirigindo-se ao chão, Tiel disse:

– Eles não falam inglês.

– Cale a boca!

Ronnie Davison rompeu a barreira do idioma e se fez entender gesticulando a pistola. Movendo-se lenta e relutantemente, os homens se juntaram a Tiel e ao casal idoso no chão.

– Coloquem as mãos atrás da cabeça.

Tiel e os outros obedeceram.

Ao longo dos anos, Tiel tinha coberto dúzias de notícias, onde curiosos inocentes que se tornaram testemunhas de um crime eram frequentemente encontrados na cena, virados de bruços, mortos com um tiro atrás da

cabeça, executados pela única razão de estarem no lugar errado, na hora errada. Será que sua vida terminaria assim?

Estranhamente, não estava tão assustada quanto zangada. Ela não tinha feito nada do que queria! *Snowboarding* parecia muito legal, mas não tivera tempo de experimentar. Correção: Ela não tinha *dedicado* um tempo para experimentar. Queria ver Paris novamente, não como uma aluna de ensino médio sob severa supervisão, mas sozinha, livre para andar pelos bulevares a seu gosto.

Havia metas que ainda tinha que alcançar. E pensar nas histórias que deixaria de cobrir, se sua vida acabasse agora. *Nine Live* acabaria indo para Linda Harper automaticamente, e isso era muito injusto.

Porém, nem todos os seus sonhos eram relativos à carreira. Ela e outras amigas solteiras brincavam quanto aos relógios biológicos, mas, intimamente, ela se angustiava com o tique-taque incessante. Se morresse essa noite, ter um filho seria um dos muitos sonhos que deixariam de ser realizados.

E havia outra coisa. O mais importante. A culpa poderosa que alimentava sua ambição. Ela não fizera o suficiente para compensar isso. Ainda não tinha se resignado com as palavras ásperas ditas com raiva que foram tragicamente proféticas. Ela precisava se redimir disso.

Ficou na expectativa, esperando pela morte.

Mas a atenção de Davison estava em outra coisa.

– Você, no canto – gritou o jovem. – Agora! Ou vou matar os velhos. É com você.

Tiel ergueu a cabeça apenas o suficiente para dar uma olhada no espelho convexo, preso no canto do teto. Ela presumira errado. O caubói não tinha ido embora. No espelho, ela o viu calmamente recolocar um romance na gôndola giratória. Conforme veio desfilando pelo corredor, ele tirou o chapéu e colocou em cima de uma prateleira. Tiel teve a sensação de reconhecê-lo, mas achou que era por tê-lo visto antes, quando ele entrou na loja.

Os olhos, que ele mantinha fixos em Ronnie Davison, tinham umas ruguinhas nos cantos. Lábios sérios. O rosto dizia *Não se meta comigo*, e

Ronnie Davison interpretava bem. Nervosamente, ele trocou a pistola de mão, até que o caubói estivesse esticado ao lado de um dos mexicanos, as mãos atrás da cabeça.

Enquanto tudo isso se passava, a caixa esvaziara a gaveta, colocando o dinheiro num saco plástico do mercado. Aparentemente, essa loja fora de caminho não era equipada com cofre onde o dinheiro pudesse ser automaticamente colocado ao fim do dia. Pelo que Tiel podia ver, havia uma quantidade apreciável de dinheiro no saco que Sabra Dendy pegou da caixa.

– Estou com o dinheiro, Ronnie – disse a filha de um dos homens mais ricos de Fort Worth.

– Então, tudo bem. – Ele hesitou, como se estivesse incerto quanto ao que fazer a seguir. – Você – disse ele, dirigindo-se à caixa aterrorizada. – Deite com o restante.

Ela devia pesar uns 45kg molhada e não conhecia filtro solar. Quando a mulher deitou ao seu lado, Tiel notou que sua pele flácida pendia como couro dos braços ossudos. Esporadicamente, ela soluçava.

Todos tinham seu modo único de reagir ao medo. O casal de idosos desobedecera às ordens de Ronnie de manter as mãos atrás da cabeça. A mão direita do homem segurava firmemente a mão esquerda da esposa.

É agora, pensou Tiel. Ele vai nos matar agora.

Ela fechou os olhos e tentou rezar, mas fazia tempo que não rezava e estava sem prática. A linguagem poética da bíblia do rei James lhe escapava. Ela queria que esse apelo fosse eloquente e inspirador, persuasivo e atrativo o suficiente para que Deus se distraísse de todas as outras preces que lhe estivessem sendo encaminhadas naquele momento específico.

Mas, de qualquer forma, Deus provavelmente não aprovaria seus motivos puramente egoístas para querer viver, portanto, tudo que ela conseguiu pensar foi “Pai do céu, por favor, não me deixe morrer”.

Quando o grito irrompeu o silêncio, Tiel achou que com certeza viera da caixa. Ela deu uma olhada rápido para a mulher ao seu lado, querendo

ver que tortura indizível estaria sofrendo. Mas a mulher continuava resmungando, não gritando.

Fora Sabra Dendy quem gritara, e aquele primeiro som assustador foi seguido de “Ai, meu Deus! *Ronnie!*”.

O garoto saiu correndo até ela.

– Sabra? Qual é o problema? O que está acontecendo?

– Eu acho que é... Oh, Deus.

Tiel não pôde se conter. Ela ergueu a cabeça para ver o que estava acontecendo. A garota estava se contorcendo e olhava, pasma, para uma poça líquida entre seus pés.

– A bolsa dela estourou.

Ronnie girou a cabeça e olhou fixamente para Tiel.

– O quê?

– A bolsa estourou. – Ela repetiu a afirmação com mais convicção do que sentia. Na verdade, seu coração estava disparado. Isso poderia ser a centelha para provocá-lo a liquidar as coisas, talvez matando todos e depois lidando com a crise da namorada.

– Isso mesmo, mocinho. – Destemida, a senhora idosa sentou e se dirigiu a ele, com a mesma temeridade que havia demonstrado quando deu uma bronca no marido por mexer na câmara de vídeo. – O bebê está chegando.

– Ronnie? Ronnie? – Sabra segurava a barra do vestido de alcinhas entre as coxas, como se para impedir o curso da natureza. De joelhos dobrados, ela foi abaixando ao chão, até sentar nos calcanhares. – O que vamos fazer?

A garota estava claramente assustada. Nem ela, nem Ronnie pareciam peritos em roubo à mão armada. Nem em partos. Pegando a coragem da velhinha, Tiel também sentou.

– Eu sugiro...

– Você, cale a boca! – gritou Ronnie. – Todo mundo, apenas calem a boca!

Ele manteve a pistola apontada para eles, enquanto se ajoelhava ao lado de Sabra.

- Elas estão certas? Isso quer dizer que o bebê está chegando?
- Acho que sim. – Ela assentiu, as lágrimas correndo pelo rosto. –

Sinto muito.

- Tudo bem. Quanto tempo... Quanto tempo até ele nascer?
- Eu não sei. Isso varia, eu acho.
- Dói?

Novas lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

- Já está doendo há algumas horas.
- Algumas horas! – gritou ele, alarmado.
- Mas só um pouquinho. Não muito.
- Há quanto tempo começou? Por que você não me disse?
- Se ela estiver em trabalho de parto...
- Eu lhe disse pra calar a boca! – gritou ele com Tiel.

– Se ela estiver em trabalho de parto há um tempo – persistiu ela, mantendo os olhos fixos nos dele –, é melhor você providenciar cuidados médicos. Imediatamente.

– Não – disse Sabra, rapidamente. – Não lhe dê ouvidos, Ronnie. – Ela o pegou pela manga. – Estou bem, estou...

Uma dor arrebatou-a. Seu rosto se contorceu. Ela resfolegou.

– Ai, Deus. Ai, Jesus. – Ronnie estudou o rosto de Sabra, cravando os dentes no lábio inferior. A arma balançou.

Um dos homens mexicanos – o mais baixo – levantou-se e saltou na direção do casal.

– Não! – gritou Tiel.

O caubói lançou-se para agarrar a perna do mexicano, mas não alcançou.

Ronnie disparou a pistola.

A bala estilhaçou a porta de vidro do compartimento refrigerado, fazendo um som horrendo e perfurando um galão plástico. Tudo ao redor ficou lavado de vidro e leite.

O mexicano se deteve. Antes que ele parasse completamente, a inércia fez com que seu corpo balançasse ligeiramente para a frente e para trás, como se suas botas estivessem grudadas ao chão.

– Para trás, ou eu atiro! – O rosto de Ronnie estava todo vermelho. Não era necessário um idioma comum para transmitir a mensagem. Seu amigo mais alto falou com ele baixinho, num tom urgente, em espanhol. Ele recuou até seu ponto de partida, depois sentou novamente.

Tiel o olhou fulminante.

– Você poderia ter tido sua cabeça tola explodida. Guarde seu machismo para outra hora, está bem? Não quero ser morta por causa dele.

Embora as palavras fossem desconhecidas para ele, deu para entender sua intenção. Seus olhos escuros orgulhosos faiscavam de ressentimento por ter sido abordado por uma mulher, mas ela não ligava.

Tiel virou de volta para o casal de jovens. Sabra agora estava deitada de lado, os joelhos junto ao peito. No momento, ela estava quieta.

Em contraste, Ronnie parecia prestes a perder o autocontrole. Tiel não conseguia acreditar que no espaço de uma única tarde ele pudesse se transformar de um aluno que nunca se envolvera em problemas num assassino a sangue-frio. Ela achava que ele não possuía o ímpeto de matar ninguém, mesmo para se defender. Se quisesse acertar o homem que o atacara, ele poderia facilmente tê-lo feito. Em vez disso, pareceu aborrecido como qualquer um dos outros por ter tido que disparar a pistola. Tiel achava que ele intencionalmente errara e só havia disparado para enfatizar sua ameaça.

Ou ela poderia estar inteiramente, terrivelmente errada.

Segundo a informação de Gully, Ronnie Davison vinha de um lar partido. Seu verdadeiro pai morava longe, portanto, as visitas não podiam ser frequentes. Ronnie morava com a mãe e o padrasto. E se o pequeno Ronnie tivesse problema com essa organização? E se sua personalidade tivesse sido distorcida pela separação forçada do pai, e durante anos ele tivesse alimentado raiva e desconfiança? E se estivesse ocultando impulsos assassinos com o mesmo êxito que ele e Sabra vinham escondendo a gravidez dela? E se tivesse ultrapassado os limites por conta da reação que Russell Dendy tivera à notícia? Ele estava desesperado, e o desespero era um motivador perigoso.

Por se manifestar, Tiel provavelmente seria a primeira que ele mataria. Mas ela não podia simplesmente ficar ali deitada sem pelo menos tentar evitar isso.

– Se você dá alguma importância a essa garota...

– Eu já lhe disse pra calar a boca.

– Eu só estou tentando evitar um desastre, Ronnie. – Como ele e Sabra haviam falado um com o outro, ele não se perguntaria como ela sabia seu nome. – Se você não arranjar ajuda para Sabra, irá se arrepender pelo resto de sua vida. – Ele estava ouvindo, então, ela aproveitou sua aparente indecisão. – Imagino que o filho seja seu.

– Que diabos você acha? É claro que é meu.

– Então, tenho certeza de que está preocupado com o bem-estar dele, tanto quanto com o de Sabra. Ela precisa de cuidados médicos.

– Não ouça o que ela diz, Ronnie – disse Sabra, baixinho. – Agora a dor está melhor. Talvez seja um alarme falso. Eu ficarei bem, se descansar um pouquinho.

– Posso levá-la a um hospital. Tem um relativamente perto.

– Não! – Sabra sentou e o agarrou pelos ombros. – Ele descobriria. Viria atrás de nós. Não. Nós vamos seguir de carro direto para o México, essa noite. Agora que temos um pouco de dinheiro, nós vamos conseguir.

– Eu poderia ligar para o meu pai...

Ela sacudiu a cabeça.

– A essa altura, o papai já deve tê-lo pego. Deve tê-lo subornado, ou algo assim. Estamos por nossa conta, Ronnie, e é assim que eu quero. Ajude-me a levantar. Vamos sair daqui. – Mas, conforme se esforçou para levantar, outra dor a dominou e ela segurou a barriga. – Ai, meu Deus, ai, meu Deus.

– Isso é loucura. – Antes que Tiel pudesse processar o comando de seu cérebro, ela estava de pé.

– Ei! – gritou Ronnie. – Abaixei novamente.

Tiel o ignorou, passou por ele e agachou ao lado da garota sofredora.

– Sabra? – Ela pegou sua mão. – Aperte minha mão até que a dor passe. Isso pode ajudar.

Sabra apertou-lhe a mão com tanta força que quase esmagou os ossos. Mas ela suportou, e juntas elas superaram a contração. Quando as feições da garota começaram a relaxar, Tiel sussurrou:

– Melhor agora?

– Hmm. – Então, com um traço de pânico: – Onde está Ronnie?

– Ele está bem aqui.

– Eu não vou deixá-la, Sabra.

– Acho que você deveria pedir que ele ligasse para a emergência, por você – sugeriu Tiel.

– Não.

– Mas você está correndo risco, assim como seu bebê.

– Ele nos encontraria. Ele nos pegaria.

– Quem? – perguntou Tiel, embora soubesse. Russel Dendy. Ele tinha uma reputação de ser um homem de negócios impiedoso. Pelo que sabia dele, Tiel não conseguia imaginá-lo menos inflexível em seus relacionamentos pessoais.

Ronnie disse, bruscamente:

– Volte pra lá com os outros, moça. Isso não é da sua conta.

– Você fez ser da minha conta, quando acenou a pistola para mim e ameaçou minha vida.

– Volte pra lá.

– Não.

– Olha, moça...

Ele hesitou quando um carro encostou, vindo da estrada, entrando no estacionamento. Os faróis varreram a frente da loja.

– Droga! Ei, moça! – Ele caminhou até a caixa e cutucou-a com a ponta do sapato. – Levante. Apague as luzes e tranque a porta.

A mulher sacudiu a cabeça, recusando-se a acatar a ordem dele ou a situação precária.

– Faça o que ele diz – disse a idosa a ela. – Ficaremos bem se fizermos o que ele diz.

– Ande logo! – O carro parou numa das bombas de gasolina. – Apague as luzes e tranque a porta.

A mulher levantou cambaleante.

– Eu não deveria fechar antes das 11. Ainda faltam dez minutos.

Se as circunstâncias não estivessem tão tensas, Tiel teria rido de seu cumprimento cego das regras.

– Faça isso agora – disse Ronnie. – Antes que ele saia do carro.

Ela foi até atrás do balcão, batendo os tamanquinhos. Ao apertar um interruptor, as luzes externas se apagaram.

– Agora tranque a porta.

Ela apertou algo em outro painel atrás do balcão e, com um estalo audível, a porta foi trancada eletronicamente.

– Como se destranca? – perguntou-lhe Ronnie.

Ele era esperto, pensou Tiel. Não queria ficar preso ali dentro.

– Apenas aperte esse interruptor aqui – respondeu a caixa.

O caubói e os dois mexicanos ainda estavam deitados de cara para o chão, com as mãos na cabeça. Eles não podiam ser vistos pelo homem que se aproximava da porta. Tiel e Sabra também estavam fora de vista, no corredor entre duas fileiras de prateleiras.

– Todo mundo quieto. – Ronnie andou agachado até a senhora idosa e pegou-a pelo braço, erguendo-a de pé.

– Não! – gritou o marido. – Deixe-a em paz.

– Cale a boca! – ordenou Ronnie. – Se alguém se mexer, eu vou matá-la.

– Ele não vai me matar, Vern – disse ela ao marido. – Ficarei bem, contanto que todos fiquem calmos.

A mulher seguiu as instruções de Ronnie e agachou ao seu lado, atrás de uma geladeira cilíndrica.

O cliente experimentou a porta, encontrou-a trancada e gritou:

– Donna! Você está aí dentro? Por que apagou as luzes?

Donna, encolhida atrás do balcão, permaneceu muda.

O cliente olhou através do vidro.

– Aí está você – disse ele, ao avistá-la. – O que foi?

– Responda – instruiu Ronnie, num sussurro.

– Estou... passando mal – disse ela, alto o suficiente para ser ouvida da porta.

– Ora, você não tem nada que eu já não tenha tido. Abra. Eu só preciso de dez dólares de gasolina e seis latas de Miller Lite.

– Não posso – ela gritou, lacrimosa.

– Ora, vamos, Donna. Não vai demorar nada e eu sigo meu caminho. Ainda não são 11 horas. Abra a porta.

– Não posso. – Ela se descontrolou no mesmo momento em que sua voz se elevou a um grito a plenos pulmões. – Ele está com uma arma e vai matar todos nós. – Ela abaixou atrás do balcão.

– Merda!

Tiel não sabia de que homem tinha vindo o palavrão, mas ecoou exatamente o que ela estava pensando. Ela também achava que, se Ronnie não atirasse na caixa, Donna, talvez ela o fizesse.

O homem da porta recuou, depois cambaleou ao virar e sair correndo para seu carro. Os pneus cantaram, conforme o veículo deu ré, depois girou e pegou a estrada.

– Não machuque minha esposa – dizia o velho. – Eu imploro, por favor, não machuque Gladys. Não machuque a minha Gladys.

– Quietos, Vern. Eu estou bem.

Ronnie estava zangado, gritando com Donna por ter sido tão imbecil.

– Por que você fez isso? Por quê? Aquele cara vai chamar a polícia. Nós vamos ficar presos aqui dentro. Ai, droga, por que fez isso?

A voz dele estava falando de frustração e medo. Tiel achou que ele provavelmente estivesse tão assustado quanto o restante. Talvez mais. Pois, independentemente de como a situação fosse resolvida, ele teria de enfrentar não apenas as consequências legais, mas a ira de Russell Dendy.

O jovem ordenou que a caixa saísse de trás do balcão, para onde ele pudesse vê-la.

Tiel não sabia se ela o obedecera ou não. Toda a sua atenção estava concentrada em Sabra, que estava no meio de outra contração.

– Aperte minha mão, Sabra. Respire. – Não é isso que mulheres em trabalho de parto devem fazer? Respirar? Isso que faziam nos filmes. Elas

bufam, esbaforidas e... gritam até derrubar a casa. – Respire, Sabra.

– Ei! Ei! – gritou Ronnie, subitamente. – Onde pensa que vai? Volte aqui e deite. Ei, *eu estou falando sério!*

Agora não era a hora de provocar o jovem agitado, e Tiel pretendia dizê-lo a quem o estivesse fazendo. Ela olhou para cima, mas sua repreensão cessou antes de ser dita, quando o caubói ajoelhou do outro lado de Sabra.

– Afaste-se dela! – Ronnie encostou o cano da arma na têmpora do caubói, mas isso foi ignorado, assim como os gritos de ameaça do jovem.

Mãos que pareciam acostumadas a lidar com mastros de cercas foram colocadas sobre o abdômen da menina. E apalpavam suavemente.

– Eu posso ajudá-la. – A voz dele era rouca, como alguém que não falava havia muito tempo, como se a poeira do Oeste do Texas tivesse se prendido em suas cordas vocais. Ele ergueu os olhos para Ronnie. – Me chamam de Doc.

– Você é médico? – perguntou Tiel.

Seu olhar calmo desviou para ela e ele repetiu:

– Eu posso ajudá-la.

CAPÍTULO | 3

– VOCÊ NÃO VAI TOCAR NELA – disse Ronnie, voraz. – Tire suas mãos nojentas dela.

O homem chamado Doc continuou a pressionar o abdômen da garota.

– Ela está na primeira ou segunda fase do trabalho de parto. Sem saber quanto tem de dilatação, fica difícil estimar a proximidade do parto. Mas suas dores estão vindo com frequência, então, suponho...

– Supõe?

Ignorando Ronnie, Doc afagou o ombro de Sabra, tranquilizando-a.

– É seu primeiro bebê?

– Sim, senhor.

– Pode me chamar de Doc.

– Está bem.

– Há quanto tempo começou a sentir as dores?

– Primeiro, eu só me senti meio engraçada, sabe? Bem, acho que não sabe.

Ele sorriu.

– Não tenho experiência pessoal disso, não. Descreva para mim, como foi a sensação.

– Como pouco antes da menstruação. Mais ou menos.

– Uma pressão aqui embaixo? E pontadas como cólicas fortes?

– Sim. Bem fortes. E dor nas costas. Achei que só estivesse cansada por ter andando tanto tempo na picape, mas foi piorando. Eu não queria dizer nada. – Ela desviou o olhar para Ronnie, que estava acima dos ombros largos de Doc. Ele estava prestando atenção em todas as palavras, mas continuava com a arma apontada para as quatro pessoas no chão, esticadas como fósforos.

– Quando começaram esses sintomas? – perguntou Doc.

– Por volta de três horas dessa tarde.

– Jesus, Sabra – gemeu Ronnie. – Oito horas? Por que você não me disse?

Os olhos dela começaram a lacrimejar novamente.

– Porque teria arruinado nossos planos. Eu queria ficar com você, de qualquer maneira.

– Shh. – Tiel afagou-lhe a mão. – Chorar só fará com que você se sinta pior. Pense no bebê que está chegando. Agora não deve demorar muito mais. – Ela olhou para Doc. – Demora?

– É difícil dizer com o primeiro bebê.

– Qual é sua opinião?

– Duas, três horas. – Ele levantou e se virou para Ronnie. – Ela terá o bebê essa noite. A facilidade ou dificuldade do trabalho de parto e do nascimento está em suas mãos. Ela precisa de um hospital, de uma sala de parto bem equipada, de uma equipe médica. O bebê também irá precisar de atenção imediata, assim que nascer. Essa é a situação. O que você vai fazer a respeito?

Sabra gritou com outra dor. Doc abaixou-se ao seu lado e monitorou a contração pousando as mãos sobre seu abdômen. A ruga profunda entre seus olhos alertou Tiel quanto a problemas.

– O que foi? – perguntou ela.

– Nada bom.

– *O quê?*

Ele sacudiu a cabeça, indicando que não queria discutir na frente da garota. Mas Sabra Dendy não era nenhuma boba. Ela percebeu a preocupação dele.

– Tem alguma coisa errada, não é?

Ainda bem que Doc não a subestimou.

– Errada, não, Sabra. Apenas mais complicada.

– O quê?

– Você sabe o que parto invertido significa?

Tiel resfolegou. Ela ouviu Gladys estalando a língua, lamentando.

– É quando o bebê... – Sabra parou e engoliu em seco. – Quando o bebê está de cabeça para baixo.

Ele assentiu sério.

– Acho que seu bebê está na posição errada. Sua cabeça não está para baixo.

Ela começou a lamuriar.

– O que você pode fazer?

– Às vezes, não é necessário fazer nada. O bebê vira sozinho.

– O que pode acontecer de pior?

Doc ergueu os olhos para Ronnie, que tinha feito a pergunta.

– Uma cesariana é feita, poupando a mãe e a criança de um parto exaustivo. O parto vaginal é perigoso e pode ser um risco de vida. Sabendo disso, você irá deixar que alguém ligue para a emergência e providencie ajuda para Sabra?

– Não! – gritou a garota. – Eu não vou para um hospital. Não vou!

Doc pegou a mão dela.

– Seu bebê pode morrer, Sabra.

– Você pode me ajudar.

– Não tenho equipamento.

– Mas pode, mesmo assim. Eu sei que pode.

– Sabra, por favor, escute o que ele diz – pediu Tiel. – Ele sabe do que está falando. Um parto invertido seria extremamente doloroso. Também pode arriscar a vida de seu bebê ou causar sérias deficiências. Por favor, peça ao Ronnie que aceite o conselho de Doc. Deixe-nos ligar para a emergência.

– Não – disse ela, sacudindo a cabeça com teimosia. – Vocês não entendem. Meu pai jurou que nem eu nem Ronnie jamais veríamos esse bebê, depois que ele nascesse. Ele vai dá-lo.

– Eu duvido que se...

Mas Sabra não deixou que Tiel terminasse.

– Ele disse que o bebê não significaria pra ele mais que um filhote de cachorro indesejado que ele daria à carrocinha. Quando meu pai diz alguma coisa, ele diz pra valer. Ele vai pegar nosso bebê e eu nunca mais vou vê-lo. E também vai nos manter separados. Ele disse que o faria, e fará. – Ela começou a chorar.

– Minha nossa – murmurou Gladys. – Pobrezinhos.

Por cima do ombro, Tiel olhou para os outros. Vern e Gladys agora estavam sentados, juntinhos, ele com o braço protetor ao redor dela. Ambos pareciam lamentosos.

Os dois mexicanos falavam baixinho, os olhos hostis olhando ao redor. Tiel só esperava que eles não estivessem tramando outra tentativa de dominar Ronnie. Donna, a caixa, continuava deitada no chão, o rosto para baixo, mas murmurava:

– Pobrezinhos droga nenhuma. Quase me matou.

Ronnie, chegando a uma decisão, olhou para Doc e disse:

– Sabra quer que você a ajude.

Ele pareceu prestes a discutir. Depois, talvez pela questão do tempo, mudou de ideia.

– Tudo bem. Por enquanto, eu farei o que posso, começando pelo exame interno.

– Você quer dizer...

– Sim. Isso é o que quero dizer. Preciso saber o quanto o trabalho de parto progrediu. Encontre alguma coisa com que eu possa esterilizar minhas mãos.

– Tenho um pouco de líquido antisséptico de mãos – disse Tiel a ele.

– Bom. Obrigado.

Ela fez menção de levantar, mas Ronnie a deteve.

– Pegue e volte logo. Lembre-se, estou de olho.

Ela voltou ao local onde tinha soltado a bolsa, os refrigerantes e as sementes de girassol. Tirou a embalagem plástica da bolsa. Então, chamando a atenção de Vern, ela fez uma mímica, como se segurasse uma filmadora junto ao olho. Primeiro, ele pareceu perplexo, mas depois Gladys cutucou-lhe nas costelas e sussurrou em seu ouvido. Assentindo vigorosamente, ele apontou o queixo na direção da bancada de revistas. Tiel lembrou que eles estavam por ali quando o roubo começou.

Ela voltou com o frasco de loção de mão e entregou a Doc.

– Ela não deveria ter algo por baixo?

– Temos forros de cama no trailer.

– Gladys! – exclamou Vern, obviamente mortificado pela admissão da esposa.

– Seriam perfeitos – disse Tiel, lembrando-se dos forros descartáveis que vira na cama do tio Pete, na casa geriátrica. Eles evitavam que a equipe tivesse que trocar os lençóis toda vez que um residente tivesse um acidente. – Eu vou pegá-los.

– Vai coisa nenhuma – disse Ronnie, refutando a ideia. – Você, não. Mas o velho pode ir. Ela fica aqui – acrescentou ele, apontando a pistola para Gladys.

Gladys afagou o joelho ossudo de Vern.

– Eu ficarei bem, querido.

– Tem certeza? Se algo acontecer com você...

– Nada vai acontecer comigo. Aquele menino tem mais com que se preocupar.

Vern ergueu o corpo raquítico do chão, bateu a poeira da traseira do short e seguiu para a porta.

– Bem, eu não posso passar pelo vidro.

Ronnie cutucou Donna novamente, que logo começou a implorar que ele lhe poupasse a vida. Ele a instruiu para que calasse a boca e destrancasse a porta, o que ela fez.

Na porta, Ronnie e o idoso trocaram um olhar expressivo.

– Não se preocupe, eu voltarei – tranquilizou-o o velho. – Eu não faria nada para colocar a vida de minha esposa em perigo. – E, embora Ronnie Davison tivesse pelo menos 30 quilos a mais e fosse meio palmo mais alto, ele deu um alerta. – Se você machucá-la, eu vou matá-lo.

Ronnie empurrou a porta abrindo-a e Vern saiu. Sua tentativa de dar uma corrida foi cômica mesmo sem querer ser. Tiel observou-o atravessando o estacionamento, até chegar às bombas de gasolina e entrar no trailer.

Doc estava conversando com Sabra quando ela teve mais uma contração com dor. Quando passou, a garota relaxou e fechou os olhos. Tiel olhou para Doc, que observava a menina.

– O que mais seria útil para você?

- Luvas.
- Verei o que posso encontrar.
- Um pouco de vinagre.
- Vinagre comum, destilado?
- Hmm. – Depois de uma pausa, ela frisou: – Você é bem tranquila sob pressão.

– Obrigada. – Eles continuaram observando a garota, que, no momento, parecia dormir. Tiel perguntou baixinho: – Isso vai acabar mal?

Ele apertou os lábios, formando uma linha austera.

- Não, se eu puder ajudar.
- Que gravidade...
- Ei, o que vocês dois estão cochichando aí?

Tiel ergueu os olhos para Ronnie.

- Doc precisa de luvas. Eu ia perguntar a Donna se tem na loja.
- Tudo bem, vá em frente.

Ela saiu do lado de Sabra e foi até o balcão. Donna estava em pé, atrás, esperando para destrancar a porta quando Vern voltasse. Ela olhou Tiel desconfiada.

- O que você quer?
- Donna, por favor, mantenha-se calma. Histeria só vai piorar a situação. Por enquanto, estamos todos seguros.
- Seguros? Rá! Essa é minha terceira vez.
- A ser roubada?

– Minha sorte está se esgotando. A primeira vez eram três deles. Chegaram todos bonitos, esvaziaram o caixa e me traçaram no freezer. Se o entregador dos laticínios não viesse, eu já era. Na segunda vez, um cara mascarado bateu com a coronha da arma na lateral da minha cabeça. Eu tive uma concussão e não consegui trabalhar durante seis semanas, por conta das dores de cabeça. Ficava tão tonta que vomitava o tempo todo. – Seu peito estreito inflou e murchou, com um suspiro profundo de resignação. – É só uma questão de tempo. A improbabilidade vai me pegar e um deles vai me matar. Acha que ele nos deixaria fumar?

– Se você tem tanto medo, por que não se demite e arranja outro emprego?

Ela olhou para Tiel como se ela tivesse perdido a cabeça.

– Eu adoro meu trabalho.

Se isso fosse lógico, talvez Tiel estivesse mesmo perdendo a cabeça.

– Você tem algum tipo de luva de látex na loja? Do tipo que os médicos usam?

Ela sacudi a cabeça de cabelos frisados de permanente.

– Rubbermaid, de borracha. Só essa. Acho que tenho dois pares junto com os produtos de limpeza.

– Obrigada. Fique fria, Donna.

Conforme Tiel passou por Gladys, ela se inclinou para baixo e sussurrou:

– Tem filme na câmera de vídeo de vocês?

A senhorinha assentiu.

– Duas horas de duração. E está rebobinado. A menos que Vern tenha feito besteira quando estava mexendo na câmera.

– Se eu a trazer para você...

– Ei! – gritou Ronnie. – O que estão cochichando agora?

– Ela está com medo por causa do marido. Estou tranquilizando-a.

– Lá está ele, agora – disse Gladys, apontando a porta.

Donna tirou o trinco e Vern entrou correndo, inteiramente escondido atrás de uma montanha de roupa de cama, exceto as perninhas magras. Ronnie ordenou que ele soltasse a pilha de travesseiros e mantas, mas o velho argumentou:

– Está tudo limpo. Se eu soltar, vai sujar. A moça deve ter um lugar confortável para deitar, e eu achei que essas toalhas também poderiam servir.

– Na verdade, essa foi uma ideia muito boa, Ronnie – disse Tiel. – Você pode examinar as coisas depois que ele as trazer até aqui.

Do trailer, além dos forros que ele tinha ido buscar, Vern também trouxera dois travesseiros, duas mantas, dois lençóis limpos e várias toalhas de banho. Ronnie não encontrou nada escondido na roupa de cama

e deu um sinal positivo para que Tiel fizesse uma cama, o que ela fez, enquanto Sabra ficava recostada em Doc.

Tiel só usou um dos lençóis, guardando um extra para mais tarde, caso surgisse necessidade. Quando ela terminou, Doc deitou a garota nas cobertas. Ela se acomodou grata. Tiel posicionou um dos forros descartáveis embaixo de seu quadril.

– Não são para o que você está pensando – declarou Vern.

Simultaneamente, Tiel e Doc ergueram os olhos para o idoso, surpresos em vê-lo abaixando para se confidenciar com eles.

– Não temos incontinência.

Tiel mal conseguiu conter o sorriso.

– Nós não perguntamos.

– Estamos em lua de mel – explicou Vern, num sussurro confidencial.

– Toda noite nós transamos. De dia também, quando dá vontade. Vocês sabem como são os casais em lua de mel. Esses forros não são as coisas mais confortáveis do mundo para o parceiro que estiver embaixo, mas nenhum de nós dois gosta de deitar no local molhado, e isso evita ter que trocar os lençóis toda vez.

O velhinho piscou, virou e obedeceu às instruções de Ronnie para que se juntasse aos outros. Sentou-se ao lado da esposa – sua noiva – que o abraçou e lhe deu um beijo estalado na bochecha, como prêmio por sua bravura.

Tiel, percebendo que estava de boca aberta, fechou-a. Ela desviou o olhar para Doc, que estava atento às dores de Sabra, mas mostrava um sorriso nos lábios finos.

Por baixo das sobancelhas, ele deu uma olhada para Tiel, viu que ela estava olhando pra ele, e fez um som fungado que pareceu um riso.

– Luvas?

– O quê?

– Você perguntou sobre as luvas?

– Ah, é... dois pares de Rubbermaid.

Ele sacudiu a cabeça.

– Serão a mesma coisa que um par de luvas de couro. E quanto ao vinagre?

– Chegando.

– E gaze.

Ela pediu permissão a Ronnie para pegar as coisas nos corredores, onde encontrou várias garrafas plásticas de vinagre, uma caixa de gaze esterilizada, e um pacote de lenços umedecidos descartáveis para bebês. Ela pegou tudo. No caminho de volta até Sabra, outra prateleira chamou-lhe a atenção. Num rompante de inspiração, ela acrescentou duas caixas de tintura de cabelo à coleção de itens.

Quando voltou à garota, Sabra estava ouvindo atentamente o que Doc lhe dizia.

– Não será confortável, mas eu vou tentar não machucá-la, está bem?

A garota concordou e olhou apreensiva para Tiel, acima.

– Você já fez algum exame pélvico, Sabra? – perguntou ela, baixinho.

– Uma vez. Quando fui buscar anticoncepcionais. – Tiel ergueu a cabeça intrigada e Sabra baixou os olhos, constrangida. – Parei de tomar porque eu estava engordando.

– Entendo. Bem, então você foi examinada antes, portanto, sabe o que esperar. Isso provavelmente não será pior do que o primeiro exame. Certo, Doc?

– Farei o mais brando que puder.

Tiel deu um rápido apertão na mão da garota.

– Estarei bem ali, se você...

– Não, fique aqui comigo. Por favor. – Ela gesticulou para que Tiel abaixasse, para falar em particular.

– Ele é legal – disse ela, falando baixinho no ouvido de Tiel. – Age e fala como um médico, mas não parece um, entende?

– Sim, entendo.

– Então, eu me sinto meio estranha que ele... sabe? Será que você poderia me ajudar a tirar a minha calcinha?

Tiel se endireitou e olhou para Doc.

– Poderia nos dar um instante, por favor?

- Claro.
- O que está havendo? – quis saber Ronnie, quando Doc levantou.
- A moça precisa de um pouco de privacidade. De mim. E de você.
- Mas, eu sou o namorado.
- Exatamente por isso, você é a última pessoa que ela quer observando.
- Ele está certo, Ronnie – disse Sabra. – Por favor.

O garoto se afastou com Doc. Tiel ergueu a saia de Sabra e ajudou, enquanto ela constrangidamente suspendia o quadril, puxando a calcinha pelas coxas.

– Pronto – disse Tiel, baixinho, tirando a peça úmida, que Sabra embolou e deixou do tamanho de uma bolinha de pingue-pongue.

– Desculpe, está toda grudenta.

– Sabra, a partir de agora, pode parar de se desculpar. Eu nunca tive filho, mas tenho certeza de que não teria nem metade da dignidade que você tem. Está mais confortável agora? – Obviamente, não. Ela podia ver, pela careta de Sabra, que ela estava tendo outra onda de dor. – Doc?

Ele chegou num instante, pressionando a curva de sua barriga.

– Eu certamente gostaria que ele virasse sozinho.

– Estou torcendo por uma menina – disse Sabra a ele, ofegante.

Doc sorriu. – É mesmo?

– Ronnie também gostaria de uma menina.

– Filhas são ótimas, mesmo.

Tiel deu uma olhada para ele. Será que ele tinha filhas?, pensou ela. Ela o imaginara solteiro, um solitário. Talvez por se parecer com o cara do Marlboro. Você nunca via o cara do Marlboro arrastando uma esposa e família.

Talvez...? Tiel não conseguia se livrar da sensação de já ter visto Doc em algum lugar. Sua semelhança aos modelos rústicos de propagandas de cigarro devia ser o motivo para que ele parecesse ligeiramente familiar.

Quando a dor passou, Doc colocou as mãos nos joelhos erguidos da garota.

– Tente relaxar o máximo possível. E me avise se eu estiver te machucando, está bem?

– Ah, espere. – Tiel esticou o braço, pegou a caixa de tinta de cabelo e abriu. Vendo a expressão interrogativa de Doc, ela explicou. – Isso vem com luvas descartáveis. Não serão ótimas, provavelmente nem irão servir – acrescentou ela, dando uma olhada para as mãos másculas dele –, mas talvez sejam melhor que nada.

– Boa ideia.

Ele descolou as luvas plásticas do papel encerado no qual estavam grudadas e pôs a mão numa delas. Ficaram desajeitadas, mas ele agradeceu Tiel, depois mais uma vez tranquilizou Sabra quanto a tentar fazer o melhor para não tornar aquilo tão desagradável.

– Isso pode ajudar. – Pelo recato da menina, Tiel espalhou o segundo lençol sobre os joelhos dela.

Doc deu uma olhada aprovadora.

– Apenas relaxe, Sabra. Vai acabar antes que você perceba.

Ela respirou fundo e fechou os olhos apertados.

– Primeiro, eu vou lavar a região com um desses lenços umedecidos. Depois, vou lavar com um pouco de vinagre. Pode ser um pouquinho frio.

Conforme ele despejou o vinagre em cima dela, secando com vários chumaços de gaze, ele perguntou como ela estava se sentindo.

– Tudo bem – respondeu ela timidamente.

Tiel se pegou prendendo a própria respiração.

– Respire fundo, Sabra. Isso irá ajudá-la a relaxar. Vamos fazer isso juntas. Puxe o ar. Agora solte. – Diante da penetração, Sabra se retraiu. Tiel disse: – Novamente. Puxe o ar profundamente. Solte. Isso. Agora não vai demorar muito mais. Você está indo muito bem.

Mas ela não estava. Era o que dizia a expressão de Doc. Ele tirou a mão do meio das coxas da garota e, escondendo sua preocupação, ficou elogiando o quanto tinha ido bem. Tirou as luvas e esticou a mão para pegar o antisséptico, esfregando vigorosamente nas mãos e antebraços.

– Está tudo bem?

Ronnie estava de volta. Foi ele quem fez a pergunta, mas Doc dirigiu sua resposta a Sabra.

– Você não dilatou muito.

– O que isso significa?

– Significa que seu trabalho de parto tem uma disfunção.

– Disfunção?

– É um termo áspero, mas é o termo médico para isso. Por mais fortes e frequentes que suas dores estejam ocorrendo, o colo de seu útero deveria estar mais dilatado. O bebê está tentando se empurrar para fora, mas nem todas as partes de seu corpo estão prontas para o nascimento.

– O que você pode fazer?

– Não posso fazer nada, Ronnie, mas você pode. Você pode parar com essa tolice e levar Sabra a um local onde ela receberá os cuidados obstétricos apropriados.

– Eu já lhe disse, não.

– Não – repetiu Sabra.

Antes que pudesse haver mais discussão, o telefone tocou.

CAPÍTULO | 4

OSOM INESPERADO E AGUDO assustou todo mundo. Donna estava mais perto do telefone.

– O que devo fazer? – perguntou ela.

– Nada.

– Ronnie, talvez você deva deixá-la atender – sugeriu Tiel.

– Por quê? Provavelmente não tem nada a ver comigo.

– Pode ser. Mas e se tiver? Você não prefere saber com que irá lidar?

Ele matutou por alguns segundos, depois gesticulou para que Donna fosse em frente e atendesse.

– Alô? – Ela ficou ouvindo, por um momento, depois disse: – Olá, xerife. Não, ele não estava bêbado. É como ele lhe disse, esse garoto nos tem como reféns, sob a mira de uma arma.

Subitamente a frente da loja foi banhada pela luz forte. Todos ali dentro estavam tão focados no estado de Sabra que ninguém tinha ouvido a aproximação de três carros de patrulha, que agora piscavam as luzes de teto. Tiel deduziu que o xerife provavelmente estivesse ligando de uma dessas unidades estacionadas depois das bombas de gasolina.

Ronnie se agachou saindo de vista, atrás da gôndola de salgadinhos Frito-Lay, gritando:

– Diga-lhes para apagarem essas luzes malditas, ou vou atirar em alguém.

Donna transmitiu o recado. Ela parou para ouvir, depois disse:

– Uns 18, eu acho. Diz que seu nome é Ronnie.

– Cale a boca! – Ronnie brandiu a pistola para ela. Ela deu um gritinho e soltou o fone.

As luzes dos carros foram apagadas, dois pares, quase que simultaneamente, o terceiro, alguns segundos depois.

Sabra gemeu.

– Ronnie, ouça-me – disse Doc.

– Não. Fique quieto e deixe-me pensar.

O jovem estava agitado, mas Doc persistiu, num tom de voz baixo e fervoroso.

– Se você quiser, fique aqui e vá até o fim. Mas a atitude de homem a tomar é deixar que Sabra saia. As autoridades irão levá-la ao hospital, onde ela precisa estar.

– Eu não vou – disse a garota. – Não, sem o Ronnie.

Tiel apelou-lhe.

– Pense em seu bebê, Sabra.

– Eu estou pensando em nosso bebê – chorava ela. – Se o papai puser as mãos no bebê, eu jamais voltarei a vê-lo. Não vou desistir. E também não vou desistir de Ronnie.

Vendo que sua paciente estava perto da histeria, Doc cedeu.

– Está bem, está bem. Se você não concordar em sair, que tal isso? E se um médico vier aqui?

– Você é médico – argumentou Ronnie.

– Não do tipo que Sabra precisa. Não tenho instrumentos. Não tenho nada que possa lhe dar para aliviar a dor. Esse será um parto difícil, Ronnie. Pode haver todo tipo de complicações sérias, com as quais não estou qualificado para lidar. Você está disposto a arriscar a vida de Sabra e também a da criança? Pois ao permitir que a situação continue como está, isso é o que você estará fazendo. Você pode perder um ou ambos. Então, não importa como termine, tudo isso terá sido para nada.

Tiel estava impressionada. Ela não poderia ter feito um apelo melhor.

O jovem passou um minuto pensando nas palavras de Doc, depois gesticulou para que Tiel fosse na direção do balcão e do fone ali pendurado. Depois que Donna o soltara, durante vários momentos, podia-se ouvir a voz de um homem que exigia saber o que estava acontecendo. Agora estava em silêncio.

– Você é boa no falatório – disse Ronnie. – É você que vai falar.

Ela ficou de pé e passou entre Sabra e Doc, seguindo pelo display de sacos de biscoitos salgadinhos, até o espaço aberto, no balcão. Ela não

perdeu tempo em ligar para a emergência. Assim que a telefonista atendeu, ela disse:

– Eu preciso que o xerife me telefone. Não faça perguntas. Ele está ciente dessa situação de emergência. Diga-lhe que ligue de volta para a loja de conveniência. – Ela desligou antes que a telefonista começasse o interrogatório de praxe, o que seria um desperdício do tempo valioso.

Eles esperaram num silêncio tenso. Ninguém disse uma palavra. Gladys e Vern estavam abraçados. Quando Tiel deu uma olhada na direção deles, Vern sutilmente chamou sua atenção para a sacola que estava em seu colo. De alguma forma, ele conseguira recuperá-la sem que Ronnie percebesse. Um Casanova habilidoso. Isso já daria uma boa história, pensou Tiel. Exceto pelo fato de que ela já tinha uma história melhor, da qual não era apenas repórter, mas participante. Gully ficaria extasiado. Se essa história não assegurasse seu lugar no *Nine Live*...

Embora estivesse esperando que o telefone tocasse, ela deu um pulo quando aconteceu. E atendeu imediatamente.

– Quem é?

Ela evitou responder, dizendo: – Xerife?

– Marty Montez.

– Xerife Montez, eu fui designada como a porta-voz. Sou uma das reféns.

– Vocês estão em perigo imediato?

– Não – respondeu ela, acreditando nisso.

– Você está sendo coagida?

– Não.

– Dê-me um resumo da situação.

Ela começou com um breve relato do roubo, iniciando com Ronnie atirando na câmera de segurança.

– O roubo foi interrompido quando sua cúmplice entrou em trabalho de parto.

– Parto? Você quer dizer ter um bebê?

– Exatamente, sim.

Depois de uma pausa extensa, durante a qual ela pôde ouvir a respiração ofegante de um homem com excesso de peso, ele disse:

– Responda, se puder fazê-lo em segurança, senhorita. Esses ladrões são, por acaso, um casal de garotos de ensino médio?

– Sim.

– O que ele está perguntando? – quis saber Ronnie.

Tiel cobriu o fone com a mão.

– Ele perguntou se Sabra está com dor e eu respondi.

– Je-sus! – exclamou o xerife, num tom quase assoviado. Numa voz baixa, ele passou a informação aos seus guardas, ou foi o que Tiel presumiu, dizendo que os reféns estavam sendo mantidos pelos garotos “de Fort Worth”. Depois, perguntou para ela: – Tem alguém ferido?

– Não. Estamos todos bem.

– Quem está aí dentro com você? Quantos reféns?

– Quatro homens e duas mulheres, além de mim.

– Você fala com suavidade. Por acaso seria uma srta. McCoy?

Ela tentou esconder sua surpresa de Ronnie, que estava ouvindo atentamente, acompanhando suas expressões faciais.

– Está correto. Ninguém foi ferido.

– Você é a srta. McCoy, mas não quer que eles saibam que é uma repórter de TV? Entendo. Seu chefe, um cara chamado Gully, ligou para o meu escritório duas vezes, exigindo que expedíssemos um boletim de busca por você. Disse que você saiu de Rojo Flats e deveria ter ligado para ele...

– O que ele está dizendo? – perguntou Ronnie.

Ela interrompeu o xerife.

– Seria melhor para todos se o senhor providenciasse um médico. Um obstetra, se possível.

– Diga a ele que traga qualquer coisa que achar necessário para um parto difícil.

Tiel transmitiu a mensagem de Doc.

– Assegure-se de que ele saiba que o bebê está sentado – acrescentou Doc.

Depois que Tiel transmitiu isso, o xerife perguntou de quem ela estava recebendo essas informações.

– Chamam-no de Doc.

– Você está de sacanagem comigo – disse o xerife.

– Não.

– Doc é um dos reféns. – Ela o ouviu repassando a informação. – Doc está dizendo que a garota Dendy precisa de um especialista, é?

– Isso mesmo, xerife. Assim que possível. Estamos preocupados com ela e com o bebê.

– Se eles se renderem, nós a levaremos imediatamente ao hospital. Eles têm a minha garantia.

– Receio que isso não seja uma possibilidade.

– Davison não a deixa ir?

– Não – disse Tiel. – Ela que não quer ir.

– Que meeer-da, que confusão – disse ele, com um suspiro profundo. – Certo, eu vou ver o que posso fazer.

– Xerife, eu não tenho como transmitir o quanto essa jovem está sofrendo. E...

– Vá em frente, srta. McCoy. O quê?

– A situação está sob controle – disse ela, lentamente. – Por enquanto, estão todos calmos. Por favor, não tome nenhuma medida drástica.

– Estou ouvindo o que está dizendo, srta. McCoy. Nada de estardalhaço, nem equipes da SWAT e coisas do gênero, não é?

– Precisamente. – Ela estava aliviada por ele ter entendido. – Até agora, ninguém foi ferido.

– E todos nós gostaríamos que continuasse assim.

– Fico muito contente em ouvir isso. Por favor, por favor, providencie um médico o mais depressa que puder.

– Pode deixar. Fique com o número do telefone que está comigo.

Ela decorou o número. Montez desejou sorte e desligou. Ela recolocou o fone no balcão, contente por perceber que era um modelo antigo e não tinha a função do viva-voz. Ronnie talvez quisesse ouvir as conversas futuras.

– Ele está providenciando um médico para vir aqui.

– Gostei de ouvir isso – disse Doc.

– Com que rapidez ele chegará?

Virando para Ronnie, ela respondeu:

– Assim que possível. Serei honesta com você. Ele adivinhou sua identidade e a de Sabra.

– Ai, droga – gemeu o garoto. – O que mais pode dar errado?

– Eles foram localizados!

Russell Dendy quase derrubou o agente do FBI que por acaso estava em seu caminho, quando o grito veio da sala ao lado. Ele não se desculpou por fazer com que o agente derramasse café na mão. Entrou como uma bala na biblioteca de sua casa que, desde aquela manhã, se transformara num posto de comando.

– Onde? Onde estão eles? Ele machucou minha filha? Sabra está bem?

O agente especial William Calloway era o encarregado. Era um homem alto, magro, que estava ficando careca e, não fosse pela pistola que usava atrás da cintura, mais parecia um agente hipotecário do que um agente federal. Seu comportamento tampouco era compatível com o estereótipo. Ele era calmo, de fala mansa – na maior parte do tempo. Russell Dendy colocara à prova a disposição afável de Calloway.

Quando Dendy irrompeu na sala disparando perguntas, Calloway sinalizou para que ele se acalmasse e continuou sua conversa telefônica.

Dendy impacientemente apertou um botão no telefone e a voz de uma mulher saiu pelo viva-voz.

– Chama-se Rojo Flats. Praticamente no meio do nada, a sudeste de San Angelo. Eles estão armados. Tentaram roubar uma loja de conveniência, mas o roubo foi frustrado. Agora estão mantendo reféns dentro da loja.

– Maldito. Maldito! – Dendy bateu o punho fechado na palma da outra mão. – Ele transformou minha filha numa criminosa comum! E ela não conseguia entender por que eu me opunha a ele.

Calloway mais uma vez sinalizou para que ele mantivesse a voz baixa.

- Você disse que eles estão armados. Há algum ferido?
- Não, senhor. Mas a menina está em trabalho de parto.
- Dentro da loja?
- Afirmativo.

Dendy xingou excessivamente.

- Ele a está mantendo contra sua vontade!

A mulher do outro lado disse:

– Segundo um dos reféns que falou com o xerife, a jovem se recusa a sair.

- Ele fez uma lavagem cerebral nela – declarou Dendy.

A agente do FBI do escritório de Odessa continuou, como se não tivesse ouvido o que ele falou.

– Um dos reféns aparentemente tem algum conhecimento médico. Ele está cuidando dela, mas um médico foi solicitado.

Dendy bateu no tampo da mesa com o punho fechado.

- Eu quero que Sabra seja tirada de lá, está me ouvindo?

– Estamos ouvindo, sr. Dendy – disse Calloway, sua paciência se esgotando.

- Não me importo se vocês precisam arrancá-la de lá com dinamite.

– Bem, eu me importo. Segundo a porta-voz, ninguém se feriu.

- Minha filha está em trabalho de parto!

– E nós a levaremos a um hospital, assim que possível. Mas eu não vou fazer nada que ponha em perigo a vida daqueles reféns, de sua filha, ou do sr. Davison.

– Olhe, Calloway, se você vai encarar essa situação que nem um broxa...

– A forma como encaro a situação é decisão minha, não sua. Está entendido?

Russell Dendy tinha fama de ser um verdadeiro filho da puta. Infelizmente, conhecê-lo não havia desmistificado a fama, nem mudado as concepções que Calloway fizera do milionário.

Dendy exercia uma supervisão despótica em várias corporações. Ele não estava acostumado a delegar poder a mais ninguém, ou sequer dar a

outra pessoa um voto quanto à sua forma de administrar as coisas. Seus negócios não eram democracias, nem sua família. A sra. Dendy não fizera nada, o dia todo, exceto chorar no lençinho e respaldar as respostas que o marido dava aos agentes, sobre a vida em família e o relacionamento que tinham com a filha. Ela não deu uma única opinião diferente do que ele dissera, nem fez qualquer observação pessoal.

Desde o começo, Calloway duvidava das alegações que Dendy fazia quanto ao sequestro. Em vez disso, ele descobriu muito mais em relação à versão viável: Sabra Dendy tinha fugido de casa com o namorado para escapar do pai dominador.

A repreensão de Calloway tinha deixado Dendy praticamente cuspidando de fúria.

- Estou a caminho de lá.
- Eu não aconselho isso.
- Como se eu não estivesse cagando para o que você aconselha.
- Não há espaço em nosso helicóptero para passageiros extras – disse o agente, para as costas de Dendy.

– Então, vou usar meu Lear.

Ele saiu intempestivo da sala e começou a berrar ordens para seu bando de capachos que estavam eternamente presentes, tão silenciosos e desobstrutivos como peças do mobiliário, até que os comandos estridentes de Dendy fizeram com que pegassem no tranco. Saíram correndo atrás dele. A sra. Dendy foi ignorada, nem sequer convidada a acompanhá-lo.

Calloway desligou o viva-voz do telefone e pegou o fone, para que pudesse ouvir a agente com mais clareza.

- Imagino que você tenha ouvido isso.
- Você está de mãos cheias, Calloway.
- Nem me fale. Como estão os locais por lá?
- Pelo que ouvi dizer, Montez é um xerife competente, mas está atolado até o pescoço e é esperto para saber disso. Está pedindo reforço dos Rangers e da patrulha rodoviária.

- Acha que eles irão se ressentir com a nossa presença?
- Não é isso que acontece sempre? – respondeu ela, secamente.

– Bem, isso chegou a nós como sequestro. Vou deixar assim até que saiba melhor.

– Na verdade, Montez provavelmente ficará contente em largar o problema no nosso colo. Sua principal preocupação é que não haja atos heroicos. Ele quer evitar um derramamento de sangue.

– Então, ele e eu estamos juntos. Acho que o que temos aqui são alguns garotos assustados que caíram numa armadilha e não conseguem achar a saída. Você sabe alguma coisa sobre os reféns?

Ela deu a descrição dos homens e mulheres.

– Um deles foi identificado pelo xerife Montez como um fazendeiro local. A caixa é figura permanente da loja de conveniência. Todo mundo em Rojo Flats a conhece. E aquela srta. McCoy, que falou com o xerife Montez, sabe?

– O que tem ela?

– Ela é repórter de uma emissora de televisão de Dallas.

– Tiel McCoy?

– Então, você a conhece?

Ele a conhecia e mentalmente formou uma imagem: magra, cabelos louros curtos, olhos claros. Azuis, talvez verdes. Ela estava na TV quase toda noite. Calloway também a vira fora do estúdio, junto com repórteres, em cenas de crimes que ele havia investigado. Ela era impetuosa, mas objetiva. Seus relatos nunca eram injustamente inflamados ou exploradores. Era bonita e profundamente feminina, mas possuía uma credibilidade merecida.

Ele não ficou contente em saber que uma jornalista de seu calibre estava no epicentro dessa crise. Esse era um fator de peso sem o qual ele podia passar.

– Ótimo. Uma repórter já está na cena. – Ele passou a mão atrás do pescoço, onde a tensão tinha começado a se acumular. Seria uma longa noite. Ele previa que a cidade de Rojo Flats, de onde jamais se ouvira falar, logo estaria inundada de gente da mídia, contribuindo para o tumulto.

– Diga sua intuição, Calloway – instigou a outra agente. – Aquele garoto sequestrou a garota Dendy?

– Eu só me pergunto por que ela demorou tanto para fugir de casa – murmurou Calloway baixinho.

CAPÍTULO | 5

ENQUANTO ELES ESPERAVAM a chegada do médico prometido, Doc pegou uma tesoura e um par de cadarços de sapatos do estoque da loja. Colocou para ferver num jarro usado para água nas bebidas instantâneas. Das prateleiras, também pegou guardanapos sanitários, fita adesiva e uma caixa de sacos plásticos.

Perguntou a Donna se eles estocavam aspiradores. Quando ela olhou-o inexpressiva, ele explicou – uma seringa emborrachada para remover muco do nariz e da garganta do bebê.

Ela coçou o cotovelo escamoso.

– Não temos muitos pedidos disso.

Ronnie estava nervoso quando Doc pegou o jarro de água fervendo. Ordenou que ele deixasse Gladys despejar a água, o que a idosa ficou feliz em fazer.

Depois dessa atividade, a espera foi interminável. Todos dentro da loja estavam cientes do crescente número de veículos que chegavam. A distância entre as bombas de gasolina e a entrada da loja estava como uma zona desmilitarizada, mantida vazia. Mas a área entre as bombas e a rodovia ficou congestionada de veículos oficiais e de emergência. Quando o espaço foi preenchido, eles começaram a estacionar no acostamento da estrada, perfilando ambos os lados da rodovia estadual. Não chegavam correndo feito malucos, mas a ausência de luzes piscando e de sirenes tocando tornava a presença deles ainda mais agourenta.

Tiel ficou imaginando se o fundo do prédio estaria com tanta movimentação quanto a frente. Obviamente, esta possibilidade também ocorreu a Ronnie, pois ele perguntou a Donna sobre uma porta dos fundos.

– Está vendo o corredor que segue aos banheiros? – disse ela. – Vê aquela porta? Passando por ali, fica a sala de estoque. E também o freezer, onde aqueles garotos malucos me trancaram.

– Eu perguntei sobre a porta dos fundos.

– É de ferro e trancada por dentro. Tem uma barra de segurança atravessada no meio e as dobradiças também são internas. É tão pesada que eu mal consigo abrir para as entregas.

Se Donna estivesse dizendo a verdade, ninguém entraria por aquela porta silenciosamente. Ronnie seria avisado antecipadamente quanto a uma tentativa.

– E quanto aos banheiros? – quis saber ele. – Eles têm alguma janela?

Ela sacudiu a cabeça que não.

– É verdade – disse Gladys. – Eu fui ao toalete feminino. Se vocês querem saber, acho que um pouco de ventilação não faria mal.

Livre dessas preocupações, Ronnie dividia sua atenção entre Sabra, seus reféns e o crescente movimento lá fora, que era mais que suficiente para mantê-lo ocupado. Tiel pediu licença do lado de Sabra e perguntou a Ronnie se podia pegar sua mochila.

– Minhas lentes de contato estão ficando secas. Preciso da minha solução hidratante.

Ele deu uma olhada rápida para o saco em cima do balcão. Ela o deixara ali, depois de pegar a loção de mão para Doc. Ele parecia relutante quanto a lhe dar permissão, quando ela disse:

– Só vai levar um segundo. Não posso ficar muito tempo longe de Sabra. Ela gosta de ter outra mulher por perto.

– Certo. Mas estou de olho em você. Não pense que não.

O tom desafiador do jovem era afetado. Ele estava com medo, mas ainda mantinha o dedo no gatilho da pistola. Tiel não queria ser responsável por fazê-lo passar do limite.

Ela foi até o balcão onde Ronnie podia vê-la remexendo na bolsa, à procura do frasquinho de solução. Destampou-o e inclinou a cabeça para trás, para pingar.

– Droga – xingou ela baixinho, mantendo um dedo sobre o olho. Depois tirou as lentes de contato, remexeu na bolsa em busca de outro frasco e passou a limpar as lentes, numa piscininha de solução, na palma da mão.

Sem virar para olhar Gladys e Vern, ela falou com eles, num sussurro.

– A câmera de vocês está com fita?

Vern – Deus o abençoe – estava inspecionando a cutícula da mão esquerda com cara de conspirador.

– Sim, senhora.

– E bateria nova também – acrescentou Gladys, dobrando a meia no tornozelo. Ela inspecionou, depois resolveu que gostava mais do jeito que estava antes, e esticou a meia. – Está prontinha pra filmar. Prepare-se. Temos um plano de distração.

– Espere...

Antes que Tiel pudesse terminar, Vern começou a ter um ataque de tosse. Gladys deu um salto, jogou a sacola no balcão, ao alcance de Tiel, depois começou a bater no meio das costas do marido.

– Ai, Deus, Vern, não me diga que é uma de suas crises de engasgo com a saliva. Com tantos momentos para isso acontecer. Pelo amor de Deus!

Tiel pôs a lente de contato e piscou para ajeitar no lugar. Então, enquanto todos, incluindo Ronnie, olhavam o idoso tossindo e tentando recuperar o fôlego, enquanto Gladys batia nele como se estivesse batendo num tapete, ela enfiou a mão na sacola para pegar a câmera.

Tiel tinha familiaridade suficiente com filmadoras portáteis para saber onde ficava o botão de ligar. Acionou o botão de gravar. Depois colocou numa prateleira, entre pacotes de cigarros, rezando para que não fosse percebida. Ela não tinha grandes esperanças quanto à qualidade da imagem, mas vídeos amadores já provaram ser inestimáveis no passado, incluindo o filme Zapruder do assassinato de JFK e o vídeo perturbador do espancamento de Rodney King, em Los Angeles.

A tosse de Vern parou. Gladys pediu a permissão de Ronnie para pegar uma garrafa d'água para ele.

Tiel recolocou os frascos das soluções para lentes de contato de volta na bolsa e já ia tirar a mão quando avistou o gravador portátil. Às vezes usava o gravador minúsculo durante entrevistas, como um complemento da gravação do vídeo. Depois, quando escrevia seu texto, ela não precisava

sentar na ilha de edição e assistir ao vídeo para ouvir a entrevista. Podia ouvir no pequeno gravador.

Não o trouxera intencionalmente. Era uma ferramenta de seu trabalho, não um item de férias. Mas ali estava, no fundo da bolsa, olhando para ela como um ícone de notícias, esperando para ser escavado. Ela o imaginou irradiando uma aura dourada.

Pegou o equipamento e enfiou no bolso da calça, na hora em que Sabra deu um grito agudo. Ronnie olhou em volta freneticamente, procurando por Tiel.

– Estou indo – disse ela a ele.

Fazendo um sinal positivo aos idosos atores, ela os contornou e correu de volta ao lado de Sabra.

Doc parecia preocupado.

– Suas dores diminuíram um pouco, mas, quando vêm, são agudas. Onde está o médico? Por que está demorando tanto?

Tiel secou a testa suada de Sabra com um chumaço de gaze que ela umedecera com água mineral.

– Quando ele, ou ela, chegar aqui, que eficácia poderá ter? O que poderá fazer, sob essas circunstâncias?

– Vamos apenas torcer para que tenha alguma experiência com partos de bebês sentados. Ou talvez consiga convencer Ronnie e Sabra de que uma cesariana é imprescindível.

– E se nenhum desses casos...?

– Será ruim – disse ele, sombrio. – Por tudo que envolve.

– Você pode fazer sem uma seringa?

– Espero que o médico traga uma. Deve trazer.

– E se ela não estiver dilatada...?

– Estou contando que a natureza siga seu curso. Talvez o bebê vire sozinho. Isso acontece.

Tiel afagou a cabeça da garota. Sabra parecia estar cochilando. Os estágios finais do trabalho de parto nem tinham começado e ela já estava exausta.

– É bom que ela possa tirar esses pequenos cochilos.

– Seu corpo sabe que mais tarde irá precisar de toda a força que conseguir reunir.

– Eu gostaria que ela não precisasse sofrer.

– Sofrer é uma droga, mesmo – disse ele, quase para si mesmo. – O médico pode lhe dar uma injeção para aliviar a dor. Algo que não prejudique o feto. Mas só até certo ponto. Quanto mais perto ela chegar do parto, maior é o risco de lhe dar drogas.

– E quanto à peridural? Eles não dão no estágio final do trabalho de parto?

– Eu duvido que tentem fazer um bloqueio nessas condições, embora o médico talvez se sinta confiante o suficiente.

Depois de um momento de reflexão, Tiel disse:

– Acho que seguir a ordem natural é loucura. Imagino que isso me torne uma desgraça da humanidade.

– Você tem filhos? – Quando os olhos deles se cruzaram, Tiel teve a sensação de ter sido levemente cutucada abaixo do umbigo.

– É... não. – Ela rapidamente desviou o olhar. – Eu só estou dizendo que quando, e se um dia, eu tiver filhos, quero drogas com *D* maiúsculo.

– Compreendo inteiramente.

E Tiel teve a impressão de que ele compreendia. Quando ela o olhou novamente, ele tinha voltado sua atenção para Sabra.

– Você tem filhos, Doc?

– Não.

– Mais cedo você fez um comentário sobre filhas que me levou a pensar...

– Não. – Os dedos dele circulavam o pulso de Sabra, com o polegar pousado no pulso. – Eu gostaria de ter um medidor de pressão. E ele certamente trará um fetoscópio.

– E isso...

– Monitora o batimento cardíaco do feto. Os hospitais agora usam equipamentos modernos de ultrassom. Mas eu me contentaria com o fetoscópio.

– Onde foi que você fez seu treinamento médico?

– O que realmente me preocupa – disse ele, ignorando a pergunta dela – é se ele irá ou não fazer o procedimento de episiotomia.

Tiel se retraiu diante da ideia da incisão na área delicada.

– Como poderia?

– Não será agradável, mas, se ele não fizer, ela pode facilmente rasgar e isso será ainda mais desagradável.

– Você não está ajudando meus nervos, Doc.

– Imagino que os nervos de nós todos já tiveram dias melhores. – Novamente, ele ergueu os olhos até ela. – A propósito, estou contente que você esteja aqui.

O olhar foi tão intenso e opressor quanto antes, mas dessa vez ela não se acovardou para desviar.

– Não estou fazendo nada construtivo.

– Simplesmente ficar com ela já é bastante coisa. Quando ela tiver uma dor, incentive-a para não lutar contra. Retrair a musculatura e os tecidos ao redor do útero só aumenta o desconforto. O útero foi feito para contrair. Ela deve deixá-lo trabalhar.

– Pra você é fácil dizer.

– Pra mim é fácil dizer – concordou ele, com um sorriso torto. – Respire com ela. Respire fundo, inalando pelo nariz e soltando pela boca.

– Essa respiração profunda irá me ajudar também.

– Você está indo muito bem. Ela se sente confortável com você. Você neutraliza sua timidez.

– Ela admitiu ficar envergonhada com você.

– Compreensível. Ela é muito jovem.

– Ela disse que você não parece médico.

– Não, imagino que não.

– Você é?

– Fazendeiro.

– Então, você é um caubói de verdade?

– Crio cavalos, tenho um rebanho de gado. Dirijo uma picape. Acho que isso me torna um caubói.

– Então, onde aprendeu...

O toque do telefone cessou a conversa particular dos dois. Ronnie arrancou o fone do gancho.

– Alô? Sou Ronnie Davison. Onde está o médico?

Ela parou para ouvir e, pela sua expressão, Tiel pôde ver que estava ouvindo algo que o irritava.

– FBI? Por quê? – Depois ele disparou: – Eu não a sequestrei, sr. Calloway! Estamos fugindo para nos casar. Sim, senhor, ela também é minha principal preocupação. Não. Não. Ela se recusa a ir para um hospital.

Ele escutou por mais um tempo e deu uma olhada para Sabra.

– Certo. Se o telefone alcançar. – Ele arrastou o telefone até Sabra, esticando o fio até onde ia. – O agente do FBI quer falar com você.

– Não fará mal levantar – afirmou Doc. – Na verdade, talvez até lhe faça bem.

Ele e Tiel apoiaram Sabra por baixo dos braços e juntos ajudaram-na a ficar de pé. Ela foi dando passinhos pequenos até uma distância suficiente para pegar de Ronnie o fone com o fio esticado.

– Alô? Não, senhor. O que Ronnie lhe disse é verdade. Eu não vou embora sem ele. Nem para ir ao hospital. Por causa do papai! Ele disse que irá tirar meu bebê, e ele sempre faz o que diz. – Ela fungou contendo as lágrimas. – Claro que eu vim com Ronnie voluntariamente. Eu... – Ela puxou o ar e agarrou um punhado do tecido da camisa de Doc.

Ele a pegou no colo e carregou de volta para a cama improvisada, pousando-a gentilmente. Tiel ajoelhou ao seu lado e, conforme Doc havia instruído, persuadiu Sabra a relaxar, não lutar contra a contração e respirar.

Ronnie falava ansiosamente ao telefone.

– Escute aqui, sr. Calloway, Sabra não pode mais falar. Ela está tendo uma contração. Onde está o médico que vocês prometeram? – Ele olhou através do vidro. – Sim, eu o vejo. Pode apostar que vou deixá-lo entrar.

Ronnie bateu com o fone no gancho e soltou o telefone de volta no balcão. Ele seguiu rumo à porta, depois, percebendo o quanto ficaria exposto aos atiradores de elite, agachou-se novamente atrás do display de biscoitos salgadinhos.

– Caixa, espere até que ele esteja na porta, para você destrancar. Depois, assim que ele entrar, tranque novamente. Entendido?

– Acha que sou imbecil?

Donna esperou até que o médico estivesse empurrando a porta, antes de destravá-la. Ele entrou e todos na loja, incluindo o jovem médico, ouviram o clique metálico quando a porta foi novamente trancada.

Nervosamente, ele deu uma olhada por cima do ombro antes de se apresentar.

– Eu sou... é... Dr. Cain. Scott.

– Venha até aqui.

O dr. Scott Cain era um homem bonito, estatura mediana, trinta e poucos anos. Passou os olhos arregalados nas pessoas reunidas em grupo na frente do balcão. Gladys acenou para ele.

Seu olhar voltou para Ronnie.

– Eu estava de plantão no município quando me passaram uma mensagem. Jamais poderia imaginar que seria chamado a uma emergência como essa.

– Com todo o respeito, dr. Cain, estamos com o tempo limitado.

Tiel compartilhava da impaciência de Doc. O dr. Cain, com suor atrás das orelhas, obviamente estava admirado por ser um participante de um drama como aquele. Ele não tinha absorvido inteiramente a seriedade da situação.

Doc perguntou se ele tinha sido comunicado quanto ao estado de Sabra.

– Disseram-me que ela estava em trabalho de parto e poderia haver complicações.

Doc gesticulou em direção à garota.

– Posso ir? – perguntou Cain a Ronnie, olhando assustado para a pistola.

– Abra sua pasta.

– Hã? Ah, claro. – Ele destravou a maleta preta e a segurou aberta, para a inspeção de Ronnie.

– Tudo bem, vá em frente. Ajude-a, por favor. Ela está mal.

– É o que parece – observou o médico, conforme uma contração assolou Sabra e ela gemeu.

Por reflexo, ela esticou a mão à procura de Tiel. Tiel segurou firme e falou com ela, incentivando.

– O médico está aqui, Sabra. Agora as coisas vão melhorar, eu prometo.

Doc estava transmitindo ao médico os detalhes pertinentes.

– Ela tem 17 anos. Esse é seu primeiro filho. Primeira gravidez. – Eles assumiram a posição perto da garota, Doc ao lado direito de Sabra, o dr. Cain aos seus pés e Tiel do lado esquerdo.

– Há quanto tempo ela está em trabalho de parto?

– As contrações preliminares começaram no meio da tarde. A bolsa estourou por volta de duas horas atrás. As dores aumentaram expressivamente depois disso, e durante a última hora pararam.

– Oi, Sabra – disse o médico à garota.

– Oi.

Ele pousou as mãos em sua barriga e examinou apertando e massageando levemente.

– Está sentado, certo? – perguntou Doc, buscando confirmação para esse diagnóstico.

– Certo.

– Acha que consegue virar o feto?

– Isso é bem capcioso.

– Tem experiência em partos com bebês sentados?

– Já dei assistência.

Essa não era a resposta esperada.

– Trouxe o medidor de pressão? – perguntou Doc.

– Está na minha maleta. – O médico continuou a examinar Sabra, gentilmente massageando seu abdômen. Doc lhe estendeu o aparelho de pressão, mas ele declinou. Estava falando com Sabra. – Apenas relaxe e tudo ficará bem.

Ela deu uma olhada para Ronnie e sorriu esperançosa.

– Quanto tempo falta para que o bebê chegue, dr. Cain?

– Isso é difícil dizer. Os bebês têm mente própria. Eu preferiria levá-la a um hospital, enquanto ainda há tempo.

– Não.

– Seria muito mais seguro para você e o bebê.

– Não posso sair por causa do meu pai.

– Ele está muito preocupado com você, Sabra. Na verdade, ele está lá fora. E me pediu para lhe dizer...

Seu corpo inteiro deu um solavanco, como se ela tivesse tido um espasmo muscular.

– O papai está aqui? – A voz dela era alta, fina, apavorada. – Ronnie?

A novidade o aborreceu tanto quanto a Sabra.

– Como foi que ele veio parar aqui?

Tiel afagou o ombro da menina.

– Tudo bem. Não pense nisso agora. Pense no seu bebê. Essa deve ser sua única preocupação. Tudo vai dar certo.

Sabra começou a chorar.

Doc se inclinou na direção do médico e sussurrou, zangado.

– Por que disse isso a ela? Essa notícia não poderia ter esperado?

O dr. Cain pareceu confuso.

– Achei que ela ficaria confortada em saber que o pai está aqui. Eles não tiveram tempo para me explicar todos os detalhes da situação. Eu não sabia que essa informação iria aborrecê-la.

Doc parecia pronto para estrangulá-lo e Tiel compartilhava o impulso.

Doc estava tão zangado que seus lábios finos mal se moveram quando ele falou. Mas, sabendo que qualquer demonstração de raiva só iria piorar a situação, permaneceu focado na situação em curso.

– Ela não havia dilatado muito quando a examinei. – Dando uma olhada no relógio de pulso, ele acrescentou: – Mas já faz mais de uma hora que fiz o exame interno.

O médico assentiu.

– Quanto? Quero dizer, com quanto de dilatação ela estava?

– Uns 8, 10 centímetros.

– Hmmm.

– Seu filho da puta.

O rosnado de Doc fez Tiel erguer a cabeça num solavanco. Será que ela tinha ouvido direito? Aparentemente sim, porque o dr. Cain o olhava consternado.

– *Filho da puta!* – repetiu Doc, dessa vez, como uma exclamação zangada.

O que aconteceu a seguir permanece embaçado na memória de Tiel. Ela jamais poderia se lembrar com precisão da sequência de fatos, mas qualquer lembrança vaga sempre a deixava com vontade de comer chili.

AVAN DO FBI, ESTACIONADA na faixa de concreto entre a estrada e as bombas de gasolina, estava equipada com uma parafernália de alta tecnologia usada para vigilância e comunicação. Era um posto de comando móvel partindo de Midland-Odessa, que fora mobilizado e dirigido até Rojo Flats. O veículo havia chegado poucos minutos depois do helicóptero de Calloway, vindo de Fort Worth.

Na região, não havia pista de pouso que pudesse receber uma aeronave maior que um avião de pulverização. O jato particular de Dendy voara até Odessa, onde um helicóptero alugado aguardava para levá-lo à cidadezinha. Ao chegar, ele entrou na van, aos berros, exigindo saber exatamente em que pé estava a situação, e como Calloway pretendia resolvê-la.

Dendy estava sendo o incômodo habitual, e Calloway engolira tudo que conseguira do milionário, antes mesmo de Dendy começar a interrogá-lo sobre a estratégia em curso.

Todos os olhos estavam no monitor de TV, que transmitia uma imagem ao vivo da câmera do lado de fora. Eles observaram Cain entrar na loja, onde, durante um tempo, ele ficou de costas para a porta, antes de sumir de vista.

– E se não der certo? – perguntou Dendy. – E aí?

– “E aí” dependerá do desfecho.

– Você quer dizer que não tem um plano de contingência? Que tipo de estratégia você está conduzindo aqui, Calloway?

Eles ficaram se encarando. Os outros homens ficaram na expectativa, aguardando para ver quem detonava primeiro, Dendy ou Calloway. Ironicamente, foi uma afirmação do xerife Marty Montez que dissipou a tensão explosiva.

– Eu posso poupar a ambos do suspense e dizer, de cara, que isso não vai dar certo.

Como cortesia – e também como uma manobra esperta e diplomática – o agente Calloway havia convidado o xerife do condado para participar do conselho de alto nível.

– Doc não é bobo – continuou Montez. – Você está procurando problema, mandando aquele novato lá para dentro.

– Obrigado, xerife Montez – disse Calloway, tenso.

Então, como se a afirmação de Montez tivesse sido profética, eles ouviram tiros. Dois foram disparados com centésimos de segundos de diferença e outro, segundos depois. Os dois primeiros fizeram com que todos congelassem. O terceiro os reanimou. Todos na van se mexiam e falavam ao mesmo tempo.

– Cristo! – gritou Dendy.

A câmera não lhes mostrava nada. Calloway agarrou um fone de ouvido para que pudesse ouvir a comunicação entre os homens posicionados diante da loja.

– Foram tiros? – perguntou Dendy. – O que está acontecendo, Calloway? Você disse que minha filha não correria nenhum perigo.

Por cima do ombro, Calloway gritou:

– Sente-se e fique quieto, sr. Dendy, ou farei com que seja fisicamente removido dessa van.

– Se você *fuder* isso, eu vou mandar removê-lo desse *planeta*!

O rosto de Calloway ficou lívido de ódio.

– Cuidado, senhor. Acaba de ameaçar a vida de um oficial federal. – Ele ordenou que um de seus agentes subordinados retirasse Dendy.

Ele precisava saber imediatamente quem havia atirado em quem, dentro da loja, e se havia alguém ferido ou morto. Enquanto tentava descobrir, não precisava de Dendy gritando ameaças em seu ouvido.

– Nem ferrando, eu vou sair daqui! – explodiu Dendy.

Calloway deixou o pai de Sabra extenuado com seus subordinados e deu as costas para o console, exigindo informações dos agentes lá de fora.

Tiel observava incrédula enquanto o sr. Scott Cain arrancava uma pistola do coldre de tornozelo e apontava para Ronnie.

– FBI! Solte a arma!

Sabra tinha gritado.

Doc continuava a xingar Cain.

– Todo esse tempo, nós estávamos esperando um *médico*! – gritava ela.

– Em vez disso, recebemos você! Que tipo de imbecilidade é essa?

Tiel tinha saltado e ficado de pé, implorando.

– Não, por favor, não. Não atire. – Ela temia ver Ronnie Davison morto diante de seus olhos.

– Você não é médico? – gritou a jovem frenética. – Eles nos prometeram um médico. Sabra precisa de um médico.

– Largue a arma, Davison! Agora!

– Mas que droga, todo esse tempo desperdiçado. – As veias no pescoço de Doc estufavam de raiva. Se o agente não estivesse segurando uma pistola, Tiel achava que Doc o teria pegado pelo pescoço. – Essa garota está com problemas. Problemas que ameaçam sua vida. Será que nenhum de vocês, bastardos federais, percebem?

– Ronnie, faça o que ele diz – implorava Tiel. – Renda-se. Por favor.

– Não, Ronnie, não faça! – chorava Sabra. – O papai está lá fora.

– Por que vocês dois não baixam suas pistolas? – Embora o peito de Doc insuflasse pela agitação, ele tinha recuperado um pouco de sua postura. – Ninguém precisa se ferir. Nós todos podemos ser razoáveis, não?

– Não. – Ronnie, resolutivo, segurou mais forte na pistola. – O sr. Dendy vai mandar me prender. Eu nunca mais verei Sabra.

– Ele está certo – disse a garota.

– Talvez, não – argumentou Doc. – Talvez...

– Eu vou contar até três para que você solte sua arma! – gritou Cain, a voz falhando. Ele também parecia estar fraquejando, sob grande pressão.

– Por que você tem que fazer isso? – gritou Ronnie para ele.

– Um.

– Por que nos enganou? Minha namorada está sofrendo. Ela precisa de um médico. Por que fez isso?

Tiel não estava gostando do jeito como o dedo indicador de Ronnie estava se retraindo em volta do gatilho.

– Dois.

– Eu disse não! Eu não vou entregá-la ao sr. Dendy.

Bem na hora em que Cain gritou “três” e disparou sua pistola, Tiel agarrou uma lata de chili Wolfbrand da prateleira mais próxima e deu-lhe com a lata na cabeça.

Ele caiu como um saco de cimento. Seu tiro passou longe do alvo, que era o peito de Ronnie, mas passou raspando por Doc, antes de acertar o balcão.

Por reflexo, Ronnie disparou sua arma. O único dano causado pela bala foi tirar um naco de gesso da parede dos fundos.

Donna gritou, se jogou no chão e cobriu a cabeça com as mãos, depois continuou gritando.

Na confusão resultante, os mexicanos dispararam à frente e, na correria, quase derrubaram Vern e Gladys.

Tiel, percebendo que eles pretendiam pegar a pistola do agente, chutou-a para debaixo de um freezer, deixando-a fora de alcance.

– Para trás! Para trás! – gritou Ronnie com eles. Ele disparou novamente, para dar ênfase, mas mirou bem acima da cabeça dos dois. A bala bateu na saída do ar-condicionado, mas conteve a pressa dos dois em sua direção.

Agora estavam todos petrificados, esperando para ver o que aconteceria a seguir, quem seria o primeiro a se mover, ou falar.

Acabou sendo Doc.

– Faça o que ele diz – ordenou ele para os dois mexicanos. Ele ergueu a mão esquerda, espalmada, sinalizando que eles recuassem. Sua mão direita estava sobre o ombro esquerdo. O sangue escorria por entre seus dedos.

– Você tomou um tiro! – exclamou Tiel.

Ignorando-a, ele argumentou com os dois homens, que pareciam relutantes em ceder.

– Se vocês saírem correndo por aquela porta é provável que fiquem com a barriga cheia de balas.

Eles não entendiam nem o idioma, nem a lógica. Só compreenderam a insistência de Doc para que permanecessem onde estavam. E o repreenderam falando um espanhol veloz. Tiel captou a palavra *madre* diversas vezes. Ela podia até imaginar o restante. No entanto, os dois fizeram como Doc pediu e recuaram para suas posições originais, murmurando um para o outro, e lançando olhares hostis ao redor. Ronnie mantinha a pistola mirada neles.

Donna fazia mais estardalhaço que Sabra, que mantinha os dentes cerrados, para evitar chorar, conforme a dor do trabalho de parto a arrebatava. Doc ordenou que a caixa parasse de fazer aquele barulho horrendo.

– Eu não vou viver para ver essa manhã – lamuriava ela.

– Com a sorte que você tem, provavelmente vai – estrilou Gladys. – Agora, *cale a boca*.

Como se houvesse sido posta uma rolha na boca de Donna, seu choro parou instantaneamente.

– Agente firme, meu bem. – Tiel retomara seu lugar ao lado de Sabra, segurando-lhe a mão, ao longo da contração.

– Eu sabia... – Sabra parou para respirar, várias vezes. – Eu sabia que o papai não nos deixaria em paz. Eu sabia que ele viria atrás da gente.

– Não pense nisso agora.

– Como está ela? – perguntou Doc, juntando-se a elas.

Tiel olhou o ombro dele.

– Você está ferido?

Ele sacudiu a cabeça.

– A bala só passou de raspão. Arde, mas é só isso. – Através do rasgo na camisa, ele prendeu um chumaço de gaze, depois cobriu com outro, e pediu a Tiel que cortasse um filete de fita adesiva. Enquanto ele segurava o quadrado no lugar, ela prendia com a fita.

– Obrigado.

– De nada.

Até esse ponto, ninguém tinha dado atenção ao homem inconsciente. Ronnie se aproximou, transferindo a pistola de uma mão para a outra, secando as palmas úmidas na traseira de seu jeans. Ele apontou o queixo à frente, para Cain.

– E quanto a ele?

Tiel achou uma boa pergunta.

– Eu provavelmente pegarei anos de cadeia por fazer isso.

– Recomendo que você me deixe arrastá-lo lá pra fora, para que seus colegas, na van perversa, saibam que ele está vivo – disse Doc a Ronnie. – Se acharem que ele está morto ou ferido, o negócio pode ficar feio, Ronnie.

Ronnie olhou apreensivo para o lado de fora e mordeu o lábio inferior, enquanto pensava na sugestão.

– Não, não. – Ele olhou para Vern e Gladys, que pareciam estar se divertindo tanto quanto duas pessoas num parque temático. – Encontrem fita isolante – disse Ronnie a eles. – Tenho certeza de que é vendida na loja. Prenda as mãos e os pés dele.

– Se fizer isso, só estará se afundando ainda mais, filho.

A expressão de Ronnie era triste, como se ele agora estivesse compreendendo inteiramente a enormidade da encrência. O que poderia ter parecido uma aventura romântica, quando ele e Sabra fugiram, se tornara um incidente com tiroteio, envolvendo o FBI. Ele cometera diversos delitos. Estava seriamente enrascado e era inteligente o bastante para saber disso.

O casal de idosos passou por cima do agente desacordado. Cada um deles pegou um tornozelo. Foi um esforço, mas conseguiram arrastá-lo para longe de Sabra, dando a Doc e Tiel mais espaço para atuarem.

– Vão me trancafiar para sempre – continuou Ronnie. – Mas eu quero que Sabra esteja segura. Quero que seu pai prometa que irá deixá-la ficar com nosso bebê.

– Então, vamos acabar com isso agora.

– Não posso, Doc. Não antes de ter a garantia do sr. Dendy.

Doc gesticulou abaixo, para Sabra, ofegante, passando por outra dor, junto com Tiel.

– Enquanto isso...

– Nós ficamos aqui – insistiu o garoto.

– Mas ela precisa de um...

– Doc? – disse Tiel, interrompendo.

– ... hospital. E logo. Se você estiver realmente preocupado com o bem-estar de Sabra...

– Doc?

Irritado porque ela o interrompeu duas vezes, durante seu apelo sincero, ele se virou bruscamente para ela e perguntou, impaciente:

– O quê?

– Sabra não pode ir a lugar algum. Eu estou vendo o bebê.

Ele se ajoelhou no meio dos joelhos erguidos de Sabra.

– Graça a Deus – disse ele, dando uma risada aliviada. – O bebê virou, Sabra. Estou vendo a cabeça. Está saindo. Em alguns minutos, você terá um bebê.

A garota riu, parecendo jovem demais para a confusão em que estava metida.

– Ele vai ficar legal?

– Acho que sim. – Doc olhou para Tiel. – Você vai ajudar?

– Diga-me o que fazer.

– Pegue mais alguns daqueles forros e espalhe ao redor dela. Tenha uma daquelas toalhas à mão, para embrulhar o bebê. – Ele tinha arregaçado as mangas até os cotovelos e lavava vigorosamente as mãos e braços com o frasco da Tiel. Depois os lavou com vinagre e passou os frascos a Tiel. – Use bastante dos dois. Mas seja rápida.

– Não quero que Ronnie veja – disse Sabra.

– Sabra? Por que não?

– Estou falando sério, Ronnie, afaste-se daqui.

Doc falou com ele por cima do ombro.

– Pode ser melhor, Ronnie. – Relutante, o garoto recuou.

No kit de Cain, Doc encontrou um par de luvas e colocou-as – com destreza, Tiel notou. Ele ajustou habilmente ao redor dos pulsos.

– Ao menos, ele fez algo certo. Tem uma caixa inteira dessas. Pegue um par para você.

Tiel acabara de calçar as luvas quando Sabra teve outra contração.

– Não se abaixe, se puder evitar – instruiu Doc. – Eu não quero que você se rasgue. – Ele colocou a mão direita no períneo para dar mais apoio e evitar que rasgasse, enquanto sua mão esquerda gentilmente pousava na cabeça do bebê. – Vamos, Sabra. Agora respire. Isso mesmo. Você pode ficar atrás dela – disse ele a Tiel. – Faça um ângulo com ela para cima. Apoie a parte inferior de suas costas.

Ele foi instruindo Sabra durante a duração da dor, e, quando acabou, ela relaxou apoiada em Tiel.

– Quase lá, Sabra – disse Doc, numa voz suave. – Você está indo bem. Na verdade, ótima.

E Tiel poderia ter dito o mesmo para ele. Era preciso admirar o jeito calmo e competente com o qual ele estava lidando com essa menina assustada.

– Você está bem?

Tiel o olhava com evidente admiração, mas não percebeu que ele estava falando com ela, até que Doc ergueu os olhos.

– Eu? Estou ótima.

– Você não vai desmaiar, vai?

– Acho que não. – Então, pelo fato de que sua postura era tão contagiante, ela disse: – Não, não vou desmaiar.

Sabra gritou, se contraiu numa posição semissentada e gemeu com o esforço de expelir o bebê. Tiel esfregou o pé de suas costas, desejando que houvesse mais que ela pudesse fazer para aliviar a dor daquela menina.

– Ela está bem? – O pai ansioso foi ignorado.

– Tente não forçar – lembrou Doc à menina. – Ele vai sair agora, sem que você aplique mais pressão. Agente a dor. Bom, bom. A cabeça quase saiu.

A contração diminuiu e o corpo de Sabra desmoronou de cansaço. Ela estava chorando.

– Está doendo.

– Eu sei. – Doc falou em tom tranquilizador, mas, sem ser visto por Sabra, seu rosto registrava profunda tristeza. Ela estava sangrando muito, do tecido rasgado. – Você está indo muito bem, Sabra – mentiu ele. – Você logo terá o bebê.

Muito em breve, no fim das contas. Depois de toda a preocupação com o lento progresso da criança, nos segundos finais ela estava ávida para abrir seu caminho ao mundo.

Durante a contração seguinte, pouco antes que Tiel pudesse assimilar o milagre que estava testemunhando, ela viu a cabeça do bebê emergir, virada para baixo. A mão de Doc a guiou só um pouquinho, antes que ela instintivamente virasse de lado. Quando Tiel viu o rosto do recém-nascido, com seus olhos arregalados, ela murmurou:

– Ah, meu Deus – e dizia literalmente, quase um fenômeno espiritual a ser visto.

Mas ali parou o milagre, porque os ombros do bebê não conseguiam passar pelo canal vaginal.

– O que está acontecendo? – perguntou Ronnie, quando Sabra gritou.

O telefone tocou. Donna, que estava mais perto, o atendeu.

– Alô?

– Eu sei que dói, Sabra – disse Doc. – As próximas duas ou três contrações devem bastar. Está bem?

– Eu não consigo. – Ela chorava. – Não consigo.

– Tem um cara, um tal de Calloway que quer saber quem tomou tiro – informou Donna. Ninguém prestou atenção nela.

– Está indo muito bem, Sabra – estava dizendo Doc. – Prepare-se. Respire. – Olhando para Tiel, ele disse: – Seja sua guia.

Tiel começou a respirar junto com Sabra, enquanto olhava as mãos de Doc se movendo ao redor do pescoço do bebê. Notando seu alarme, ele disse, baixinho:

– Só estou checando, para ter certeza de que o cordão não está em volta.

– Está tudo bem? – perguntou Sabra, com os dentes cerrados.

– Até agora está tudo seguindo à risca.

Tiel ouviu Donna dizer a Calloway:

– Não, ele não está morto, mas merecia estar, assim como o tolo maldito que o mandou aqui pra dentro. – Então, ela bateu o telefone.

– Aqui vamos nós, vamos nós. Seu bebê está aqui, Sabra. – O suor escorria nas sobrancelhas de Doc, mas ele parecia não notar. – É isso. É assim.

O grito dela iria assombrar os sonhos de Tiel por muitas noites por vir. Mais tecido foi rasgado, quando os ombros da criança passaram. Uma pequena incisão com anestesia local teria poupado toda essa agonia, mas não houve ajuda para isso.

A única bênção nisso tudo foi o bebezinho remexendo que escorregou nas mãos de Doc, que esperavam.

– É uma menina, Sabra. E ela é uma beleza. Ronnie, você tem uma filha.

Donna, Vern e Gladys festejaram e aplaudiram. Tiel fungou contendo as lágrimas, enquanto observava Doc virar a cabeça do bebê para baixo, para ajudar a limpar as vias respiratórias, já que eles não tinham aspirador. Ainda bem que ela logo começou a chorar. Um imenso sorriso de alívio se abriu no rosto sério de Doc.

Tiel não pôde se maravilhar por muito tempo, pois Doc estava lhe entregando o bebê. A recém-nascida estava tão escorregadia que ela ficou com medo de deixá-la cair. Mas conseguiu segurá-la e passar a toalha ao seu redor.

– Deite-a na barriga da mãe. – Tiel fez como Doc instruiu.

Sabra olhava a filha recém-nascida maravilhada, e perguntou, num sussurro lacrimoso:

– Ela está bem?

– Seus pulmões certamente parecem estar – disse Tiel, rindo. Ela fez um rápido inventário. – Todos os dedos das mãos e dos pés estão aí. Parece

que o cabelo dela será como o seu.

– Ronnie, você pode vê-la? – chamou-o Sabra.

– Sim. – O garoto dividia seu olhar entre ela e os mexicanos, que não pareciam nada encantados pelas maravilhas do nascimento. – Ela é linda. Bem, quero dizer que será, quando estiver limpa. Como está você?

– Perfeita – respondeu Sabra.

Mas não estava. O sangue rapidamente encharcou os forros embaixo dela. Doc tentou estancar com absorventes.

– Peça a Gladys para trazer mais desses. Receio que iremos precisar.

Tiel chamou Gladys e a incumbiu da tarefa. Em meio minuto, ela estava de volta, com outra caixa.

– Vocês amarraram aquele homem? – perguntou Tiel.

– Vern ainda está trabalhando nele, mas ele não irá a lugar algum, tão cedo.

Enquanto Doc continuava trabalhando em Sabra, Tiel tentava distraí-la.

– Que nome você vai dar à sua filha?

Sabra inspecionava o bebê com adoração ostensiva e amor incondicional.

– Nós decidimos por Katherine. Eu gosto dos nomes clássicos.

– Eu também. E acho que Katherine vai combinar com ela.

Subitamente, o rosto de Sabra se contorceu de dor.

– O que está acontecendo?

– É a placenta – explicou Doc. – Onde Katherine esteve morando nos últimos nove meses. Seu útero contrai para expelir, assim como fez com Katherine. Vai doer um pouquinho, mas nada como foi com o bebê. Depois que tiver saído, nós vamos limpá-la e deixá-la descansar. Que tal?

Para Tiel, ele disse:

– Deixe um daqueles sacos de lixo pronto, por favor. Eu preciso guardar isso. Será examinado depois.

Ela fez como foi pedido e novamente distraiu Sabra, conversando sobre o bebê. Em pouco tempo, Doc estava com o fluido embrulhado e

fora de vista, mas ainda ligado ao bebê, pelo cordão umbilical. Tiel queria perguntar por que ele ainda não havia cortado, mas ele estava ocupado.

Uns cinco minutos depois, ele tirou as luvas ensanguentadas, pegou o aparelho medidor de pressão e passou ao redor do bíceps de Sabra.

– Como vai indo?

– Bem – disse ela, mas seus olhos estavam cansados, com olheiras. Seu sorriso era fraco. – Como está indo o Ronnie?

– Você deveria convencê-lo a acabar com isso, Sabra – disse Tiel, baixinho.

– Não posso. Agora que tenho Katherine, não posso arriscar que o papai entregue-a para adoção.

– Ele não pode fazer isso sem seu consentimento.

– Ele pode fazer qualquer coisa.

– E quanto à sua mãe? De que lado ela está?

– Do papai, é claro.

Doc olhou o medidor e soltou o aparelho.

– Tente descansar um pouco. Estou fazendo o máximo para conter o sangramento. Mais tarde, eu vou lhe pedir um favor, então, gostaria que você tirasse um cochilo agora, se puder.

– Está doendo. Aí embaixo.

– Eu sei. Eu lamento.

– Não é culpa sua – disse ela, fraca. Os olhos dela começaram a fechar.

– Você foi superlegal, Doc.

Tiel e Doc observavam, enquanto sua respiração foi ficando regular e seus músculos relaxaram. Tiel ergueu Katherine do peito da mãe. Sabra murmurou um protesto, mas estava exausta demais para resistir.

– Eu só vou limpá-la um pouquinho. Quando você acordar, pode pegá-la de volta. Está bem?

Tiel assumiu o silêncio da garota como permissão para levar a menininha.

– E quanto ao cordão? – perguntou ela a Doc.

– Eu estava esperando até que fosse seguro.

O cordão tinha parado de pulsar e já não estava mais viscoso, mas fino e chato. Ele o amarrou firmemente, em dois lugares, com cadarços, deixando uns dois centímetros entre os nós. Tiel virou a cabeça para o lado, quando ele cortou.

Agora que a placenta estava completamente livre do bebê, Doc lacrou o saco de lixo bem apertado, e novamente solicitou a ajuda de Gladys, pedindo-lhe que guardasse na geladeira, antes de continuar cuidando da nova mãe.

Tiel abriu a caixa de lenços umedecidos.

– Você acha seguro usar isso no bebê?

– Imagino que sim. É para isso que servem – respondeu Doc.

Embora Katherine fizesse pequenos protestos, Tiel limpou-a com os lenços que tinham um cheirinho bom de talco de bebê. Por não ter experiência com recém-nascidos, ela estava nervosa com a tarefa. Ela também continuava a monitorar a respiração suave de Sabra.

– Eu aplaudo sua coragem – frisou ela. – Não consigo evitar simpatizar com eles. Pelo que sei de Russell Dendy, eu também teria fugido.

– Você o conhece?

– Somente através da mídia. Eu me pergunto se ele colaborou para mandar o Cain aqui pra dentro.

– Por que você o acertou na cabeça?

– Está se referindo ao meu ataque a um agente federal? – perguntou Tiel, fazendo disso uma piada sinistra. – Eu estava tentando evitar um desastre.

– Eu elogio sua ação veloz e só desejaria ter pensado nisso.

– Eu tinha a vantagem de estar em pé atrás dele. – Ela embrulhou Katherine numa toalha limpa e segurou-a junto ao peito, para aquecê-la. – Imagino que o agente Cain estivesse apenas cumprindo seu dever. E foi preciso um pouco de coragem para entrar numa situação como essa. Mas eu não queria que ele atirasse em Ronnie. E, com a mesma sinceridade, eu não queria que Ronnie atirasse nele. Agi por impulso.

– E você não ficou só um pouquinho injuriada ao descobrir que Cain não era médico?

Ela olhou-o com ar de conspiração.

– Não conte a ninguém.

– Eu prometo.

– Como você soube que ele não era um médico? O que o delatou?

– Os sinais vitais de Sabra não foram sua primeira preocupação. Por exemplo, ele não mediu sua pressão. Pareceu não ver a seriedade do estado dela, então, comecei a desconfiar dele e testei seu conhecimento. Quando o colo do útero tem uma dilatação de 8 a 10 centímetros, todos os sistemas estão prontos. Ele foi reprovado no teste.

– Nós dois podemos receber uma condenação de anos de trabalho forçado, numa prisão federal.

– Melhor do que deixar que ele atirasse em Ronnie.

– Eu digo amém. – Ela olhou o bebê, abaixo, que agora dormia. – Que tal o bebê? Ela está bem?

– Vamos dar uma olhada.

Tiel deitou Katherine em seu colo. Doc desdobrou a toalha e examinou a pequena recém-nascida, que não tinha o comprimento do antebraço dele. Suas mãos pareciam grandes e másculas, em contraste ao tom rosado do bebê, mas o toque era carinhoso, principalmente quando ele grudou o umbigo cortado à sua barriga.

– Ela é pequena – observou ele. – Algumas semanas prematura, eu acho. Mas parece bem. Está respirando bem. Mas deveria estar na unidade neonatal do hospital. É importante mantê-la aquecida. Tente manter sua cabecinha coberta.

– Tudo bem.

Ele estava inclinado perto de Tiel. Perto o suficiente para que ela detectasse cada ruguinha dos cantos externos de seus olhos. As íris tinham um tom verde-cinza, os cílios eram bem negros, vários tons mais escuros que o cabelo castanho. Seu queixo e maxilar mostravam uma barba por fazer, o que era atraente. No rasgo da manga da camisa, ela notou que o sangue tinha vazado no curativo provisório.

– Seu ombro está doendo?

Quando ele ergueu a cabeça, eles quase bateram os narizes. Os olhos se fixaram por vários segundos antes que ele virasse a cabeça para verificar o ferimento no ombro. Ele olhou como se tivesse esquecido que estava ali. – Não, está tudo bem. – Rapidamente, ele acrescentou: – É melhor colocar uma dessas fraldas nela, depois embrulhá-la novamente.

Desajeitada, Tiel colocou a fralda no bebê, enquanto Doc checava a nova mãe.

– Todo aquele sangue... – Tiel propositadamente deixou a pergunta incompleta, temendo que Ronnie entreouvisse. Como Tiel nunca tinha presenciado um nascimento, ela não sabia se a quantidade que Sabra tinha sangrado era normal, ou motivo de alarme. Para ela, parecia um volume incomum, e ela estava interpretando Doc corretamente, pois ele estava preocupado.

– Muito mais do que deveria. – Ele manteve a voz baixa pela mesma razão que ela. Colocando o lençol sobre as coxas de Sabra, ele começou a massagear seu abdômen. – Às vezes, isso ajuda a conter o sangramento – disse ele, em resposta à pergunta que Tiel não chegou a fazer.

– E se não ajudar?

– Isso não pode continuar por muito tempo, ou teremos problemas. Eu gostaria de ter podido fazer a episiotomia e tê-la poupado disso.

– Não se culpe. Sob as circunstâncias, você foi incrivelmente bem, dr. Stanwick.

CAPÍTULO | 7

SAIU ANTES QUE ELA PUDESSE EVITAR. Ela não tivera a intenção de que Doc soubesse que o reconheceria. Pelo menos, ainda não.

Apesar disso, talvez sua derrapada tivesse sido inconscientemente intencional. Talvez ela o tivesse chamado pelo nome só para ver como ele reagiria. Como repórter, sua inclinação para provocar uma reação a uma pergunta ou afirmação inesperada instigara a soltar o nome e ver qual seria a reação espontânea, sem ensaios e, portanto, sincera.

A reação espontânea, sem ensaios e, portanto, sincera, foi reveladora. Na sequência, ele primeiro pareceu estarecido, depois intrigado, depois irritado. Finalmente, foi como se uma cortina tivesse caído sobre seus olhos.

Tiel fixou o olhar no dele, literalmente desafiando-o a negar que era o dr. Bradley Stanwick. Ou tinha sido, em sua vida anterior.

– Ai, droga – resmungou Donna. – O que eu digo a eles, dessa vez?

– Deixe-me atender. – Ronnie esticou a mão e pegou o telefone. – Sr. Calloway? Não, é como a moça lhe disse, ele não está morto.

Sabra tinha sido despertada pelo toque do telefone. Ela pediu para segurar o bebê. Tiel pousou o bebê em seus braços. A nova mãe falou amorosamente sobre o quanto Katherine agora estava linda e cheirosa.

Tiel levantou e se espreguiçou. Até agora, não percebera como fora cansativa aquela parte final do trabalho de parto e nascimento. Seu cansaço não se comparava ao de Sabra, é claro, mas, mesmo assim, estava exausta.

Fisicamente exausta, mas mentalmente pilhada. Ela analisou a situação em curso. Gladys e Vern estavam sentados juntos, quietos, de mãos dadas. Eles pareciam cansados, mas contentes, como se os acontecimentos da noite tivessem sido encenados para diverti-los.

Donna estava com os braços magrinhos cruzados sobre o peito ossudo, beliscando as casquinhas dos cotovelos. O mexicano mais alto e magro estava focado em Ronnie e no telefone. Seu amigo estava observando o agente do FBI, que mostrava sinais de estar voltando a si.

Vern tinha encostado o agente Cain no balcão, com as pernas esticadas à frente. Seus tornozelos estavam amarrados com uma fita isolante prateada. Os punhos estavam da mesma forma, porém, amarrados nas costas. A cabeça estava caída sobre o peito, mas, de vez em quando, tentava erguê-la, e quando fazia ele gemia.

– Nós o amarramos – estava dizendo Ronnie a Calloway, ao telefone. – Disparamos nossas armas ao mesmo tempo, mas o único atingido foi Doc. Não, ele está bem. – Ronnie deu uma olhada para Doc, que assentiu, concordando. – Quem é srta. McCoy?

– Eu – disse Tiel, dando um passo à frente.

– Por quê? – Ronnie deu a Tiel uma olhada intrigada. – Bem, eu acho que tudo bem. Como sabe o nome dela? Certo. Espere aí. – Ao estender o fone para Tiel, ele perguntou: – Você é famosa, ou algo assim?

– Não para que você notasse. – Ela pegou o fone. – Alô?

A voz tinha um tom de assunto governamental – límpida e concisa.

– Srta. McCoy, aqui é o agente especial do FBI, Calloway.

– Olá.

– Está em posição de falar livremente?

– Sim.

– Não está sob nenhuma coação?

– Não.

– Qual é a situação aí?

– Exatamente como Ronnie descreveu. O agente Cain quase causou um desastre, mas conseguimos mitigá-lo.

Surpreso, o agente sênior foi lento ao responder.

– Perdão?

– Mandá-lo aqui para dentro foi uma decisão ruim. A srta. Dendy precisava de um obstetra especialista, não da cavalaria.

– Nós não sabíamos...

– Bem, agora vocês sabem. Isso não é Mount Carmel, nem Ruby Ridge. Não estou tentando lhe dizer como fazer seu trabalho...

– É mesmo? – disse ele, secamente.

– Mas eu lhe rogo que coopere com o sr. Davison, de agora em diante.

– É política do departamento não negociar com sequestradores.

– Eles não são terroristas! – exclamou ela. – São dois garotos que estão confusos e assustados e sentem que todas as suas opções se esgotaram.

As vozes exaltadas podiam ser ouvidas ao fundo. Calloway cobriu o fone para falar com outra pessoa. O agente Cain levantou a cabeça e olhou acima, para Tiel, com olhos embaçados. Será que ele a reconhecia como a pessoa que tinha apagado sua luz com uma lata de chili?

– O sr. Dendy está muito preocupado com o bem-estar da filha – disse Calloway, quando voltou à linha. – A caixa, Donna?, me disse que Sabra teve o bebê.

– Uma menina. Ambas estão... estáveis. – Tiel deu uma olhada para Doc e ele assentiu rapidamente. – Assegure o sr. Dendy de que sua filha não corre perigo imediato.

– O xerife Montez me informou que há um local, aí com vocês, com alguma experiência médica.

– Isso mesmo, ele assistiu Sabra ao longo do trabalho de parto e o nascimento.

Os olhos de Doc se estreitaram – como um atirador prestes a disparar.

– O xerife Montez não consegue se lembrar do nome dele. Disse que atende como Doc.

– Correto.

– Sabe o nome dele?

Tiel considerou suas opções. Ela se envolvera inteiramente com o trabalho de parto e o nascimento, mas não estava totalmente alheia ao que estava acontecendo lá fora. Escutara as hélices de helicóptero. Alguns seriam da polícia e aeronaves médicas, mas ela apostava que também indicavam a chegada da mídia de Dallas e Fort Worth, Austin, Houston. Grandes estações. Emissoras afiliadas.

O papel ativo que vinha desempenhando no desenrolar dessa história tinha automaticamente elevado seu valor na mídia. Ela não era o que podia chamar de famosa, porém, com toda a humildade, também não era sem importância. Era vista quase toda noite no noticiário de seu mercado televisivo. Esses boletins de notícia também eram veiculados em canais de TV a cabo, em mercados menores, ao redor do Texas, adentrando Oklahoma, o que somava alguns milhões de espectadores. Ela era um ingrediente que acrescentava sabor a uma história já succulenta. Adicionando-se à mistura, o envolvimento do dr. Bradley Stanwick, que três anos antes tinha desaparecido da visão do público por se envolver num escândalo, e isso resultava num caldeirão fumegante que causaria um frenesi na imprensa.

Mas Tiel queria que isso fosse o *seu* caldeirão.

Se entregasse a identidade de Doc agora, ela poderia dar adeus à exclusividade. Todos dariam a matéria antes dela. A história seria transmitida antes mesmo que entregasse seu relato inicial. Até que pudesse produzir sua própria narrativa dos acontecimentos, o ressurgimento do dr. Stanwick seria notícia velha.

Gully provavelmente jamais a perdoaria por essa decisão, mas, por enquanto, ela ia guardar esse detalhe picante como seu ingrediente secreto.

Então, ela evitou dar uma resposta direta a Calloway.

– Doc fez um trabalho incrível, sob circunstâncias muito desafiadoras. Sabra reage favoravelmente a ele. Ela confia nele.

– Entendi que ele foi ferido durante a troca de tiros.

– Um tiro de raspão, nada além disso. Todos nós estamos bem, sr. Calloway – disse ela, impacientemente. – Estamos cansados, mas, fora isso, ilesos, e eu quero enfatizar isso firmemente.

– Não está sendo forçada a dizer isso?

– Absolutamente, não. A última coisa que Ronnie quer é que alguém seja ferido.

– Isso mesmo – disse o garoto. – Eu só quero poder sair daqui com Sabra e meu bebê, livres, para seguirmos nosso caminho.

Tiel transmitiu o desejo a Calloway, que disse:

– Srta. McCoy, a senhorita sabe que eu não posso deixar isso acontecer.

– Concessões podem ser feitas.

– Eu não tenho autoridade para...

– Sr. Calloway, o *senhor* está em posição de falar livremente?

Depois de uma pausa momentânea, ele disse:

– Vá em frente.

– Se o senhor interagiu de alguma forma com Russell Dendy, então, pode muito bem entender por que esses dois jovens se sentiram desesperados o suficiente para fazer o que fizeram.

– Não posso comentar sobre isso diretamente, mas compreendo o que quer dizer.

Aparentemente, Dendy estava perto.

– Segundo todos os relatos, o homem é um tirano – prosseguiu Tiel. – Não sei se o senhor sabe disso, mas ele jurou forçar a separação desses dois e entregar o bebê para adoção. Ronnie e Sabra querem ter a liberdade de decidir seu próprio futuro e o futuro dessa criança. Isso é uma crise de família, sr. Calloway, e é dessa forma que deve ser encarada. Talvez, o sr. Dendy concorde em ter um mediador que possa ajudá-los a resolver as diferenças e chegar a um acordo.

– Ronnie Davison ainda tem muito pelo que dar conta, srta. McCoy. Assalto à mão armada, para começar.

– Tenho certeza de que Ronnie está disposto a assumir responsabilidade por seus atos.

– Deixe-me falar com ele. – Ronnie pegou o fone dela. – Ouça, sr. Calloway, eu não sou criminoso. Quer dizer, até hoje, não. Nunca tive sequer uma multa de trânsito. Mas não vou deixar que o sr. Dendy seja o ditador no futuro da minha menininha. Na situação em que eu estava, não pude ver nenhum outro meio de me afastar dele.

– Diga a ele o que nós decidimos, Ronnie! – gritou Sabra.

Ele a olhou, embaixo, deitada com a recém-nascida nos braços, e seu rosto assumiu uma expressão dolorosa.

– Fale com o pai de Sabra, sr. Calloway. Convença-o a nos deixar em paz. Então, eu solto todo mundo.

Ele ouviu, por um momento, depois disse:

– Eu sei que elas precisam ir para o hospital. Quanto mais rápido, melhor. Então, o senhor tem uma hora para me dar retorno. – Outra pausa. – Se não, o quê? – disse ele, obviamente repetindo a pergunta de Calloway. Ronnie novamente deu uma olhada para Sabra. Ela segurou a filha mais apertado ao peito, e assentiu. – Eu lhe direi, em uma hora. – Ele desligou bruscamente.

Dirigindo-se aos reféns, ele disse:

– Certo, vocês ouviram. Eu não quero machucar ninguém. Quero que todos nós saíamos daqui. Então, todos apenas relaxem. – Ele deu uma olhada no relógio da parede. – Em sessenta minutos pode acabar.

– E se o velho dela não concordar em deixá-los em paz? – perguntou Donna. – O que vai fazer conosco?

– Por que você não senta e fica quieta? – disse Vern, queixoso.

– Por que não vai ver se eu estou lá na esquina, velhote? – respondeu ela. – Você não é meu chefe. Eu quero saber, vou viver, ou vou morrer? Daqui a uma hora, ele vai começar a apagar todo mundo?

Um silêncio inquieto pairou no grupo. Todos os olhos se voltaram para Ronnie, mas ele teimosamente se recusava a reconhecer a pergunta que todos traziam nos olhos.

O agente Cain tinha mergulhado na inconsciência novamente, ou estava com a cabeça pendurada de vergonha por seu fracasso em acabar com o impasse. De qualquer forma, seu queixo estava encostado ao peito.

Os cotovelos de Donna estavam sujeitos a terem mais cascas arrancadas.

Vern e Gladys mostravam sinal de cansaço. Agora que a empolgação do nascimento havia passado, a vivacidade dos dois havia enfraquecido. A cabeça de Gladys estava recostada ao ombro de Vern.

Tiel agachou ao lado de Doc, que estava assistindo Sabra novamente. Os olhos dela estavam fechados. A bebê Katherine dormia nos braços da mãe.

– Como vai ela?

– Sangramento demais e a pressão está caindo.

– O que você pode fazer?

– Tentei massagear seu útero, mas em vez de diminuir o sangramento, aumentou. – Suas sobrancelhas estavam franzidas de preocupação. – Tem outra coisa.

– O quê?

– Amamentação.

– Ela estaria tendo leite tão rápido?

– Não. Você já ouviu falar em oxitocina?

– Imagino que seja algo feminino.

– Um hormônio que ajuda a estimular o leite materno. E também faz o útero contrair, o que reduz a hemorragia. A sugação estimula a liberação do hormônio.

– Ah. Então, por que você não...

– Porque achei que a essa hora talvez ela estivesse a caminho do hospital. Além disso, ela já lidou com muita coisa.

Eles ficaram quietos, por um momento, ambos olhando Sabra e impressionados com sua palidez.

– Também tenho medo de infecção – disse ele. – Droga, elas duas precisam ser hospitalizadas. Como é esse tal de Calloway? O durão típico?

– Decididamente todo profissional. Mas ele parece razoável. Dendy, por outro lado, é um maníaco delirante. Eu podia ouvi-lo ao fundo, fazendo ameaças e dando ultimatos. – Ela deu uma olhada em Ronnie, que tentava se manter equilibrado, mas ficava cada vez mais nervoso. – Ele não vai nos executar, vai?

Parecendo não ter a menor pressa em responder sua pergunta, Doc finalmente terminou de colocar os forros embaixo de Sabra, depois recostou no freezer e ergueu um joelho. Encostando o cotovelo em cima, ele passou a mão pelos cabelos. Segundo os padrões urbanos, já precisava de um corte. De alguma forma, porém, sua aparência descuidada combinava com a atmosfera do lugar.

– Não sei o que ele vai fazer, srta. McCoy. A infelicidade que os seres humanos são capazes de infligir uns aos outros nunca deixa de me fascinar e repelir. Não acho que esse garoto tenha o instinto de nos perfilar e matar,

mas não há garantia de que não o fará. De qualquer forma, falar sobre isso não irá mudar o desfecho.

– Essa é uma visão um tanto fatalista.

– Você perguntou. – Ele sacudiu os ombros, indiferente. – Não precisamos falar sobre isso.

– Então, do que quer falar?

– Nada.

– Conversa fiada – disse ela, querendo surpreendê-lo, e sendo bem-sucedida. – Você quer saber como eu o reconheci?

Ele mal olhou para ela, e nada disse. Construíra uma armadura e tanto, mas parte do trabalho dela era perfurar essa proteção invisível.

– Da primeira vez que o vi, achei que parecia familiar, mas não consegui identificar. Então, em algum momento, durante o paro, pouco antes do nascimento, me ocorreu quem você era. Acho que a forma como você lidou com Sabra foi o que o entregou.

– Tem uma memória notável, srta. McCoy.

– Tiel. E minha memória pode ser mais aguçada que o público da Jane Q. Sabe, eu cobri sua história. – Ela recitou as emissoras de TV para as quais trabalhou.

Ele murmurou um palavrão.

– Então, você está entre as hordas de repórteres que transformaram a minha vida num inferno?

– Sou boa no meu trabalho.

Ele conteve um riso de censura.

– Aposto que é. – Ele remexeu as pernas longas, sem tirar os olhos dela. – Gosta do que faz?

– Muito.

– Sente prazer em escarnar alguém que já está no chão, expondo o sofrimento das pessoas ao exame minucioso do público, tornando impossível que elas catem os pedaços de suas vidas já despedaçadas?

– Culpa a mídia por suas dificuldades?

– Em grande parte, sim.

– Por exemplo?

– Por exemplo, o hospital se embasou no peso da propaganda ruim. Propaganda ruim gerada e nutrida por gente como você.

– Você gerou sua própria publicidade ruim, dr. Stanwick.

Zangado, ele virou a cabeça e Tiel percebeu que tinha cutucado uma ferida.

O dr. Bradley Stanwick havia sido um oncologista renomado, exercendo a profissão num dos mais avançados centros de tratamento de câncer do mundo. Os pacientes vinham de toda parte do globo, geralmente como uma última esperança de se salvarem da morte. Sua clínica não podia salvar a todos, é claro, mas mantinha um excelente nível de contenção das devastações da doença e prolongava a existência, provendo ao paciente uma qualidade de vida que fazia valer a pena viver mais tempo.

Por isso foi uma ironia cruel quando a jovem e bela esposa de Bradley Stanwick foi acometida com um tipo pancreático de câncer que não podia ser operado.

Nem ele nem seus brilhantes colegas conseguiram retardar o avanço veloz da doença. Depois de semanas do diagnóstico, ela ficou confinada à cama. Ela optou por um tratamento agressivo de quimioterapia e radiação, mas os efeitos eram quase tão letais como a doença que o tratamento pretendia combater. Seu sistema imunológico enfraqueceu; ela teve pneumonia. Depois, um a um, seus órgãos começaram a falir.

Não querendo ter os sentidos anulados pelos analgésicos, ela os rechaçava. No entanto, durante os últimos dias de vida, seu sofrimento se tornou tão intenso que finalmente consentiu uma droga contra dor, que ela mesma pudesse administrar através de um sistema intravenoso.

Tiel soube de tudo isso por intermédio de suas pesquisas.

O dr. Bradley e a esposa só se tornaram notícia após a morte dela. Até que ela morresse, eles eram apenas uma estatística, vítimas de uma doença traiçoeira.

Mas, depois do enterro, os sogros descontentes começaram a fazer ruídos quanto à possibilidade de o genro ter acelerado a morte da esposa. Especificamente, ele a habilitara a se matar, ao estabelecer um mecanismo

de automedicação tão alta que ela realmente havia sucumbido, devido às quantidades letais de narcóticos. Eles alegavam que sua expressiva herança teria sido um estímulo para acelerar o processo.

Desde o início, Tiel achava que as alegações eram infundadas. Era uma conclusão inevitável que a expectativa de vida da sra. Bradley seria de dias. Um homem que deveria herdar uma fortuna poderia esperar até que a natureza seguisse seu curso. Além disso, o dr. Stanwick era rico com seus próprios recursos, embora reinjetasse muito de sua renda na clínica de oncologia, para ser usada em pesquisas e tratamento de pacientes indigentes. Mesmo se tivesse cometido a eutanásia com a esposa, Tiel não estava pronta para atirar a primeira pedra. A controvérsia ao redor da eutanásia a deixava num dilema moral, para o qual não tinha uma resolução satisfatória. Nesse assunto, ela tendia a concordar com o palestrante mais fervoroso.

Mas, sob uma perspectiva estritamente prática, ela duvidava firmemente de que Bradley Stanwick arriscasse sua reputação, mesmo por sua amada esposa.

Infelizmente, para ele, seus sogros persistiram até que a promotoria ordenou uma investigação – que provou ser um desperdício de tempo e pessoal. Nenhuma prova foi encontrada para substanciar a acusação dos sogros quanto a procedimentos criminosos. Não havia qualquer indicação de aceleração na morte da esposa. A promotoria declinou até em apresentar o caso ao júri, alegando não existir qualquer embasamento para isso.

No entanto, a história não acabou aí. Durante as semanas em que os investigadores estavam interrogando o dr. Stanwick, seus colegas, sua equipe, amigos, familiares e ex-pacientes, todos os aspectos de sua vida foram extensivamente examinados e debatidos. Ele vivia sob a sombra de uma suspeita especialmente inquietante, já que a maioria de seus pacientes era considerada terminal, com um quadro irreversível. O hospital onde trabalhava logo se viu sob os holofotes. Em lugar de apoiá-lo, os administradores votaram unanimemente pela revogação de seus privilégios no estabelecimento, até que ele ficasse livre de todas as

suspeitas. Não sendo tolo, Bradley sabia que jamais ficaria livre de *todas* as suspeitas. Uma vez que a semente da dúvida é plantada na mente do público, ela geralmente encontra terreno fértil e floresce.

Talvez a última traição tenha vindo de seus sócios, na clínica que ele fundara. Depois de trabalharem juntos durante anos, fazendo pesquisas e estudos, unindo seus conhecimentos, habilidades, teorias e firmando amizades, assim como alianças profissionais, eles pediram que ele se demitisse.

Bradley então vendeu sua parte na clínica aos antigos sócios, vendeu sua mansão em Highland Park por uma fração de seu valor e, com um comportamento de “danem-se vocês todos”, deixou Dallas rumo a um paradeiro ignorado. Foi onde a história terminou. Se Tiel não tivesse se perdido, indo parar em Rojo Flats, provavelmente jamais teria pensado nele novamente.

Agora, ela perguntava:

– Sabra é a primeira paciente que trata desde que deixou Dallas?

– Ela não é uma paciente e eu não a tratei. Eu era um médico que tratava câncer, não um obstetra. Essa é uma situação de emergência e eu atendi. Assim como você. Como todos os outros.

– Isso é falsa modéstia, Doc. Nenhum de nós poderia ter feito por Sabra o que você fez.

– Ronnie, tudo bem se eu beber alguma coisa? – Ele subitamente gritou para o garoto.

– Claro, tudo bem. Os outros também podem beber água.

Inclinando-se à frente, Doc pegou um pacote de seis garrafas de água na prateleira. Depois de tirar duas garrafas plásticas para ele e Tiel, passou o restante ao garoto, que pediu a Donna para distribuí-las.

Ele tomou quase metade de sua garrafa numa golada. Tiel tirou a tampa e bebeu, suspirando, depois de um longo gole.

– Boa ideia. Tentando mudar de assunto?

– Bom palpite.

– Não exerce a medicina aqui em Rojo Flats?

– Eu lhe disse. Sou fazendeiro.

– Mas eles o conhecem por aqui como Doc.
– Em cidades pequenas, todo mundo sabe de tudo.
– Mas você deve ter contado a alguém. De outro modo, como isso se espalharia...

– Olhe, srta. McCoy...

– Tiel.

– Eu não sei como se espalhou o fato de que eu exercia medicina. Mesmo tendo acontecido, o que isso importa para você?

– Só curiosidade.

– Sei. – Ele estava olhando direto em frente, não para ela. – Isso não é uma entrevista. Você não vai obter uma entrevista de mim. Portanto, por que não poupa o fôlego? Pode precisar, mais tarde.

– Antes do... episódio, você vivia uma vida muito ativa. Não sente falta de estar no centro das coisas?

– Não.

– Não fica entediado aqui?

– Não.

– Não é solitário?

– De quê?

– Companhia.

Ele virou a cabeça e se endireitou, de modo que seus ombros e dorso estavam quase de frente para ela.

– Às vezes. – Os olhos dele desceram, passando por ela. – Está se candidatando a me ajudar nisso?

– Ora, por favor.

E quando ela disse isso, ele começou a rir, mostrando que não tinha falado sério.

Ela se odiou por cair em sua astúcia.

– Achei que você estivesse acima dessa porcária machista.

Novamente sério, ele disse:

– E eu achei que você estivesse acima de todas essas perguntas, principalmente as pessoais, numa hora como essa. Logo quando eu estava começando a gostar de você.

Estranhamente, a forma como ele a olhava agora, com aquela intensidade investigativa, teve um efeito bem maior do que a insinuação sexual bajuladora. Aquilo tinha sido falso. Isso era real. Ela sentiu um aperto no estômago.

Então, um alvoroço do outro lado da loja fez com que ela e Doc levantassem.

CAPÍTULO | 8

TIEL BATIZARA O MEXICANO MAIS BAIXO DE JUAN. Ele causara a comoção. Estava debruçado sobre o agente Cain e o xingava abertamente – pelo menos ela achava que estava xingando. Ele berrava em espanhol, de um jeito bem abusivo.

Cain gritava, repetidamente, “Que diabos?”, e inutilmente tentava se desvencilhar da fita isolante.

Para espanto de todos, Juan grudou um pedaço de fita na boca do agente do FBI, para calá-lo. Enquanto isso, o companheiro mais alto de Juan soltou o verbo, com algo que soava uma repreensão, confuso pelo súbito ataque de Juan ao agente.

Ronnie empunhava a pistola, gritando:

– O que está havendo? O que estão fazendo aí? Vern, o que aconteceu?

– Eu sei lá. Eu tinha cochilado. Acordei quando eles começaram a gritar um com o outro.

– Ele simplesmente pulou em cima dele – disse Gladys, com seu jeito meticuloso. – Sem razão aparente. Não confio nele. Nem no amigo dele.

– *Que pasa?* – perguntou Doc.

Os outros subitamente caíram em silêncio, surpresos por ele falar espanhol. Aparentemente, Juan era o mais surpreso de todos. Ele girou a cabeça e encarou Doc. Sem se intimidar pelo olhar fulminante, Doc repetiu a pergunta.

– *Nada* – murmurou Juan, baixinho.

Então, Doc levantou e trocou olhares com o mexicano.

– E então? – perguntou Tiel.

– Então, o quê? Essa é a extensão do meu vocabulário espanhol, exceto por olá, até logo, por favor, obrigado e merda. Nenhuma dessas palavras se aplica a essa situação.

– Por que pulou em cima dele? – perguntou Ronnie ao mexicano. – Qual é o seu problema?

– Ele é maluco, isso sim – disse Donna. – Eu logo vi, assim que pus os olhos nele.

Juan respondeu em espanhol, mas Ronnie impacientemente sacudiu a cabeça.

– Não consigo entendê-lo. Apenas tire a fita da sua boca. Anda! – ordenou ele quando Juan deixou de obedecer imediatamente. Ronnie se fez entender, fazendo mímica do movimento puxando a fita da boca de Cain, que estava ouvindo e olhando a movimentação ao seu redor, com olhos arregalados e assustados.

O mexicano inclinou-se para baixo, desgrudou um cantinho da fita e arrancou dos lábios do agente. Ele gritou de dor, depois gritou:

– Seu filho da puta!

Juan pareceu satisfeito consigo mesmo. Deu uma olhada para o parceiro e ambos riram, como se estivessem se divertindo com o constrangimento e desconforto do agente federal.

– Vocês todos vão para a cadeia. Cada um de vocês. – Cain olhou malignamente para Tiel. – Principalmente você. É culpa sua que estejamos nessa enrascada.

– Minha?

– Você impediu que um oficial federal cumprisse seu dever.

– Eu impedi que você desnecessariamente tirasse uma vida humana só para ganhar os louros, ou se divertisse, ou seja qual for o seu motivo para ter entrado aqui e complicado mais ainda uma situação que já estava complicada. Sob as mesmas circunstâncias, eu o atacaria novamente.

Seu olhar hostil passou por cada um dos reféns, parando novamente no mexicano que o atacara.

– Eu não entendo. Que diabo está errado com vocês? – Ele acenou com a cabeça para Ronnie. – Ele é o inimigo, não eu.

– Nós só estamos tentando evitar que esse impasse termine em desastre – disse Doc.

– A única forma para que isso aconteça é a rendição e entrega dos reféns. É política do departamento não negociar.

– Já ouvimos isso de Calloway – disse Tiel a ele.

– Se Calloway achar que estou morto...

– Nós asseguramos que não está.

O agente debochou de Ronnie.

– O que o faz achar que ele acreditaria em você?

– Porque eu confirmei – disse Tiel.

Doc, que voltou sua atenção à Sabra, disse:

– Preciso de outro pacote de fraldas.

Não podia ser para o bebê, pensou Tiel. Katherine não tinha molhado tantas. Só foi preciso uma olhada para ela entender que eram para Sabra. O sangramento não tinha parado. Talvez tivesse até aumentado.

– Ronnie, posso pegar outro pacote de fraldas?

– O que há de errado? Algo com o bebê?

– O bebê está bem, mas Sabra está sangrando.

– Meu Deus!

– Posso pegar as fraldas?

– Claro, claro – disse ele vagamente.

– Que herói e tanto você é, Davison – disse Cain, debochado. – Para salvar a própria pele, está disposto a deixar sua namorada e o bebê morrerem. É preciso muita coragem para deixar uma mulher sangrar até morrer.

– Eu gostaria que aquele mexicano tivesse usado uma fita que não desse pra tirar – resmungou Donna. – Você tem uma boca muito grande, federal.

– Pela primeira vez, você está certa, Donna – disse Gladys. Dirigindo-se a Cain, ela acrescentou: – Que coisa odiosa a se dizer.

– Tudo bem, fiquem quietos, todos vocês! – disse Ronnie. Imediatamente todos caíram em silêncio, exceto pelos dois mexicanos que ficaram confabulando em cochichos.

Tiel correu de volta ao lado de Doc, com uma caixa de fraldas descartáveis. Ela rasgou o pacote e desdobrou uma fralda para ele, que a

posicionou embaixo do quadril de Sabra.

– O que o fez pensar nisso?

– Ela está sangrando muito rápido pelos absorventes. Essas são forradas de plástico.

O diálogo foi em voz baixa. Nenhum dos dois queria deixar a garota em pânico, ou agitar Ronnie, que estava olhando o relógio na parede atrás do balcão. Seu ponteiro de segundos circulava lentamente.

Doc passou ao lado de Sabra e pegou-lhe a mão.

– Você ainda está sangrando um pouquinho mais do que eu gostaria.

Os olhos dela desviaram para Tiel, que pousou a mão tranquilizadora em seu ombro.

– Não há necessidade de alarme imediato. Doc só está pensando à frente. Ele não quer que as coisas piorem a ponto de não poderem melhorar.

– Isso mesmo. – Inclinando-se mais perto dela, ele falou baixinho. – Você poderia, por favor, repensar a possibilidade de ir para o hospital?

– Não!

– Antes de dizer não – apelou ele –, me escute um minuto. Por favor.

– Por favor, Sabra. Deixe o Doc explicar.

Os olhos da garota voltaram a Doc, mas o olhavam com cautela.

– Não estou pensando apenas em você e no bebê – disse ele –, mas também em Ronnie. Quanto mais rápido ele puser um fim nisso, melhor será para ele.

– O papai vai matá-lo.

– Não vai, não. Não, se você e Katherine estiverem a salvo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Você não entende. Ele só está fingindo que nos quer em segurança. Ontem à noite, quando contamos sobre o bebê, ele ameaçou matá-lo. Disse que, se pudesse, ele cortava minha barriga para arrancá-lo e o estrangulava com as próprias mãos. Ele detesta Ronnie e o fato de estarmos juntos.

Tiel resfolegou. Ela nunca tinha ouvido uma palavra lisonjeira sobre Russell Dendy, mas esse testemunho de sua crueldade era chocante. Como

alguém podia ser tão impiedoso? Os lábios de Doc se comprimiram formando uma linha fina.

– O papai é esse tipo de pessoa – continuou Sabra. – Ele detesta ser provocado. Jamais nos perdoará por tê-lo desafiado. Ele fará com que Ronnie fique na cadeia para sempre, e eu nunca mais verei meu bebê. Não ligo para o que ele fizer comigo. Se eu não posso ficar com eles, não me importa o que me acontecer.

Ela inclinou a cabeça e pousou o rosto junto à recém-nascida. A penugem da cabecinha amparava as lágrimas que escorriam pelo rosto de Sabra.

– Vocês dois foram ótimos comigo, de verdade. Detesto desapontá-los. Mas não me farão mudar de ideia quanto a isso. Até que eles deixem Ronnie e eu sairmos daqui, com a promessa de que papai nos deixará em paz, eu fico. Além disso, Doc, eu confio mais em você do que em qualquer médico ou hospital para onde meu pai me mande.

Doc limpou o suor com as costas da mão e suspirou. Ele olhou para Tiel, que ergueu os ombros, num gesto de impotência.

– Certo – disse ele, relutante. – Farei o melhor que puder.

– Eu não duvido disso. – Sabra se retraiu. – Está muito ruim?

– Não há nada que eu possa fazer quanto ao sangramento pelo tecido rasgado. Mas o sangramento vaginal... Lembra-se, mais cedo, quando eu lhe disse para descansar, pois talvez lhe pedisse para fazer algo para mim?

– Arrã.

– Bem, eu gostaria que você amamentasse Katherine.

A garota lançou um olhar estarrecido para Tiel.

– A amamentação fará com que seu útero contraia e reduza o sangramento – explicou ela.

Doc sorriu para Sabra.

– Pronta pra tentar?

– Acho que sim – respondeu ela, embora parecesse incerta e constrangida.

– Vou ajudá-la. – Tiel pegou a tesoura limpa. – Que tal se eu usar a tesoura para cortar as alças do seu vestido? Depois, nós podemos prender

com alfinete, mas isso irá evitar que você tenha que tirar a roupa.

– Isso seria bom. – Ela parecia aliviada por Tiel ajudá-la a decidir.

– Vou deixar as moças terem um pouco de privacidade. É... srta., é... Tiel?

Doc gesticulou para que ela levantasse e eles falaram rapidamente.

– Sabe algo sobre isso?

– Nada. Minha mãe parou de me amamentar quando eu tinha 3 meses, e eu não me lembro.

Ele sorriu levemente.

– Eu não quis dizer quanto a ser a receptora.

– Eu sei o que você quis dizer. Isso foi uma piada. De qualquer forma, a resposta é não.

– Bem, então, de vocês três, Katherine será a que tem maior conhecimento. Posicione-a corretamente e ela agirá por instinto. Ao menos, espero que o faça. Alguns minutos em cada seio.

– Certo – disse Tiel, com um breve aceno da cabeça.

Ela se ajoelhou ao lado de Sabra e cortou a costura dos ombros de seu vestido de alcinhas.

– De agora em diante, eu sugiro que use blusas abotoadas na frente. Ou algo solto que você possa erguer e deixar cair sobre Katherine. Uma vez, num voo longo até Los Angeles, eu sentei ao lado de uma mãe com um bebê. Ela amamentou o bebê o voo inteiro e ninguém sabia, exceto eu, porque ela estava na poltrona ao lado da minha. Ela estava completamente coberta o tempo todo.

O papo era intencional, no intuito de distrair Sabra e aliviar sua timidez. Quando terminou de cortar as alças, Tiel desceu um dos lados do vestido.

– Agora abaixe a alça do seu sutiã e puxe a frente para baixo. Aqui, deixe-me segurar Katherine. – Sabra olhou em volta, constrangida. – Não dá pra ninguém ver – assegurou-lhe Tiel.

– Eu sei. Mas dá uma sensação estranha.

– Tenho certeza que sim.

Quando Sabra estava pronta, Tiel devolveu-lhe Katherine. A recém-nascida estava fazendo pequenos sons, mas, no instante em que sentiu o volume do seio de Sabra junto ao rosto, sua boquinha foi em busca do mamilo. Ela o encontrou, tentou pegar, mas não conseguiu. Depois de várias tentativas, o bebê começou a chorar. Ela fechou os pequenos punhos e os sacudia, com o rosto vermelho.

– Está tudo bem? – perguntou Doc, de longe.

– Tudo – mentiu Tiel.

Sabra chorava de frustração.

– Eu não estou fazendo direito. O que estou fazendo de errado?

– Nada, meu bem, nada – disse Tiel, acalmando-a. – Katherine sabe como ser um bebê, tanto quanto você sabe ser mãe. Vocês irão aprender seus papéis juntas. É o que torna isso tão maravilhoso. Mas eu ouvi dizer que um bebê consegue sentir a frustração da mãe. Quanto mais relaxada você ficar, mais fácil será. Respire fundo e tente outra vez.

Uma segunda tentativa foi mais bem-sucedida que a primeira.

– Sabe de uma coisa? Acho que é a sua posição – observou Tiel. – Está estranho para você e para ela. Talvez fosse melhor sentar.

– Não posso. Estou sentindo muita dor embaixo.

– E se Doc amparasse suas costas? Isso aliviaria a pressão lá embaixo e você poderia segurar a Katherine com mais conforto.

– Ele vai me ver – protestou ela num sussurro lacrimoso.

– Eu arranjo de um jeito para que ele não veja. Espere aqui. Eu já volto.

Mais cedo, Tiel notara uma arara cheia de camisetas de souvenir. Antes que Ronnie pudesse perguntar o que estava fazendo, ela disparou até lá e arrancou uma do mostruário. Ela notou que estava empoeirada, mas não dava para fazer nada. Ao virar, ela arrancou outra camiseta da arara.

Ao voltar com as camisetas, Katherine já estava tendo uma crise de choro. Todos na loja mantinham um silêncio respeitoso. Tiel espalhou as camisetas grandes sobre mãe e bebê.

– Pronto. Ele não vai conseguir ver nada. Tudo bem?

– Tudo bem.

– Doc?

Ele chegou num segundo. – Hein?

– Você poderia ficar atrás de Sabra e segurar suas costas, como eu fiz durante o parto?

– Claro.

Ele ajoelhou atrás da garota e ajudou a colocá-la numa posição semissentada.

– Agora, apenas encoste em meu peito. Vamos, relaxe, Sabra. Pronto. Confortável?

– Sim. Estou bem. Obrigada.

Tiel ergueu um canto da camiseta, o suficiente para olhar embaixo. Katherine tinha parado de chorar e novamente fazia sua busca instintiva.

– Ajude-a, Sabra – instruiu Tiel baixinho. Sabra também agiu por instinto. Apenas com uma pequena manobra, entre o mamilo e o bebê, Katherine começou a sugar vigorosamente.

Sabra riu encantada. Assim como Tiel. Ela soltou o canto da camiseta e sorriu para Doc.

– Acho que agora está tudo bem.

– Elas são profissionais. – A gabação de Tiel pôs um grande sorriso nos lábios esbranquiçados de Sabra. – Você já tinha decidido antecipadamente que iria amamentar?

– Na verdade, eu não tinha pensado a respeito. Estava tão preocupada com a gravidez que nem tive tempo de pensar em mais nada.

– Você pode tentar, depois, se não der certo, pode trocar para mamadeira. Não há vergonha alguma em dar mamadeira.

– Mas eu ouvi dizer que amamentar é melhor para o bebê.

– É o que eu também ouvi.

– Você não tem filhos?

– Não.

– É casada?

Parecia que Sabra se esquecera de que Doc estava ali. Ela estava de costas para ele, então ele era como uma peça de móvel. Tiel, no entanto, estava de frente para ele e totalmente ciente de que ele ouvia cada palavra.

– Não. Solteira.

– Já foi casada?

Depois de uma ligeira hesitação, ela respondeu:

– Anos atrás. Por um curto período de tempo.

– O que aconteceu?

Os olhos verde-acinzentados não hesitavam.

– Nós, é... seguimos direções diferentes.

– Ah. Que pena.

– É, foi.

– Que idade você tinha?

– Era jovem.

– Que idade tem agora?

Tiel riu, nervosa.

– Mais velha. Fiz 33, no mês passado.

– É melhor você se apressar e encontrar outra pessoa. Quero dizer, se quiser ter uma família.

– Você parece minha mãe.

– Você quer?

– Quero o quê?

– Quer outro marido e filhos?

– Algum dia, talvez. Tenho andado muito ocupada com a minha carreira.

– Você poderia ser mãe solteira.

– Já pensei nisso, mas não tenho certeza se quero isso para o meu filho. Mas ainda não decidi.

– Não posso imaginar alguém que não queira uma família – disse a garota, com um sorriso suave para Katherine. – Ronnie e eu só falamos disso. Queremos ter uma casa grande, no interior. Com muitos filhos. Sou filha única. Ele só tem um meio-irmão caçula, e entre eles há 12 anos de diferença. Nós queremos uma família grande.

– É uma ambição admirável.

Sem interromper, Doc sinalizou para Tiel, com o queixo, de que estava na hora de trocar de lado. Tiel ajudou Sabra e logo Katherine sugava

contente o outro seio.

Então, a garota surpreendeu a ambos e inclinou a cabeça para trás, perguntando:

- E você, Doc?
- O quê?
- Você é casado?
- Minha esposa morreu três anos atrás.

O rosto de Sabra entristeceu.

- Ah, eu lamento muito.
- Obrigado.

– Como foi que ela morreu? Se não se importa que eu pergunte.

Ele contou sobre a doença da esposa, sem mencionar o conflito que veio depois de sua morte.

– Algum filho?

– Infelizmente, não. Nós estávamos começando a conversar sobre ter uma família, quando ela ficou doente. Assim como a srta. McCoy, ela tinha uma carreira. Era bióloga.

– Nossa. Ela devia ser inteligente.

– Na verdade, brilhante. – Ele sorriu, embora Sabra não pudesse ver. – Muito mais inteligente que eu.

– Vocês deviam se amar muito.

O sorriso dele foi sumindo aos poucos. O que Sabra não podia adivinhar, mas Tiel sabia, era que o casamento não era per feito, nem isento de problemas. Durante a investigação sobre as circunstâncias que cercavam a morte de Shari Stanwick, foi descoberto que ela tinha um caso extraconjugal. Bradley Stanwick sabia da infidelidade da esposa e assumiu sua parte da culpa. Sua agenda de trabalho exigia muito e frequentemente o mantinha fora até tarde e longe de casa.

Mas os dois se amavam e estavam comprometidos em fazer o casamento dar certo. Estavam frequentando terapia conjugal e planejavam continuar juntos, quando a doença maligna foi diagnosticada. A enfermidade, na verdade, os aproximou mais. Ao menos foi isso que ele alegou aos seus acusadores.

Tiel podia ver que, mesmo depois de todo esse tempo, as lembranças da infidelidade da esposa ainda o magoavam.

Quando percebeu que Tiel o observava, a melancolia de sua expressão desapareceu.

– Isso é o bastante, por enquanto – disse ele, provavelmente com mais aspereza do que pretendia.

– De qualquer forma, ela parou de mamar – disse Sabra. – Acho que dormiu.

Enquanto Sabra arrumava sua roupa, Tiel pegou o bebê para trocar a fralda. Doc colocou a garota de volta na posição original, depois olhou a fralda que colocara embaixo dela.

– Melhor. Graças a Deus.

Tiel aconchegou-se ao bebê e deu um beijinho no alto de sua cabeça, antes de devolvê-lo aos braços da mãe.

O telefone tocou. Havia passado uma hora.

Todos ficaram atentos. Aguardado por uma hora, o toque do telefone representava o curso do destino deles. Agora que era iminente, todos pareciam detestar ter que ouvir a resposta de Calloway à exigência de Ronnie. Principalmente Ronnie, que parecia mais nervoso que antes.

Ele olhou para Sabra e tentou sorrir, mas seus lábios não conseguiram manter a expressão por muito tempo.

– Você tem certeza, Sabra?

– Sim, Ronnie. – Ela falou baixinho, mas com determinação e dignidade. – Certeza absoluta.

O garoto limpou a mão na calça, antes de erguer o fone do gancho.

– Sr. Calloway? – Então, depois de uma pausa momentânea, ele exclamou: – *Pai!*

CAPÍTULO | 9

- QUEM É ESSE?

Quando o recém-chegado foi acompanhado até a van do FBI, Calloway ignorou a pergunta descortês de Russell Dendy e levantou para apertar a mão do homem.

– Sr. Davison?

– Vocês só podem estar brincando comigo. – Dendy rosnou, com aversão. – Quem o convidou?

Calloway fingiu que Dendy nem estava ali.

– Sou o agente especial Bill Calloway.

– Cole Davison. Eu gostaria de dizer que é um prazer conhecê-lo, sr. Calloway.

A julgar por sua aparência, dava para acreditar que Davison era um fazendeiro. Usava uma calça Levi's desbotada e botas de caubói. Sua camisa branca engomada tinha botões perolados de pressão, em vez de botões comuns. Ao entrar na van, educadamente tirou o chapéu de caubói que deixou uma marca em seus cabelos e uma faixa rosa na testa, que era bem mais clara que os outros dois terços de seu rosto bronzeado. Ele tinha um porte forte e caminhava com as pernas arcadas.

Não era fazendeiro. Era dono de cinco franquias de *fast-food* e morava em Hera só para fugir das “metrópoles” como Tulia e Floydada.

Calloway lhe deu as boas-vindas dizendo:

– Obrigado por vir tão depressa, sr. Davison.

– Eu viria, tendo ou não sido chamado. Assim que eu soube que meu menino estava entocado aqui, fiquei ansioso para chegar. Eu estava caminhando até a porta, quando o senhor me ligou.

Dendy, que estava fumegando ao fundo, tinha agarrado Davison pelo ombro, fazendo-o virar. Ele enfiou o dedo indicador no rosto do outro homem.

– É culpa sua que minha filha esteja nessa encrenca. Se algo acontecer com ela, você está morto, assim como aquele depravado que você desovou...

– Sr. Dendy – interrompeu sério Calloway. – Mais uma vez, eu estou prestes a mandar removê-lo fisicamente dessa van. Mais uma palavra e vou mandar tirá-lo daqui.

O milionário, ignorando o alerta de Calloway, continuou sua arenga.

– Seu filho – declarou ele – seduziu minha filha, engravidou-a e sequestrou-a. Vou transformar em minha missão de vida que ele nunca mais veja a luz do dia, nem respire o ar da liberdade. Vou garantir que passe cada segundo de sua vida infeliz na cadeia.

Para crédito de Davison, ele manteve a calma.

– Parece-me que o senhor é parcialmente culpado por isso, sr. Dendy. Se não tivesse sido tão duro com esses meninos, eles não teriam sentido a necessidade de fugir. O senhor sabe, tanto quanto eu, que Ronnie não levou sua menina contra a vontade dela. Eles se amam e fugiram do senhor e de suas ameaças, é o que eu acho.

– Não estou nem aí para o que você acha.

– Bem, eu estou – disse Calloway, gritando mais alto que Russell Dendy. – Quero ouvir a opinião do sr. Davison sobre a situação.

– Pode me chamar de Cole.

– Tudo bem, Cole. O que acha disso? Qualquer coisa que possa nos dizer sobre seu filho e seu modo de pensar será útil.

Diante disso, Dendy disse:

– Que tal alguns atiradores de elite? Uma equipe da SWAT? Isso, *sim*, seria útil.

– Usar a força arriscaria a vida de sua filha e do bebê.

– Bebê?! – exclamou Davison. – Já nasceu?

– Pelo que sabemos, ela teve uma menininha, umas duas horas atrás – informou Calloway. – Ambas parecem estar bem.

– Parecem – fungou Dendy. – Pelo que eu sei, minha filha está morta.

– Ela não está morta. Segundo a srta. McCoy, não.

– Ela podia estar falando para salvar a própria pele. Aquele lunático podia estar segurando uma arma contra a cabeça dela!

– Eu não creio, sr. Dendy – disse Calloway, esforçando-se para se manter calmo. – Tampouco nosso psicólogo, que estava ouvindo minha conversa com a srta. McCoy. Ela parece perfeitamente sob controle, e não alguém que está sob coação.

– Quem é essa srta. McCoy? – queria saber Davison. Calloway explicou, depois ele olhou para Davison mais atentamente. – Quando foi a última vez que falou com Ronnie?

– Ontem à noite. Ele e Sabra estavam saindo para ir até a casa de Dendy e contar aos pais dela sobre o bebê.

– Há quanto tempo sabe sobre a gravidez?

– Algumas semanas.

O rosto de Dendy ficou vermelho como uma beterraba.

– E não achou apropriado me contar?

– Não, senhor, não achei. Meu filho confiou em mim. Eu não podia trair sua confiança, embora eu tenha pedido que ele lhe contasse. – Ele virou de costas para Dendy e dirigiu o restante de suas observações para Calloway.

– Tive que dar uma corrida até Midkiff hoje, por conta de uma fritadeira que estava saindo. Só cheguei em casa tarde, essa noite. Encontrei um bilhete de Ronnie em cima da mesa da cozinha. O bilhete dizia que eles tinham passado por lá na esperança de me encontrar. Também dizia que tinham fugido juntos e estavam seguindo para o México. E que me avisariam como entrar em contato com eles, quando chegassem ao destino.

– Fico surpreso que eles tenham ido visitá-lo. Não tinham medo que o senhor tentasse convencê-los a voltar para casa?

– A verdade, sr. Calloway, é que eu disse a Ronnie que, se algum dia eles precisassem da minha ajuda, eu ficaria contente em ajudar.

Dendy atacou tão depressa que ninguém pôde prever, muito menos Davison. Dendy aterrissou nas costas de Davison com todo o seu peso. Davison teria caído se Calloway não o tivesse segurado, amparando a

queda. Mesmo assim, os dois bateram contra a parede da van que estava perfilada de terminais de computadores, monitores de TV, gravadores de vídeo e equipamento de vigilância. O xerife Montez pegou Dendy pelo colarinho da camisa e o arrastou à frente, batendo com ele na parede oposta.

Calloway instruiu um de seus subordinados a arrastar Dendy para fora dali.

– Não! – resfolegava Dendy, mas conseguiu dizer: – Eu quero ouvir o que ele tem a dizer. Por favor.

Já mais abrandado, Calloway cedeu.

– Não vai ter mais dessa palhaçada aqui, Dendy. Você está me entendendo?

Dendy estava vermelho e furioso, mas assentiu.

– Tudo bem. Eu vou me acertar com esse filho da puta mais tarde. Mas quero saber o que está havendo.

Depois de restabelecida a ordem, Calloway perguntou a Davison se estava tudo bem. Davison pegou seu chapéu de caubói do chão e bateu a poeira, na perna do jeans.

– Não ligue pra mim. Estou preocupado com os garotos. E o bebê também.

– Você acha que Ronnie veio para lhe pedir dinheiro?

– Pode ser. Independentemente do que o sr. Dendy acha, eu não me ofereci para ajudá-los a fugir. Na verdade, foi exatamente o contrário. Meu conselho para eles foi enfrentá-lo. – Os dois pais trocaram olhares hostis.

– De qualquer forma – continuou Davison –, suponho que eles pudessem precisar de algum dinheiro. Ronnie trabalha depois da escola, numa fazenda, para ganhar um dinheirinho, mas o salário não daria para custear uma mudança para o México. Como não o encontrei hoje, acho que ele decidiu fazer isso.

Ele gesticulou na direção da loja, com uma expressão de remorso.

– Meu garoto não é bandido. Sua mãe e o padrasto fizeram um bom trabalho com ele. Ele é um bom garoto. Eu imagino que ele estivesse se sentindo desesperado para cuidar de Sabra e do bebê.

– Ele cuidou dela, sim. Arruinou-lhe a vida.

Sem dar atenção a Dendy, Davison perguntou a Calloway:

– Então, qual é o plano? Você tem um plano?

Calloway trouxera o pai de Ronnie Davison para acelerar as coisas. Olhando o relógio, ele acrescentou:

– Há 57 minutos, ele nos deu uma hora para persuadir o sr. Dendy a deixá-los em paz. Querem sua palavra quanto a não interferir em suas vidas, que não dará o bebê. Que...

– Dar o bebê? – Davison olhou para Dendy com absoluta perplexidade.

– O senhor ameaçou dar o bebê deles? – Sua expressão de desprezo disse muito. Sacudindo a cabeça de tristeza, ele se virou de volta para Calloway.

– O que posso fazer?

– Entenda, sr. Davison, Ronnie irá enfrentar acusações criminais.

– Eu calculo que ele saiba disso.

– Mas quanto mais rápido ele liberar os reféns e se entregar, melhor será para ele. Até agora, ninguém foi ferido. Com gravidade, não. Eu gostaria de manter as coisas assim, pelo bem de Ronnie e também dos outros.

– Ele não vai se ferir?

– Tem minha palavra quanto a isso.

– Diga-me o que fazer.

Essa conversa resultou em uma ligação de Cole para a loja, assim que o prazo terminou.

– Pai! – exclamou Ronnie. – De onde está ligando?

Tiel e Doc se aproximaram e ouviram atentamente o que Ronnie estava dizendo ao telefone. A julgar por sua reação, ele não esperava a ligação do pai.

Pelo que Gully lhe dissera mais cedo, Tiel sabia que os dois eram próximos. Ela imaginou que Ronnie estivesse sentindo um misto de vergonha e constrangimento, como qualquer criança sente, ao ser flagrada fazendo algo errado por um pai a quem respeita. Talvez o sr. Davison

pudesse informar ao filho o problema em que ele se encontrava e influenciá-lo a acabar com o impasse.

– Não, pai, a Sabra está bem. Você sabe como eu me sinto quanto a ela. Eu não teria feito nada para prejudicá-la. Sim, eu sei que ela deveria estar num hospital, mas...

– Diga a ele que eu não vou deixar você! – gritou Sabra para ele.

– Não sou apenas eu, pai. Sabra diz que não quer ir. – Enquanto ouvia, ele desviou os olhos para Sabra e o bebê. – Ela também parece bem. A srta. McCoy e Doc têm cuidado delas. É, eu sei que é sério.

As feições do jovem estavam retraídas de preocupação. Tiel olhou em volta, para os colegas reféns. Todos, incluindo os mexicanos, que não entendiam o idioma, estavam imóveis, silenciosos, alertas.

Doc sentiu seu olhar, quando ela olhou para ele. Ele ergueu os ombros e os sacudiu levemente, depois voltou sua atenção a Ronnie, que segurava o fone com tanta força que os nós de seus dedos esbranquiçaram. Sua testa estava pontilhada de suor. Os dedos nervosamente flexionavam e se contraíam ao redor do cabo da pistola.

– O sr. Calloway também me parece um homem decente, pai. Mas realmente não importa o que ele diz, ou garante. Não é das autoridades que nós estamos fugindo. É do sr. Dendy. Não vamos dar nosso bebê para que estranhos adotem-na. Sim, ele daria! – frisou o garoto, numa voz falhada de emoção. – Ele *daria*.

– Eles não o conhecem – disse Sabra, com a voz tão embargada quanto a de Ronnie.

– Pai, eu te amo – disse Ronnie, ao telefone. – E lamento se o fiz se envergonhar de mim. Mas não posso desistir. Não até que o sr. Dendy prometa deixar Sabra ficar com o bebê.

O que Ronnie estava ouvindo fez com que ele sacudisse a cabeça e sorrisse tristemente para Sabra.

– Então, há algo que você, o sr. Dendy, o FBI e todo mundo têm que saber, pai. Nós, Sabra e eu, fizemos um pacto, antes de deixarmos Fort Worth.

O peito de Tiel se contraiu.

– Ah, não.

– Nós não queremos viver separados. Acho que você sabe o que isso significa, pai. Se o sr. Dendy não desistir de controlar as nossas vidas, nosso futuro, não queremos um futuro.

– Ai, meu Deus. – Doc passou a mão no rosto.

– Sim, pai, eu sei – insistiu o garoto. Ele estava olhando para Sabra, que assentiu solenemente. – Não vamos viver um sem o outro. Diga isso ao sr. Dendy e ao sr. Calloway. Se eles não nos deixarem sair e seguir nosso caminho, ninguém sai daqui vivo.

Ele desligou rapidamente. Ninguém se mexeu nem disse nada por vários momentos. Então, como se seguissem um sinal, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Donna começou a choramingar. O agente Cain mantinha a ladainha de “Você nunca irá se safar com isso”. Vern declarava seu amor por Gladys, enquanto ela implorava para que Ronnie pensasse no bebê.

Foi a ela que ele se dirigiu.

– Meu pai vai criar Katherine como se fosse sua. Ele não vai deixar que o sr. Dendy coloque as mãos nela.

– Nós resolvemos tudo isso antecipadamente – disse Sabra. – Ontem à noite.

– Vocês não podem estar falando sério – disse Tiel a ela. – Não podem.

– Estamos. É a única forma de fazê-los entender como nos sentimos.

Tiel ajoelhou ao lado dela.

– Sabra, suicídio não é uma forma viável de afirmar um ponto de vista, ou ganhar um argumento. Pense na sua filha. Ela nunca irá conhecê-la. Nem ao Ronnie.

– Ela nunca nos conheceria, de qualquer forma. Não, se meu pai fizer as coisas de seu jeito.

Tiel levantou e foi até o lado de Doc, que estava fazendo apelos semelhantes a Ronnie.

– Tirar tantas vidas, a vida de Sabra, isso só validaria a baixa opinião que Dendy tem a seu respeito. Você tem que ser mais esperto que ele, Ronnie.

– Não – disse o garoto, teimando.

– Esse é o legado que você quer deixar para sua filha?

– Nós pensamos sobre isso por um bom tempo – disse Ronnie. – Demos ao sr. Dendy uma oportunidade de nos aceitar e ele recusou. Essa é a única saída que temos. Eu estava falando sério. Sabra e eu preferimos morrer...

– Acho que eles não estão convencidos.

– Hã? – Ele olhou para Tiel, que o interrompera. Doc também se virou para ela, igualmente surpreso por sua afirmação.

– Aposto que eles acham que você está blefando.

Uma ideia tinha lhe ocorrido antes, quando Ronnie estava tentando convencer Calloway de que todos os reféns estavam a salvo, incluindo o agente Cain. Ela temporariamente colocou a ideia de lado, enquanto ajudava Sabra com a amamentação. Outra questão lhe surgia agora enquanto ela falava.

– Para que eles sintam o impacto de sua decisão, precisam entender o quanto você está falando sério.

– Eu contei a eles – disse Ronnie.

– Mas ver é acreditar.

– O que você está insinuando? – Isso veio de Doc.

– O pessoal da imprensa está lá fora. Tenho certeza de que a equipe de câmeras da minha emissora está entre eles. Vamos trazer um operador de câmera aqui dentro para gravar você. – O garoto estava ouvindo. Ela o fez assimilar a ideia. – Eles verão o quanto você está sendo sincero – disse ela, indicando os outros. – Mas é impossível transmitir sua sinceridade ao telefone. Se Calloway pudesse vê-lo, quando você fala, ver que Sabra concorda plenamente, então, acho que ele, seu pai e o sr. Dendy dariam mais crédito ao que está dizendo.

– Você quer dizer que eu estaria na TV? – perguntou Donna, parecendo feliz com a possibilidade.

O lábio inferior de Ronnie estava sendo brutalizado pelos dentes superiores.

– Sabra, o que você acha?

– Eu não sei – disse ela, hesitante.

– Outra coisa – argumentou Tiel –, se o sr. Dendy pudesse ver a neta, talvez recuasse de vez. Vocês alegam ter mais medo dele do que do FBI.

– Nós temos. Ele é muito mais impiedoso.

– Mas ele é um ser humano. As imagens de Katherine em vídeo seriam fortemente persuasivas. Até agora, ela tem sido apenas “o bebê”, um símbolo de sua rebelião contra ele. Um vídeo a tornaria real para ele, faria com que repensasse sua posição. E com seu pai e o agente Calloway trabalhando nele, eu acredito que ele enfraqueceria e se renderia.

– O agente Calloway não vai comprometer a política do departamento.

– Cain poderia ter poupado seu fôlego, pois ninguém deu atenção ao seu comentário.

– O que diz? – perguntou Tiel. – Não vale a pena tentar? Você não quer nos matar, Ronnie. E também não quer matar Sabra, ou você mesmo. O suicídio é uma solução permanente para um problema temporário.

– Eu não estou só fazendo fumaça!

Tiel aproveitou seu rompante emocional.

– Bom! Isso é exatamente o que eles precisam ver e ouvir. Use o vídeo para convencê-los de que você não pretende recuar.

Ele estava relutando com sua decisão.

– Sabra, o que você acha?

– Talvez a gente deva, Ronnie. – Ela deu uma olhada para a criança que dormia em seus braços. – O que Doc disse sobre o legado que vamos deixar para Katherine... Se houvesse outro jeito de fazer isso, não valeria pelo menos a tentativa?

Tiel ficou na expectativa. Ela estava perto o suficiente de Doc para ver que ele estava tão retesado quanto uma corda de violão.

– Está bem – disse Ronnie, tenso. – Um cara pode entrar. E é bom que você diga a eles que não venham com truques como fizeram com ele – disse, gesticulando para Cain.

Tiel exalou trêmula.

– Mesmo que tentassem, eu não deixaria. Se não houver uma equipe da minha estação aqui, vamos esperar por uma. A menos que eu reconheça o

operador de câmara, ele não entra, está bem? Eu lhe dou a minha palavra.

– Ela se virou para Cain. – Como posso entrar em contato com Calloway?

– Eu não...

– Não me venha de conversa fiada. Qual é o número?

CAPÍTULO | 10

TIEL ESTAVA LAVANDO O PEITO com um dos lenços umedecidos de bebê, quando sentiu um movimento atrás dela. Rapidamente deu uma olhada ao redor e seria difícil dizer quem ficou mais constrangido, ela ou Doc. Os olhos dele involuntariamente recaíram sobre seu sutiã lilás de renda. Tiel sentiu um calor emergindo dali.

– Desculpe – murmurou ele.

– Eu estava horrível – explicou ela, virando o ombro, para ocultar a frente. Sua blusa estava rija com o fluido de sangue que tinha absorvido quando segurou a recém-nascida pela primeira vez junto ao peito. Doc estava confabulando com Ronnie, então Tiel aproveitou o instante de privacidade para tirar a blusa e se limpar. Ele voltara antes do que ela esperava. – Achei que eu deveria me limpar antes de aparecer diante da câmera.

Ela usou o toalete e pegou a camiseta extra que tinha tirado da arara, mais cedo. Depois de vesti-la, virou e ergueu os braços nas laterais do corpo. Na frente da camiseta, a bandeira do Texas e, embaixo, LAR. – Não é exatamente *haute couture* – disse ela, triste.

– Por aqui, é. – Ele foi ver Sabra, depois se juntou a Tiel onde ela sentara, encostada ao freezer. Ela lhe passou uma garrafa d’água. Ele bebeu depois dela, sem cerimônia.

– Como está ela? Melhor?

Doc assentiu hesitante, mas sua sobrancelha estava enrugada de preocupação.

– Ela perdeu muito sangue. Está mais coagulado, mas precisa ser suturada.

– Não havia um kit de sutura na maleta de médico?

Ele sacudiu a cabeça.

– Eu olhei. Portanto, mesmo com o sangramento estancado, uma infecção preocupa.

Sabra e seu bebê estavam dormindo. Depois da conversa telefônica de Tiel com o agente Calloway, para providenciar a gravação do vídeo, Ronnie tinha reassumido seu posto. Ele estava mais cauteloso com os mexicanos e Cain. Vigia-os atentamente. Vern e Gladys estavam cochilando, com as cabeças juntas. Donna folheava uma revista de fofocas, bem ao estilo do que faria em qualquer outra noite, quando o movimento estivesse devagar. Por enquanto, tudo estava calmo.

– E quanto ao bebê? – perguntou Tiel a Doc.

– Está se mantendo por conta própria. – Ele tinha ouvido o peito de Katherine com o estetoscópio do kit médico. – Seu batimento cardíaco é forte. Os pulmões estão bem. Mas eu me sentirei muito melhor quando estiver recebendo um tratamento neonatal de especialistas.

– Talvez não demore muito. Meu amigo Gully chefia o setor de notícias. Agora já faz várias horas que ele sabe que estou entre os reféns. Tenho quase certeza de que nossa emissora já tem uma equipe aqui. Calloway está verificando isso e prometeu me dar um retorno assim que possível. Confio muito na eficácia desse vídeo. Logo terá terminado.

– Eu espero que sim – disse ele, dando outra olhada preocupada na direção da jovem mãe e seu bebê.

– Você fez um trabalho extraordinário, Doc. – Ele a olhou desconfiado, como se esperasse a parte ruim. – Estou falando sinceramente. Você foi muito bom. Talvez devesse ter escolhido ser obstetra em vez de oncologista.

– Talvez – disse ele, melancólico. – Não fui muito bem-sucedido no combate ao câncer.

– Você teve um índice de sucesso excelente. Muito acima da média.

– É, bem...

É, bem, não consegui curar quem realmente importava. Minha própria esposa. Tiel mentalmente terminou para ele. Seria sem sentido discutir o quanto seu empenho havia sido louvável na luta contra a doença, pois, em sua cabeça, essa única perda tinha lhe custado a guerra.

– O que o fez escolher oncologia?

Em princípio, pareceu que ele não ia responder. Finalmente, ele disse:

– Meu irmão caçula morreu de linfoma aos 9 anos.

– Sinto muito.

– Foi há muito tempo.

– Que idade você tinha?

– Doze, 13.

– Mas sua morte teve um impacto duradouro em você.

– Eu me lembro de como foi duro para os meus pais.

Então, ele tinha perdido duas pessoas para um inimigo que fracassara em derrotar, pensou Tiel.

– Você foi impotente para salvar seu irmão e sua esposa – frisou ela, em voz alta. – Foi por isso que desistiu?

– Você estava lá – disse ele, sucinto. – Você sabe por que desisti.

– Só sei o que você quis dizer aos jornalistas, que foi precisamente pouquíssimo.

– Continua sendo.

– Você estava amargo.

– Eu estava injuriado. – Ele sussurrou para que só ela ouvisse, mas falou alto o suficiente para que Katherine se retraísse nos braços da mãe.

– Com quem você estava injuriado? – Ela sabia que estava abusando da sorte. Se cutucasse demais, ou muito depressa, ele talvez se fechasse de vez. Mas estava disposta a correr o risco. – Ficou zangado com seus sogros, por fazer uma alegação infundada? Ou com seus sócios, por deixarem de apoiá-lo?

– Eu estava zangado com todo mundo. E com todos. Com o maldito câncer. Com minha própria inadequação.

– Então, você simplesmente jogou a toalha.

– Isso mesmo, pensando “de que porra adianta?”.

– Entendo, então, você se banuiu para essa terra solitária, onde pode *realmente* ser útil.

O sarcasmo dela não passou despercebido. As feições de Doc se retraíram de irritação acumulada.

– Olhe, eu não preciso que ninguém fique analisando minha decisão. Nem questionando. Ou julgando. Se eu decidi me tornar fazendeiro, bailarino, ou um vagabundo, isso não é da conta de ninguém.

– Você está certo, não é.

– E já que estamos falando do assunto – acrescentou ele, no mesmo tom mordido –, essa sua ideia do vídeo...

– O que é que tem?

– Isso é estritamente pelo bem de Ronnie e Sabra?

– É claro.

Ele olhou-a com uma desconfiança ostensiva, o que a magoou. Ele até riu, cético.

– Acho que qualquer coisa que possamos fazer para balançar Dendy vai ajudar a resolver essa situação. – Até para seus próprios ouvidos ela parecia na defensiva, mas continuou, mesmo assim. – Tenho a impressão de que o agente Calloway não está gostando desse impasse. Independentemente do que Cain diz, Calloway parece um homem decente fazendo seu trabalho, mas ele não gosta da ideia de armas fumegando e derramamento de sangue. Acho que está disposto a estabelecer um acordo pacífico. Simplesmente ofereci meus serviços, o que acho irá facilitar esse acordo.

– Mas isso também lhe dará uma história e tanto.

A voz dele, intuitiva e suave, junto com seus olhos perfurantes, fizeram-na se sentir culpadamente alerta pelo gravador no bolso de sua calça.

– Está certo, sim – admitiu ela, inquieta –, isso dará uma história ótima. Mas eu estou pessoalmente envolvida com esses garotos. Ajudei a trazer a filha deles ao mundo, portanto, minha ideia não é inteiramente egoísta.

“Você está sendo tendencioso, Doc. Desgosta de repórteres de uma forma generalizada e, devido à sua experiência com a mídia, sua aversão é compreensível. Mas eu não tenho o coração tão frio e insensível como você obviamente acha. Eu me importo muito com o que acontece com

Ronnie, Sabra e Katherine. Eu me importo com o que acontece a todos nós.”

Depois de uma pausa expressiva, ele disse, baixinho:

– Eu acredito nisso.

Seus olhos estavam tão perfurantes quanto antes, mas a essência do olhar estava diferente. O calor do constrangimento que a dominara aos poucos se intensificou e se tornou um calor de outro tipo.

– Você foi impressionante, sabe – disse ele. – Com a Sabra. Poderia ter desmoronado, me deixando na mão. Ter tido um troço. Ter vomitado. Desmaiado. Alguma coisa. Em vez disso, foi uma influência tranquilizadora. Uma ajuda verdadeira. Obrigado.

– De nada. – Ela riu baixinho. – Eu estava terrivelmente nervosa.

– Eu também.

– Não! Sério?

Ele cruzou os dedos, jurando.

– Ninguém jamais saberia.

– Bem, mas eu estava. Quase não tenho experiência com partos. Observei alguns durante a faculdade. Ajudei em alguns quando era residente, mas sempre num hospital bem equipado, esterilizado, com médicos e enfermeiras ao redor. Já me esqueci de quase tudo que aprendi. Essa foi uma experiência assustadora para mim.

Ela ficou olhando o espaço, por um momento, antes de voltar o olhar para ele.

– Fiquei nervosa até ver o bebê despontando. Então, a maravilha daquilo tudo me arrebatou. Foi... tremendo. – A palavra não definia com exatidão a experiência memorável, mas ela não tinha certeza se uma única palavra poderia englobar ou captar a dimensão imensa. – De verdade, Doc. Tremendo.

– Eu sei o que você quer dizer.

Então, eles ficaram se olhando por um tempo que pareceu infinito.

Finalmente, ele disse:

– Se algum dia eu me encontrar em outra situação de parto emergencial...

– Você já sabe a quem chamar. Parceiro.

Ela estendeu a mão e ele apertou. Mas não apertou para confirmar a parceria. Ele ficou segurando. Não com tanta força que fosse desconfortável, mas firme o suficiente para tornar aquilo pessoal, quase íntimo.

Exceto pela hora em que ela grudou a gaze no machucado de seu ombro – e aquilo tinha sido tão passageiro que realmente não contava –, essa era a primeira vez que eles se tocavam. A ligação de pele com pele foi elétrica. Criou um formigamento que fez Tiel querer tirar a mão rapidamente. Ou continuar segurando para sempre.

– Pode me fazer um favor? – pediu baixinho.

Ela assentiu sem dizer nada.

– Eu não quero ser gravado.

Relutante, ela tirou a mão.

– Mas você é parte integrante da história.

– Eu não quero aparecer diante da câmera – repetiu ele. – Mantenha-me fora.

– Desculpe, Doc, eu não posso. Você já está dentro. Está até o pescoço nessa história.

– Para nós, aqui de dentro, eu estou. Não tive escolha, a não ser me envolver. Mas não devo nada a ninguém lá de fora, muito menos entretenimento às custas de minha privacidade. Combinado?

– Verei o que posso fazer. – O gravador secreto ficou pesado no bolso de sua calça. – Não posso falar pelo operador de câmera.

Com o olhar, ele pediu que ela não insultasse sua inteligência.

– É claro que pode. É você que está no comando. Mantenha-me de fora. – Ele enfatizou cada palavra para que não houvesse mal-entendido quanto à sua intenção.

Ele levantou e foi ver Sabra. Ao se afastar dela, Tiel ficou imaginando se seus elogios e o aperto de mão tinham sido uma forma calculada de quebrar sua defesa, um belo jeito masculino de amolecê-la. Em vez de assumir uma postura hostil, teria ele propositalmente mostrado seu lado mais terno? De certa forma, a abordagem do mel por cima do vinagre.

Ela também ficou imaginando o que ele faria quando soubesse que a fita prestes a ser gravada não era a única fonte de vídeo disponível para ela quando elaborasse sua história. Ele já tinha sido gravado em vídeo e não sabia.

Mas ela teria que se preocupar com isso mais tarde. O telefone estava tocando.

Calloway rapidamente levantou quando a porta lateral da van se abriu. O xerife Montez, a quem Calloway tinha passado a respeitar como um astuto homem da lei, inteligente e intuitivo, entrou primeiro. Ele gesticulou para um homem de pernas arqueadas, barrigudo e careca, que tinha o cheiro do maço de Camels, visível no bolso do peito de sua camisa.

– Meu nome é Gully.

– Agente Especial Calloway. – Enquanto apertaram as mãos, ele acrescentou: – Talvez devamos falar lá fora. Está ficando muito cheio aqui.

Agora, dentro da van estavam três agentes do FBI, além de Calloway, o psicólogo do FBI, Russell Dendy, Cole Davison, o xerife Montez e o recém-chegado, que disse:

– Então pode expulsar outro, porque eu vou ficar aqui até que Tiel esteja em plena segurança.

– É o editor-geral de notícias, certo?

– Há quase meio século. E essa noite, eu deixei minha sala de redação nas mãos de um novato suando atrás das orelhas, com cabelos tingidos e três argolas na sobrancelha, um espertinho que acabou de sair da Universidade do Texas com um diploma em televisão. – Ele fungou com menosprezo diante da presunção de que o jornalismo televisivo fosse algo que pudesse ser aprendido numa faculdade.

“Raramente deixo meu posto, sr. Calloway. E nunca nas mãos de incompetentes. Por tê-lo feito essa noite, deve lhe dar alguma indicação do quanto eu considero Tiel McCoy. Portanto, não, sr. Calloway, minha bunda ficará grudada nessa van até que esse negócio termine. Você é Dendy, certo?” Ele subitamente virou-se para o milionário de Fort Worth.

Dendy não se dignou a responder a uma saudação tão brusca.

– Só para que saiba – disse Gully a ele –, se algo acontecer a Tiel, eu vou arrancar suas malditas vísceras. Minha opinião é que você é a causa disso tudo. – Deixando Dendy curtir seu ódio, Gully se virou de volta para Calloway. – Agora, me diga, o que a Tiel está querendo? O que ela quiser, ela terá.

– Eu atendi ao seu pedido de enviar um operador de câmera.

– Ele está lá fora, equipado e ansioso para ir.

– Primeiro, eu preciso estabelecer alguns regras básicas para essa gravação.

Os olhos de Gully se estreitaram, desconfiados.

– Tais como?

– Essa gravação também precisa servir para os nossos propósitos.

Cole Davison se aproximou.

– Que propósitos?

– Eu quero uma visão do interior da loja.

– Para quê?

– Isso é um impasse, sr. Davison. Há reféns sendo mantidos sob a mira de uma arma. Eu preciso saber o que está se passando lá dentro, para que eu possa reagir de acordo.

– Você me prometeu que meu filho não seria ferido.

– Ele não será. Nem ele, nem ninguém. Não, se eu puder evitar.

– Pode assustar o menino, se ele achar que você está se concentrando em reconhecer o terreno, em lugar de sua mensagem – frisou Gully.

– Eu quero saber quem está onde, dentro daquela loja – falou Calloway com autoridade, eliminando qualquer discussão adicional sobre o assunto. Ele não se importava a quem não agradasse; essa era uma condição não negociável.

– É isso? – perguntou Gully, impacientemente.

– É isso. Agora vou ligar para a srta. McCoy.

Gully gesticulou para Calloway, em direção ao telefone.

– Pode mandar bala. Se estiver esperando por mim, está se atrasando.

Sob outras circunstâncias, Calloway teria rido do desaforo do homem. Mas sua voz estava totalmente profissional, quando falou com Ronnie.

– Aqui é o agente Calloway. Deixe-me falar com a srta. McCoy.

– Vai nos deixar fazer o vídeo?

– É sobre isso que preciso falar com ela. Coloque-a na linha, por favor.

– Num segundo, a repórter estava na linha.

– Srta. McCoy, seu operador de câmera...

– Kip – disse Gully.

– Kip está de prontidão.

– Obrigada, sr. Calloway.

– Não estamos filmando um documentário. Estou limitando essa gravação a cinco minutos. O relógio começa a contar quando o operador entrar pela porta da loja. Ele também será instruído.

– Acho que isso será aceito. Ronnie e Sabra devem conseguir transmitir sua mensagem nesse período de tempo.

– Eu vou dizer a Kip que filme...

– Não, não – interrompeu ela, rapidamente. – O bebê está bem. Eu vou providenciar para que Kip faça imagens dela em close.

– Está dizendo para que não seja filmado o interior da loja?

– Isso mesmo. Ela é linda. Agora está dormindo.

– Eu... é... – Calloway não tinha certeza do que ela queria transmitir-lhe. Depois do fiasco de Cain, ele não podia se dar ao luxo de mais equívocos.

– O que ela está dizendo? – quis saber Gully.

– Ela não quer que a gente filme o interior da loja. Então, srta. McCoy, eu vou colocá-la no viva-voz. – Ele apertou o botão.

– Tiel, aqui é o Gully. Como está você, garota?

– Gully! Você está aqui?

– Dá pra acreditar? Eu, que nunca fico a mais de alguns quilômetros de distância da emissora, aqui nesse fim de mundo. Vim de helicóptero. O troço mais barulhento no qual já tive o infortúnio de voar. E não me deixaram fumar durante o voo. O dia foi uma droga. Como está você?

– Estou bem.

- Assim que eu sair daqui, as margaritas são por minha conta.
- Eu vou te cobrar por isso.
- Calloway está confuso. Você não quer que Kip filme o interior da loja?
- Isso mesmo.
- Vai assustar todo mundo?
- Possivelmente.
- Certo. Que tal uma tomada aberta?
- Isso é muito importante, sim.
- Saquei. Tomada aberta, sem que ninguém perceba. Fingindo que são closes. É isso que você está dizendo?
- Eu sempre posso contar com você, Gully. Vamos ficar esperando o Kip. – Ela desligou.
- Você ouviu – disse Gully, seguindo para a porta da van, para instruir o cinegrafista que esperava lá fora. – Terá sua tomada interna, sr. Calloway, mas, não sei por que motivo, Tiel não quer que ninguém saiba que está sendo filmado.

CAPÍTULO | 1 1

TIEL CONSULTOU SEU ESPELHO COMPACTO e o fechou, sem se enfeitar.

Ela ponderou que, quanto mais desgrenhada parecesse, mais impacto o vídeo teria. Trocar a blusa manchada pela camiseta foi a única concessão que fez. Se os espectadores a vissem como geralmente viam – bem penteada, bem-vestida, maquiada – o vídeo perderia parte de seu impacto.

Ela queria que fosse uma paulada. Não apenas com os espectadores, mas também com os poderosos da emissora de TV. Essa oportunidade lhe havia sido dada e ela pretendia amplificá-la. Embora já tivesse um emprego maravilhoso e fosse altamente respeitada por seus instintos jornalísticos e seu know-how, sua carreira daria um salto dramático se ela conseguisse a tão cobiçada posição de apresentadora do *Nine Live*.

O programa diário de notícias e variedades vinha sendo planejado havia meses. Primeiro, acharam que seria apenas um boato, a ideia impraticável da diretoria da emissora, algo da sua lista de desejos para o futuro não especificado.

Mas agora parecia que realmente ia acontecer. O programa de meia hora de duração estava projetado para ir ao ar entre *Jeopardy!* e a primeira edição do noticiário noturno. Cenógrafos estavam mandando seus croquis para a revisão. Reuniões vinham sendo feitas para a discussão do conceito, abordagem e enfoque. O departamento de promoção estava trabalhando numa logomarca característica e prontamente identificável. Uma ampla campanha de publicidade havia sido orçada. *Nine Live* logo se tornaria realidade.

Tiel queria que isso fosse sua realidade. Seu futuro.

Essa história ajudaria em suas chances de conseguir esse emprego. Esse impasse seria uma história grande amanhã, e provavelmente durante vários dias depois. Os repórteres acompanhariam as pessoas envolvidas e poderiam produzir indefinidamente, e as possibilidades eram

intermináveis: Como Katherine estava indo; o julgamento e sentença de Ronnie; o impasse Davison-Dendy – uma retrospectiva, um ano depois.

Ela poderia fazer entrevistas com o agente especial Calloway, os Dendy, o pai de Ronnie e o xerife Montez. E o evasivo dr. Bradley Stanwick.

Claro que ainda permanecia um mistério se Doc concordaria em dar uma entrevista, mas tudo era possível e Tiel estava otimista.

Durante os próximos dias e semanas, ela estaria sob o olhar e holofotes da mídia. Sem dúvida, também ganharia muito espaço nos jornais e periódicos. A emissora de TV se beneficiaria enormemente de sua exposição nacional. A audiência iria às alturas. Ela seria a queridinha da redação e sua popularidade se estenderia aos escritórios acarpetados lá do alto.

Pode se rasgar, Linda Harper.

Ronnie interrompeu seu devaneio.

– Srta. McCoy? Esse é ele?

O cinegrafista se materializou das sombras além das bombas de gasolina. A câmera pesava em seu braço direito, mas também era uma extensão dele. Ele raramente era visto sem ela.

– Sim, aquele é o Kip.

Mentalmente, ela ensaiara o que diria na abertura. *Aqui é Tiel McCoy, falando a vocês, de dentro de uma loja de conveniência em Rojo Flats, no Texas, onde um drama envolvendo dois adolescentes de Fort Worth vem se desenrolando há várias horas. Como foi relatado anteriormente, Ronnie Davison e Sabra Dendy...*

O que era isso? Uma pontada na consciência? Ela ignorou. Esse era seu trabalho. Isso era o que ela fazia. Exatamente como o dr. Stanwick tinha aplicado suas habilidades no parto de emergência, ela agora estaria aplicando suas habilidades pessoais nessa situação. O que havia de errado nisso? Isso não era exploração.

Não era!

Se Sam Donaldson se visse numa aeronave sequestrada e tivesse uma oportunidade de mandar a história para sua rede, ele declinaria fazê-lo,

somente por conta das vidas que estavam em perigo? Nem ferrando. Ele diria ao chefe de sua emissora que não quis fazer a história para não correr o risco de invadir a privacidade da vida de seus colegas reféns? Não me faça rir.

As pessoas faziam notícia. As histórias mais atraentes eram sobre gente cuja vida está em perigo. Quanto mais iminente o perigo, mais arrebatadora a história. Ela não havia criado essa situação para alavancar sua carreira. Estava meramente relatando. Claro, sua carreira se beneficiaria com isso, mas, mesmo assim, estava apenas fazendo seu trabalho.

Mais cedo, no dia de hoje, Ronnie Davison e Sabra Dendy deixaram a escola desafiando a autoridade paternal – e acabaram desafiando a lei. Esses dois jovens agora estão envolvidos num impasse com o FBI e outros órgãos da lei. Estou entre seus reféns.

Kip estava na porta.

– Como sabe que ele não tem uma arma? – perguntou Ronnie, nervosamente.

– Ele é um gênio com uma filmadora, mas duvido que saiba qual é o lado da arma que tem que apontar. – Era verdade. Kip tinha uma aparência tão ameaçadora quanto um cogumelo. Pelo visor, ele via a iluminação e os ângulos que produziriam lindas imagens em movimento. Mas era tristemente míope quando se tratava de se ver num espelho. Pelo menos, era o que parecia. Era encantadoramente desleixado e mal-arrumado.

Ronnie sinalizou para Donna ativar a abertura da tranca eletrônica. Kip empurrou a porta e entrou. A porta foi trancada atrás dele. Ele deu um pulo nervoso quando ouviu o clique metálico.

– Oi, Kip.

– Tiel. Você está bem? Gully está mais pilhado que tudo.

– Como você pode ver, eu estou ótima. Não vamos perder tempo. Esse é Ronnie Davison.

Obviamente, Kip esperava um cara com pinta de assassino, não o garoto todo americano e caprichado que Ronnie representava.

– E aí.

– Oi.

– Onde está a garota? – perguntou Kip.

– Deitada ali.

Ele olhou na direção de Sabra e fez uma saudação com o queixo.

– E aí.

Katherine dormia nos braços da mãe. Tiel notou que Doc ainda estava sentado no chão, de costas para o freezer, onde facilmente podia monitorar Sabra, porém se manter oculto por uma gôndola giratória de petiscos.

– É melhor começarmos – disse Kip. – O tal Calloway estava aflito quanto a isso não durar mais que cinco minutos.

– Tenho algumas observações para fazer antes, como uma introdução, depois você pode gravar o depoimento de Ronnie. Deixaremos Sabra e o bebê para o final.

Kip entregou o microfone sem fio à Tiel, depois girou a câmera no ombro e posicionou o visor no olho. A luz fixada no alto da câmera acendeu. Tiel assumiu uma posição já planejada, onde a maior parte do interior da loja podia ser vista atrás dela.

– Assim está bom?

– Por mim, tudo bem. O som também está bom. Estou gravando.

– Aqui é Tiel McCoy. – Ela fez as breves observações de abertura que havia ensaiado. Seu relato dos fatos era fervoroso, mas sem sentimentalismo, a mistura exata de empatia e imparcialidade profissional. Ela resistiu à tentação de enfeitar, acreditando que os comentários de Ronnie e Sabra seriam mais comoventes do que qualquer coisa que ela tivesse a dizer.

Quando terminou, ela sinalizou para que Ronnie se aproximasse. Ele parecia relutante em se mover sob a luz forte.

– Como sei se ele não vai me dar um tiro?

– Enquanto você está diante da câmera, sem apresentar qualquer ameaça imediata? O FBI já tem problemas de relações públicas suficientes sem o clamor que isso causaria.

Aparentemente, ele viu sentido no argumento de Tiel. Posicionando-se, ele limpou a garganta.

– Me diga quando falar.

– Estou gravando – disse Kip. – Vai.

– Eu não sequestrei Sabra Dendy – disparou ele. – Nós fugimos. Simplesmente isso. Foi errado de minha parte roubar essa loja. Admito. – Ele prosseguiu explicando que eles tinham sido afugentados pela ameaça do sr. Dendy de separá-los permanentemente um do outro e do bebê. – Sabra e eu queremos nos casar e morar junto com Katherine, como uma família. Só isso. Sr. Dendy, se o senhor não nos deixar viver nossa própria vida, nós vamos acabar com elas aqui mesmo. Essa noite.

– Dois minutos – sussurrou Kip, lembrando-lhes do limite de tempo.

– Muito bom, Ronnie. – Tiel pegou o microfone dele e sinalizou para que Kip a seguisse até onde Sabra estava deitada. Ele rapidamente se posicionou acima dela, para o melhor ângulo da câmera.

– Assegure-se também de filmar o bebê – disse Sabra a ele.

– Sim, senhora. Estou filmando.

Ronnie assumira uma postura tipicamente masculina – agressivo, desafiador. O depoimento de Sabra talvez tivesse sido o mais eloquente, mas também assustadoramente resoluta. As lágrimas brotavam em seus olhos, mas ela não fraquejou quando concluiu dizendo:

– É impossível que o senhor compreenda como nos sentimos, papai, pois o senhor não sabe o que é amar alguém. O senhor diz que só quer o melhor para mim, mas isso não é verdade. O senhor quer o melhor para si mesmo. Está disposto a me sacrificar, abrir mão de sua neta, apenas para ter as coisas do seu jeito. Isso é triste. Eu não te odeio, papai. Tenho pena do senhor.

Ela terminou quando Kip disse:

– Tempo esgotado. – Ele desligou a câmera e a tirou do ombro. – Eu não quero ultrapassar o limite de tempo e fazer com que se abram as portas do inferno.

Enquanto ele e Tiel seguiam de volta à porta, ele disse:

– Um cara chamado Joe Marcus ligou para a redação várias vezes.

– Quem?

– Joe Mar...

– Ah, Joseph.

– Ele estava infernizando, e eles acabaram passando a ligação pra mim.

– Como ele soube a respeito disso?

– Acho que do mesmo jeito que todo mundo – respondeu Kip. – Ouviu no noticiário. Ele queria saber se você estava bem. Disse que estava morto de preocupação com você.

Durante as horas que se passaram, desde sua conversa telefônica com ele, ela quase se esquecera do mentiroso rato traidor da esposa com quem ela pretendia passar umas férias românticas. Parecia fazer muito tempo que Joseph Marcus tivera algum atrativo para ela. Ela mal se lembrava da cara dele.

– Se ele ligar de novo, pode desligar.

O cinegrafista imperturbável sacudiu os ombros, conciso.

– Tudo bem.

– E Kip, não se esqueça de dizer a Calloway e companhia que o agente Cain e o restante de nós estamos indo bem.

– Fale de você – disse Cain. – Diga ao Calloway que eu disse...

– Cale a boca! – gritou Ronnie para ele. – Ou vou deixar que aquele mexicano te amordace de novo.

– Vá pro inferno.

Kip pareceu relutante em deixar Tiel num ambiente tão hostil, mas um par de faróis piscou duas vezes.

– Esse é o meu sinal – explicou ele. – Preciso ir. Cuide-se Tiel.

Ele passou pela porta e Ronnie gesticulou para que Donna a trancasse.

Cain começou a rir.

– Você é um tolo, Davison. Acha mesmo que esse vídeo não significa nada? Calloway só viu uma forma de demorar um pouco mais, mandar vir mais reforço.

Os olhos de Ronnie desviaram do agente do FBI para Tiel, que sacudiu a cabeça.

– Eu não acho, Ronnie. Você falou com Calloway. Ele pareceu sinceramente preocupado com todos. Não acredito que ele o enganaria.

– Então, você não é mais inteligente que ele – debochou Cain. – O Calloway tem um psicólogo aí, instruindo como lidar com essa situação. Eles sabem como manipular. Calloway tem mais de vinte anos de departamento. Esse impasse é café pequeno pra ele. Ele poderia lidar com isso dormindo.

– Por que você não cala a boca? – disse Ronnie, zangado.

– Por que você não vai à merda?

Vern, que acordara para a câmera de TV, disse:

– Ei, olha a língua na frente da minha esposa.

– Deixa pra lá, Vern – disse Gladys. – Ele é um babaca.

– Preciso ir ao banheiro – choramingou Donna.

– Eu quero todo mundo quieto e em silêncio! – gritou Ronnie.

Ele estava com um aspecto selvagem. Tinha se composto para a câmera, mas agora seus nervos estavam começando a puir novamente. Fadiga, nervos alterados e uma arma carregada eram uma combinação letal.

Tiel poderia estrangular Cain por provocá-lo. Em sua opinião, o FBI estaria melhor sem o agente Cain.

– Ronnie, que tal nos dar um intervalo para usar o banheiro? – sugeriu ela. – Faz horas que não vamos. Isso pode ajudar a relaxar até termos notícias de Calloway. O que diz?

Ele repensou.

– Vocês, mulheres. Uma de cada vez. Os homens, não. Se tiverem que ir, vão aqui fora.

Donna pediu licença antes. Depois, Gladys. Tiel foi por último. Enquanto estava no banheiro, ela rebobinou a fita de áudio de seu gravador de bolso e verificou. A voz de Sabra estava abafada, mas compreensível o suficiente, falando sobre o pai. “Esse é o tipo de pessoa que ele é. Ele detesta ser contrariado.” Ela adiantou a fita, apertou o play e ouviu a voz de barítono de Doc: “... com todo mundo. Com tudo. Com o maldito câncer. Minha própria inadequação.”

Sim! Ela receara que a fita terminasse antes daquela conversa confidencial. Ele seria um convidado fantástico para se ter no *Nine Live*.

Se ela pudesse convencê-lo a ir... Ela simplesmente teria que fazê-lo. Só isso. Começaria o programa com a filmagem de suas angústias em seguida à morte da esposa, depois pediria um ponto de vista atualizado daqueles acontecimentos infelizes que reformularam sua vida. Eles poderiam prosseguir com uma discussão sobre os sonhos destruídos. Um psicólogo, talvez um religioso poderia se juntar a eles para falar sobre o tema: o que acontece com o espírito de alguém quando seu mundo desaba?

Empolgada com a perspectiva, Tiel recolocou o gravador no bolso, usou o banheiro e lavou o rosto e as mãos. Até o momento em que saiu, Vern seguia ao banheiro masculino para esvaziar o balde usado pelos homens. Quando Vern passou por Cain, ele perguntou a Ronnie:

– E quanto a ele?

– Não. A menos que você esteja se oferecendo para abrir o zíper e fazer as honras.

Vern fungou e seguiu seu caminho.

– Parece que você vai ter que se molhar, federal.

Os mexicanos, captando a essência da conversa, riram debochando.

Tiel voltou para o lado de Doc, cujo olhar estava fixo nos dois homens sentados perto do gabinete refrigerado com a porta de vidro estilhaçada. Tiel seguiu a direção de seu olhar pensativo.

– Estou intrigado com aquilo – murmurou ele.

– O quê?

– Aqueles dois homens.

– Juan e o Dois?

– Perdão?

– Eu apelidei o baixinho de Juan. E o mais alto...

– Dois. Entendi.

Ele desviou o olhar e retomou seu posto ao lado de Sabra. Tiel olhou-o intrigada, sentando ao seu lado.

– O que está te incomodando sobre eles?

Ele sacudiu um dos ombros.

– Algo não bate.

– Tipo?

– Não consigo detectar. Eu notei os dois logo que eles entraram na loja. Estavam agindo estranho, mesmo antes.

– De que forma?

– Estavam esquentando comida no micro-ondas, mas eu tive a impressão de que eles não estavam ali realmente para um lanche. Era como se estivessem matando tempo. Esperando por alguma coisa. Ou alguém.

– Hmm.

– Eu captei um... não sei... uma vibração ruim. – Ele riu debochando de si mesmo. – Fiquei desconfiado deles, mas nunca, em um milhão de anos, olharia duas vezes para o Ronnie Davison. Isso serve para mostrar o quanto uma primeira impressão pode ser equivocada.

– Ah, não tenho tanta certeza quanto a isso. Eu percebi você quando entrou na loja.

Ele ergueu uma sobrancelha, interrogativo.

Seu olhar direto era empolgante e perturbador. Remexia em sua barriga.

– Você tem uma postura imponente, Doc, principalmente de chapéu.

– Ah, sim, eu sempre fui alto para minha idade.

Isso teve a intenção de ser uma piada, mas funcionou a ponto de Tiel conseguir voltar a respirar.

– Obrigado por atender ao meu pedido de não aparecer na câmera – agradeceu Doc.

Dessa vez, foi mais que uma pontada na consciência. Foi uma fisgada bem mais difícil de ignorar. Ela murmurou uma resposta apropriada, depois, ansiosa para mudar de assunto, gesticulou em direção a Sabra.

– Alguma mudança?

– O sangramento aumentou de novo. Não tão ruim como antes. Eu deveria fazê-la amamentar novamente. Já faz mais de uma hora, mas detesto perturbá-la quando está dormindo.

– Eles provavelmente já estão assistindo àquele vídeo. Talvez ela esteja no hospital em breve.

– Ela é valente, mas está exausta.

– Ronnie também. Vejo sinais de desintegração. Eu gostaria de não ter visto tantas situações dramáticas com reféns, ficção e não ficção. Quanto mais tempo algo assim demora, mais irritáveis todos se tornam. Os nervos ficam à flor da pele.

– E as armas.

– Nem fale. – Ela estremeceu. – Por um instante, temi que a preocupação de Ronnie quanto a um atirador de elite fosse válida. E se o Calloway tivesse me enganado? Concordar com o vídeo poderia ter sido uma armação na qual Kip, Gully e eu seríamos fantoches.

Endireitando-se numa posição mais confortável, ele perguntou:

– Quem é Gully?

Ela descreveu o relacionamento profissional dos dois.

– Ele é uma figura. Aposto que está fazendo todo mundo morrer de rir lá fora – disse ela, sorrindo.

– E quem é Joe?

A pergunta inesperada tirou seu sorriso do rosto.

– Ninguém.

– Alguém. Namorado?

– Um pretendente.

– Queria ser namorado?

Irritada pela insistência dele, ela estava prestes a lhe dizer que cuidasse da própria vida e parasse de ficar escutando suas conversas particulares. Porém, diante da fita em seu poder, ela repensou sua reação. Uma boa forma de ganhar sua confiança seria confiar nele.

– Joseph e eu saímos várias vezes. Joseph estava a caminho de ganhar o título oficial de “namorado”, mas se esqueceu de dizer que era marido de outra mulher. Eu fiz essa dura descoberta essa tarde.

– Hmm. Zangada?

– Pode apostar. Fiquei furiosa.

– Ressentimentos?

– Por causa dele? Não. Nenhum. Mas por ser tão ingênua, sim. – Ela bateu com o punho fechado na palma da outra mão, como se fosse um

martelo de juiz. – De agora em diante, todos os futuros namorados vão ter que apresentar pelo menos três referências.

– E quanto ao ex?

Segundo ponto para Doc. Ele tinha uma verdadeira habilidade para apagar seus sorrisos com alguma pergunta brusca e séria.

– O que tem ele?

– Ele é uma possibilidade?

– Não.

– Tem certeza?

– É claro. Tenho certeza.

– Nenhuma persistência...

– Não.

Ele franziu a testa, duvidoso.

– Você fez uma cara incrivelmente estranha quando o mencionei.

Por dentro, ela estava pedindo que ele não a fizesse passar por isso. Por outro lado, contar a história seria bem feito para que ele não fosse tão enxerido.

– John Malone. Grande nome televisivo, hein? Com o rosto e a voz para combinarem. Nós nos conhecemos no trabalho e nos apaixonamos perdidamente. Os primeiros meses foram uma alegria. Então, logo depois que nos casamos, ele foi contratado por uma emissora para ser correspondente estrangeiro.

– Ah, entendo.

– Não, não entende – retrucou ela. – Nem um pouco. Não havia ciúme na profissão. Era uma oportunidade fantástica para John, e eu fui totalmente a favor. A ideia de morar no exterior era instigante. Imaginei Paris, Londres, ou Roma. Mas a escolha se resumia entre a América do Sul ou a Bósnia. Isso foi muito antes de os americanos sequer terem ouvido falar da Bósnia. O tumulto por lá estava apenas começando.

Distraidamente, ela puxava um fio da bainha da camiseta.

– Naturalmente, eu pedi que ele fizesse a escolha mais segura, o Rio. Para onde, casualmente, eu poderia ir com ele. Eu não gostava da ideia de que meu marido me deixasse nos EUA e fosse para a zona de guerra,

particularmente um lugar onde as fronteiras eram imprecisas e todos ainda estavam escolhendo um lado.

“Ele escolheu o mais emocionante dos dois. Queria estar onde estava a ação, onde teria mais tempo de transmissão. Nós discutimos a respeito. Discutimos feio. Eu finalmente disse: ‘Tudo bem, John, ótimo. Vá. Vá se matar.’”

Erguendo a cabeça, ela olhou diretamente nos olhos de Doc.

– E foi o que ele fez.

A expressão dele permaneceu impassível.

Tiel continuou.

– Ele tinha ido para uma área onde os jornalistas não deveriam ir, o que não me surpreendeu – acrescentou ela, com uma leve risada. – Era um aventureiro por natureza. De qualquer forma, foi atingido por uma bala. Despacharam o corpo de volta para casa. Eu o enterrei três meses antes do nosso primeiro aniversário de casamento.

Depois de um tempo, Doc disse:

– Isso é duro. Eu lamento.

– É, bem...

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo. Foi Tiel que finalmente falou.

– Como foi com você?

– Em relação a quê?

– Relacionamentos.

– Especificamente...?

– Ora, vamos, Doc. Não se faça de bobo – repreendeu-o baixinho. – Eu fui franca com você.

– Escolha sua.

– O que é justo é justo. Conte pra mim.

– Não há nada pra contar.

– Sobre você e mulheres? – perguntou ela, incrédula. – Eu não acredito nisso.

– O que você quer? Nomes e datas? Começando quando, srta. McCoy? O colégio conta, ou devo começar na faculdade?

- Que tal desde que sua esposa morreu?
- Que tal você cuidar da própria vida?
- Na verdade, estamos falando da sua.
- Não, *não estamos*. É *você* que está.
- Diante do caso da sua esposa, imagino que você acharia difícil confiar em outra mulher.

Ele comprimiu os lábios numa linha apertada e zangada, indicando que ela cutucara um nervo.

- Você não sabe nada sobre...

Mas Tiel não conseguiu saber de nada a respeito, porque ele foi interrompido pelo grito ensurdecedor de Donna.

CAPÍTULO | 1 2

A FITA DE VÍDEO DE KIP ESTAVA PASSANDO ao mesmo tempo em dois monitores da van, com todo mundo agitado em volta para assistir. Um dos agentes do FBI estava manejando o painel de controle, de prontidão para congelar a imagem diante da ordem de Calloway.

– Onde está minha filha? Não estou vendo Sabra.

Calloway detectou álcool no hálito de Dendy. Ele periodicamente ia lá fora “pegar um ar fresco”. Parecia que estava tomando mais que ar.

– Paciência, sr. Dendy. Estamos ansiosos para ver tudo. Preciso saber onde as pessoas estão posicionadas. Uma vez que eu tenha o panorama geral, nós recomeçamos a fita e paramos nos segmentos que mereçam um estudo mais atento.

– Talvez Sabra tenha tentado me mandar uma mensagem particular, como um sinal.

– Talvez – foi a resposta reservada do agente sênior.

Seu nariz não estava mais longe que 25cm do monitor colorido, enquanto ele ouvia as afirmações de abertura de McCoy. Ela estava equilibrada, isso ele tinha de admitir. Inabalada. Parecia um pouquinho pior por estar vestindo sua camiseta com a bandeira do Texas, mas estava tão composta e articulada como se estivesse num estúdio de TV, seguramente atrás de uma bela bancada.

– Aquele filho da puta – Dendy rosnou, quando Ronnie apareceu na tela.

– Se não consegue ficar de boca fechada, Dendy, ficarei feliz em fechá-la para você. – Cole Davison fez a ameaça numa voz suave, mas havia tensão por trás.

– Cavalheiros – disse Calloway.

Ninguém mais falou enquanto Ronnie fazia seu discurso. Mas o silêncio se tornou ainda mais pesado quando a câmera passou para Sabra e

a recém-nascida. As imagens eram pungentes, desconcertantes. O diálogo foi perturbador. Nenhuma mãe recente com seu bebê no colo deveria ameaçar tirar a própria vida.

Durante vários segundos após o término da fita, ninguém falou. Finalmente, Gully teve coragem de dizer o que todos estavam pensando.

– Acho que isso define a questão quanto a quem é responsável por tudo isso.

Calloway ergueu a mão, desencorajando quaisquer comentários adicionais quanto à culpabilidade de Russell Dendy. Ele se virou para Cole Davison.

– E quanto ao Ronnie? Como ele lhe parece?

– Exausto. Assustado.

– Doidão?

– Não, senhor – Davison respondeu rapidamente. – Eu lhe disse, ele é um bom garoto. Não usa drogas. Talvez uma cerveja, de vez em quando. Só isso.

– Minha filha certamente não é drogada – frisou Dendy.

Calloway permaneceu concentrado em Davison.

– Viu algo incomum sobre o qual deve nos alertar com relação a um estado mental instável?

– Meu filho de 18 anos está falando sobre se matar, sr. Calloway. Acho que isso resume seu estado mental.

Embora Calloway se compadecesse do homem – também tinha filhos adolescentes –, ele o pressionava por mais informações.

– O senhor o conhece, sr. Davison. Acha que Ronnie está blefando? Ele lhe parece sincero? Acha que levaria isso até o fim?

O homem relutou com a resposta. Então, ele baixou a cabeça, abatido.

– Não, eu acho que não. Verdadeiramente, acho que não. Mas...

– Mas? – disse Calloway. – Mas, o quê? Ronnie alguma vez demonstrou tendências suicidas?

– Nunca.

– Algum viés violento? Temperamento incontrolável?

– Não – respondeu ele, conciso. No entanto, ele parecia desconfortável com sua resposta precipitada. Seus olhos desviavam nervosos, de Calloway para os outros, depois, de volta ao agente. – Bem, só uma vez. Foi um incidente isolado. Ele era só um menino.

Calloway gemeu por dentro. Ele tinha certeza de que não queria ouvir sobre a vez em que Ronnie Davison tinha perdido a cabeça.

– Pode não ser relevante – provavelmente não é – mas talvez seja melhor me contar a respeito.

Depois de um silêncio longo e inquieto, Davison começou.

– Ronnie estava passando as férias de verão comigo. Não fazia muito tempo que sua mãe e eu tínhamos nos divorciado. Ronnie estava tendo dificuldades para se adaptar à separação. De qualquer forma – disse ele, trocando o peso de um pé para o outro, constrangido –, ele se encantou por uma cadela que vivia a alguns quarteirões de distância. Ele me disse que o dono era cruel com ela, nem sempre lhe dava comida, nunca lhe dava banho. Coisas assim.

“Eu conhecia o dono. Ele era um idiota cruel, bêbado, na maior parte do tempo, então, eu sabia que Ronnie estava dizendo a verdade. Mas isso não era da nossa conta. Eu disse a Ronnie que ficasse longe daquele cachorro. Mas, como já falei, ele tinha formado um vínculo com o pobre animal. Acho que ele precisava de companhia. Ou talvez gostasse do bicho porque estava infeliz naquele verão. Eu não sei. Não sou psicólogo infantil.”

Dendy interrompeu.

– Essa história triste vai dar em alguma coisa?

Calloway lançou um olhar que lhe dizia para calar a boca, antes que se virasse de volta para o outro homem.

– O que aconteceu, Cole?

– Um dia, Ronnie soltou a cadela da corrente e a trouxe para nossa casa. Eu disse a ele que a levasse imediatamente de volta, para o quintal do vizinho. Ele começou a chorar e se recusou a fazê-lo. Disse que preferia vê-la morta a viver daquele jeito. Ralhei com ele e subi para pegar minha chave, na intenção de levar a cadela para casa em minha caminhonete.

“Mas quando voltei pela cozinha, Ronnie tinha sumido com a cachorra. Encurtando a história, eu procurei por eles a noite toda. Também tinha vizinhos e amigos procurando. Cedinho, um guarda-florestal avistou-os escondidos atrás de seu celeiro e ligou para o xerife.

“Quando todos chegamos ao celeiro, eu gritei por Ronnie, dizendo a ele que era hora de levar a cadela de volta ao seu dono e ir para casa. Ele gritou que não ia desistir da cadela, que não deixaria que ela fosse maltratada como vinha sendo.”

Ele parou de falar e começou a remexer na aba do chapéu, passando lentamente entre os dedos.

– Quando contornamos até a traseira do celeiro, ele estava aos prantos. Afagava a cabeça da cachorra deitada ao seu lado. Morta. Ele tinha batido com uma pedra em sua cabeça e a matado.

Quando ele ergueu o olhar para Calloway, seus olhos vermelhos estavam cheios de lágrimas.

– Sr. Calloway, eu perguntei ao meu menino como ele pôde fazer algo tão terrível. Ele me disse que tinha feito porque amava muito a cachorra. – Seu peito largo estremeceu, quando ele respirou profundamente. – Desculpe por eu ter me estendido tanto. Mas o senhor perguntou se eu achava que ele poderia fazer o que diz que fará. Essa é a melhor forma que tenho de lhe responder.

Calloway conteve o impulso não profissional de afagar o ombro do homem. Em vez disso, ele falou, contido:

– Obrigado por seu esclarecimento.

– Então, ele é doido – murmurou Dendy. – Exatamente como eu disse, desde o começo.

Embora o comentário de Dendy tivesse sido desnecessariamente cruel, Calloway não podia discordar inteiramente da conotação. O incidente da infância de Ronnie era um paralelo perigoso com as circunstâncias presentes. A história de Cole Davison acrescentava outro fator à situação, e não era positivo. Na verdade, nenhum dos fatores tinha sido positivo desde o início do impasse. Nenhum.

Ele se virou para Gully.

– E quanto à srta. McCoy? Viu sinais de que ela estaria sob coação? Está tentando transmitir mais do que está dizendo? Algum duplo sentido em suas palavras?

– Não que eu percebesse. E eu interroguei Kip extensivamente.

O agente do FBI se virou para o cinegrafista.

– Tudo estava como eles nos disseram? Ninguém está ferido?

– Não, senhor. O cara do FBI está amarrado; melhor, preso com fita, mas está esbravejando, portanto, creio que esteja bem. – Ele deu uma olhada para Dendy, apreensivo, como se tivesse lembrado o que acontece aos portadores de más notícias. – Mas a... a garota.

– Sabra? O que tem ela?

– Havia muitas fraldas descartáveis ensanguentadas ao redor. Estavam empilhadas de lado. Mas eu me lembro de vê-las e pensar *Minha nossa*.

Dendy soltou uma exclamação abafada.

Calloway continuou com Kip.

– Notou algo no comportamento ou no discurso de sua colega de trabalho que fosse incomum?

– Tiel era a mesma de sempre. Bem, exceto por estar horrível. Mas ela estava tranquilíssima.

Finalmente, o agente sênior se virou para Dendy, que tinha deixado de ir lá fora e bebia abertamente de um frasco metálico de bolso.

– Você mencionou a possibilidade de Sabra lhe mandar uma mensagem secreta. Viu ou ouviu alguma coisa que insinuasse isso?

– Como posso saber se só vi a fita uma vez?

O fato de que o empresário tirano estivesse inquieto e fosse indireto em sua resposta já dizia muito. Dendy finalmente tinha sido confrontado com a terrível verdade: sua inabilidade em manejar o problema original levava Sabra e Ronnie a tomar medidas desesperadas que tinham dado terrivelmente errado.

– Rebobine – instruiu Calloway o agente do painel de controle. – Vamos assistir novamente. Se alguém notar alguma coisa, avise. – A fita começou outra vez.

– Tiel escolheu esse ponto para que pudéssemos ver as pessoas atrás dela – frisou Gully.

– Aquela é a geladeira que teve a porta estilhaçada – disse um dos agentes, apontando para o ponto na tela.

– Pare aí.

Inclinando-se à frente, Calloway não focou na repórter, mas no grupo de pessoas que estavam no fundo.

– A mulher recostada no balcão deve ser a caixa.

– Essa é a Donna, sim – afirmou o xerife Montez. – Não há como se enganar com esse penteado.

– E ali está o agente Cain, certo, Kip? – Calloway apontou para um par de pernas, que ele só podia ver dos joelhos para baixo.

– Certo. Ele está sentado de costas para o balcão.

– A fita isolante prateada contrasta bem com a calça preta, não é?

A gracinha de Gully não passou despercebida. Calloway estava estudando o casal de idosos sentados juntos no chão, perto de Cain.

– E os idosos? Eles estão bem?

– De olhos bem abertos e espertos, pelo que vi.

– E quanto aos outros dois homens?

– Dois sujeitos mexicanos. Ouvi um deles dizer algo ao outro, em espanhol, mas ele estava falando baixinho e eu não teria mesmo entendido.

– Ai, meu Deus. – Calloway saltou tão depressa de sua cadeira que as rodinhas a mandaram deslizando para trás.

– O quê?

Os outros agentes, reagindo ao alarme aparente de seu superior, empurraram os outros ao lado e se aglomeraram ao seu redor.

– Esse aqui. – Calloway bateu na tela do monitor. – Deem uma boa olhada e me digam se parece familiar. Dá pra aproximar mais?

Usando a tecnologia disponível, o agente manuseando os controles isolou o rosto do mexicano. Ele conseguiu ampliar a imagem, mas, ao fazê-lo, comprometeu a qualidade do foco. Os agentes estreitavam os olhos diante da foto granulosa, depois, um deles girou a cabeça e exclamou:

– Ai, que *merda*!

– O quê? – perguntou Dendy.

Davison se aproximou.

– Qual é o problema?

Calloway afastou-os para o lado e começou a dar ordens para seus subordinados.

– Ligue para o escritório. Mobilize todo mundo. Mande expedir um boletim de busca. Montez, seus homens podem ajudar.

– Claro. Mas ajudar em quê? – O xerife ergueu os braços, confuso. – Não estou entendendo.

– Reúna seus guardas. Notifique os condados vizinhos também. Digalhes que comecem a procurar por um caminhão abandonado. Vagões, vans em movimento.

– Caminhão? Van em movimento? Que diabos está acontecendo? – Dendy teve que gritar para se fazer ouvir acima da confusão que as ordens de Calloway criaram na van lotada. – E quanto a minha filha?

– De todos eles, Sabra é a que corre mais perigo do que pensamos.

Como se para enfatizar as palavras inquietantes de Calloway, eles ouviram o som inequívoco de um tiro.

O grito ensurdecedor de Donna fez Tiel ficar de pé.

– O que foi, agora?

Ronnie estava empunhando a pistola e gritando:

– Pra trás! Pra trás! Vou atirar!

Dois, o mais alto dos mexicanos, tinha avançado para cima dele. Ronnie o impediu, apontando-lhe a arma.

– Onde está o outro? – gritou gritou, frenético. – Onde está seu amigo?

Sabra gritou:

– Não! Não!

Tiel girou a tempo de ver Juan arrancar Katherine dos braços de Sabra. Ele agarrou a recém-nascida com força – força demais – junto ao seu peito. O bebê começou a berrar, mas Sabra gritava como somente uma

mãe com seu filho em perigo consegue gritar. Ela se esforçava para ficar de pé, segurando as pernas das calças de Juan como se fosse subir por elas.

– Sabra! – gritou Ronnie. – O que há de errado?

– Ele está com o bebê! Dá meu bebê! Não a machuque!

Tiel correu à frente, mas Juan esticou a mão batendo em seu peito, forçando-a para trás. Ela gritou de dor e medo pelo bebê.

Doc gritou um protesto sem palavras, mas Tiel imaginou que ele estivesse com receio de atacar Juan pelo que ele poderia fazer ao bebê, em retaliação.

– Diga a ele pra devolver o bebê! – Ronnie estava segurando a pistola com as duas mãos, mirando diretamente no peito do Dois e gritando a plenos pulmões, como se o volume pudesse superar a barreira do idioma. – Diga a seu amigo para entregar o bebê pra ela, ou vou matá-lo!

Talvez, só para ver o quanto era sincera a ameaça de Ronnie, Juan cometeu o erro de dar uma olhada para a frente da loja, onde os dois discutiam.

Doc usou uma fração de segundo para dar-lhe um bote.

Mas o mexicano reagiu instantaneamente. Ele deu um golpe direto deixando uma marca na barriga de Doc, que se curvou e despencou no chão, diante do freezer.

– Diga-lhe que devolva o bebê! – repetiu Ronnie com um grito agudo que parecia estilhaçar.

Donna choramingava.

– Vamos todos morrer.

Tiel implorava para que Juan não machucasse Katherine.

– Não a machuque. Ela não representa nenhuma ameaça para você. Devolva-a à mãe. Por favor. Por favor, não faça isso.

Sabra estava praticamente impotente. Apesar disso, seu instinto maternal fez com que se levantasse. Ela estava tão fraca que mal conseguia ficar de pé. Balançando ligeiramente, com a mão estendida, ela implorava ao homem que lhe devolvesse o bebê.

Juan e o Dois gritavam um com o outro, tentando se comunicar acima das outras vozes, incluindo as de Vern e Gladys, que xingava sem parar.

Donna estava uivando estridentemente. O agente Cain gritava acusações para Ronnie, dizendo que, se ele tivesse se rendido mais cedo, isso não teria acontecido, que se o impasse resultasse numa tragédia, a culpa seria exclusivamente dele.

O tiro deixou todos mudos.

Tiel, que estivera implorando a Juan, testemunhou sua careta quando a bala o atingiu. Por reflexo, ele deu um solavanco à frente e segurou a coxa. Teria deixado Katherine cair se Tiel não estivesse lá para pegá-la.

Segurando o bebê, ela girou, imaginando como Ronnie teria conseguido acertar um tiro tão preciso, a ponto de incapacitar Juan, mas não colocar o bebê em perigo.

Mas Ronnie ainda estava com a pistola mirada para o peito de Dois e parecia tão surpreso quanto qualquer um, com o disparo de uma arma.

Doc tinha sido o atirador perito. Ele estava deitado no chão, de barriga para cima, com um pequeno revólver na mão. Tiel reconheceu a arma do agente Cain, aquela que ela chutara para debaixo do freezer e esquecera. Graças a Deus Doc se lembrou.

Ele se aproveitou do instante de silêncio momentâneo.

– Gladys, venha cá.

A velhinha veio correndo, contornando a gôndola de salgadinhos.

– Você o matou?

– Não.

– Que pena.

– Pegue o bebê para que Tiel possa ajudar Sabra. Eu vou cuidar dele – disse ele, referindo-se a Juan. – Ronnie, relaxe. Está tudo sob controle. Não precisa entrar em pânico.

– O bebê está bem?

– Está bem. – Gladys levou o bebê que chorava até um lugar onde ele mesmo pudesse ver. – Ela está muito zangada e eu não posso culpá-la. – Ela olhou fulminante para o lugar onde Juan agora estava sentado, com a coxa sangrando.

Com vários acenos da pistola, Ronnie mandou que Dois voltasse ao seu lugar original. Sua expressão era mais furiosa e agitada do que antes.

Doc colocou o revólver de Cain no alto de uma prateleira, fora do alcance de Juan, e ajoelhou para cortar a perna de sua calça com a tesoura.

– Você vai viver – disse ele, lacônico, depois de olhar o estrago e colocar alguns chumaços de gaze sobre o ferimento. – Sorte sua que a bala não pegou na artéria femoral.

Os olhos de Juan faiscaram de ressentimento.

– Doc? – Tiel ajudou Sabra a deitar, porém ela voltara a sangrar. A menina estava terrivelmente pálida.

– Eu sei – disse Doc, sério, percebendo o alarme silencioso de Tiel. – Tenho certeza de que reabriu o rasgo do períneo. Deixe-a o mais confortável possível. Eu já volto.

Ele rapidamente embrulhou o ferimento com um torniquete improvisado com outra camiseta suvenir. Evidentemente com muita dor, Juan suava copiosamente, e seus dentes brancos e retos estavam cerrados. Mas, para seu crédito, ele não gritou quando Doc o ergueu, sem cerimônia, e sem muita delicadeza, e o apoiou, enquanto ele pulava num pé só.

Quando eles passaram por Cain, o agente se dirigiu ao homem ferido.

– Seu maldito idiota. Poderia ter feito com que todos nós morrêssemos. O que você estava...

Mais veloz que uma cobra cascavel, Juan, usando a perna que não estava machucada, deu um chute violento na cabeça de Cain. O movimento lhe custou caro. Ele gemeu de dor. Mesmo assim, o salto de sua bota tinha acertado o osso e o barulho foi quase tão alto quanto o tiro da pistola. Cain ficou em silêncio e caiu inconsciente no mesmo instante. Seu queixo pendeu à frente, encostando ao peito.

Doc empurrou Juan ao chão, colocando-o junto à geladeira, bem longe de seu parceiro.

– Ele não vai a lugar algum. Mas, só para garantir, é melhor prender as mãos dele, Ronnie. Dele também – acrescentou ele, gesticulando para o Dois.

Ronnie instruiu Vern a prender as mãos e os pés dos dois homens, como fizera com Cain. Ele ficou segurando a pistola apontada para eles, enquanto o idoso realizava a tarefa. Juan estava envolvido demais com sua

perna ferida para gastar energia com críticas, mas Dois não estava sob tais constrangimentos. Ele mantinha uma ladainha do que presumivelmente eram vulgaridades espanholas, até que Ronnie ameaçou amordaçá-lo, se ele não parasse.

O telefone tocando tinha sido absolutamente ignorado, sem ser atendido. Tiel, que tinha colocado um par de luvas com uma rapidez que até a espantou, trabalhava freneticamente para substituir as fraldas encharcadas de sangue embaixo de Sabra, quando o telefone subitamente parou de tocar e ela ouviu Ronnie gritar.

– Agora, não, estamos ocupados! – Antes de bater com o fone no gancho. Então, ele gritou: – Como está Sabra?

Tiel falou com ela por cima do ombro.

– Não está bem. – Ela ficou muito aliviada ao ver Doc voltando. – O que está havendo?

– Juan chutou Cain na cabeça. Ele está inconsciente.

– Eu nunca achei que agradeceria aquele homem por alguma coisa.

– Vern está amarrando os dois. Estou contente que eles estejam... contidos.

Ela notou a intensidade do rosto dele e viu que a piora do estado de Sabra não era o único motivo para isso.

– Por que eles são perigosos soltos? Eles realmente não tinham nada a perder assumindo o controle da situação.

– Verdade. Mas o que tinham a ganhar?

Será que Ronnie Davison realmente representava uma ameaça a *hombres* com essa pinta de durões? Depois de pensar a respeito, ela disse:

– Nada que eu possa ver.

– Nada que você possa *ver*. Isso é o que me incomoda. Tem mais – prosseguiu ele, em voz baixa. – Homens com rifles assumiram posições lá fora. Provavelmente uma equipe da SWAT.

– Ah, não.

– Eu os vi se posicionando.

– O Ronnie viu?

– Acho que não. Esse disparo deve ter deixado todos nervosos. Eles provavelmente estão pensando o pior. Podem invadir a loja, tentar entrar pelo telhado, algo assim.

– Ele iria pirar.

– É o que eu quero dizer.

O telefone tocou novamente.

– Ronnie, atenda – gritou Doc para ele. – Explique o que aconteceu.

– Só depois que a Sabra estiver bem.

Embora Tiel não fosse uma médica especialista, o estado de Sabra lhe parecia crítico. Mas, assim como Doc, ela não queria deixar Ronnie ainda mais alvoroçado do que já estava.

– Onde está Katherine? – perguntou a garota, fraca.

Doc, que tinha feito o possível para estancar o sangue que voltava, tirou as luvas e afastou seus cabelos da testa.

– Gladys está cuidando dela. E a ninou até dormir. Parece-me que aquela garotinha é tão corajosa quanto a mãe.

Até um sorriso parecia um esforço grande demais para ela.

– Nós não vamos sair daqui, não é?

– Não diga isso, Sabra – sussurrou Tiel vorazmente, olhando o rosto de Doc, conforme ele media a pressão. – Nem pense nisso.

– O papai não vai desistir. Nem eu. O Ronnie tampouco. Agora, ele nem pode. Se o fizesse, eles simplesmente o colocariam na prisão.

Ela desviou o olhar, agora vidrado, de Tiel para Doc.

– Diga ao Ronnie para vir até aqui. Eu quero falar com ele. Não quero mais esperar.

Embora ela não tivesse especificamente mencionado o pacto suicida, sua intenção estava clara. O peito de Tiel se apertou de ansiedade e desespero.

– Não podemos deixá-la fazer isso, Sabra. Você sabe que está errado. Isso não é a solução.

– Por favor, nos ajude. É o que queremos.

Então, contra sua vontade, seus olhos se fecharam. Ela estava fraca demais para reabri-los e adormeceu.

Tiel olhou para Doc.

– Ela está mal, não está?

– Muito. A pressão sanguínea está caindo. O pulso está alto. Ela vai morrer de hemorragia.

– O que vamos fazer?

Seramente olhando para o rosto pálido da garota, ele pensou por um momento, depois disse:

– Eu lhe direi o que vamos fazer.

Ele levantou, pegou a pistola na prateleira, contornou a gôndola de salgadinhos e se aproximou de Ronnie, que esperava por um relato sobre o estado de Sabra.

CAPÍTULO | 13

- POR QUE ELES NÃO ESTÃO atendendo o telefone? – Os acontecimentos tinham reduzido o berro característico de Dendy a um gemido agudo. Ele estava fora de si.

De fato, os disparos tinham deixado todos de dentro da van em pânico. Cole Davison correrá lá para fora, voltando instantes depois, gritando com Calloway porque a equipe da SWAT tinha sido mobilizada.

– Você prometeu! Você disse que Ronnie não seria ferido. Se pressioná-lo, se ele sentir que você o está encurralando, ele pode... pode fazer algo como fez antes.

– Acalme-se, sr. Davison. Estou tomando as precauções que julgo apropriadas. – Calloway segurou o fone junto ao ouvido, mas, até agora, ninguém atendia sua ligação dentro da loja de conveniência. – Você consegue ver alguma coisa?

– Movimento – disse um dos outros agentes. Através de um fone de ouvido, ele estava se comunicando com outro agente posicionado do lado de fora e equipado com binóculos.

– Não dá pra saber quem está fazendo o quê.

– Me mantenha informado.

– Sim, senhor. Vai contar ao garoto sobre Huerta?

– Quem é esse? – quis saber Dendy.

– Luis Huerta. Um dos nossos Dez Mais Procurados. – Ao outro agente, Calloway respondeu: – Não, não vou dizer a ele. Isso pode deixar todo mundo em pânico, incluindo Huerta. E ele é capaz de qualquer coisa.

Ronnie atendeu o telefone.

– Agora, não, estamos ocupados!

Calloway xingou abertamente, quando o sinal para discagem substituiu a voz frenética de Ronnie. Ele rediscou imediatamente.

– Um dos mexicanos que está lá dentro está na lista dos dez mais procurados pelo FBI? – Cole Davison estava ficando cada vez mais agitado. – Pelo quê? O que foi que ele fez?

– Ele faz contrabando de mexicanos atravessando a fronteira com promessas de emprego, visto de trabalho e bons salários, depois os vende para trabalho escravo. No último verão, a Patrulha da Fronteira recebeu uma denúncia de um transporte e estava em cima para pegá-lo. Huerta e dois de seus comparsas, percebendo que estavam prestes a serem presos, abandonaram o caminhão no deserto do Novo México e fugiram como baratas que são. Todos escaparam da captura.

“A van só foi encontrada depois de vários dias. Quarenta e cinco pessoas – homens, mulheres e crianças – estavam trancadas dentro dela. O calor no interior do trailer deve ter chegado a 100°C, ou mais. Huerta é procurado por 45 assassinatos, dentre outras acusações.

“Há mais de um ano ele está enfurnado em algum lugar no México. As autoridades de lá têm colaborado e o querem tanto quanto nós, mas ele é um bandido cauteloso. Só uma coisa pode fazê-lo se expor. Dinheiro. Muito dinheiro. Portanto, se ele reapareceu por aqui, imagino que em algum lugar das redondezas deva haver um carregamento de gente esperando para ser vendida.”

Davison parecia pronto para vomitar sua última refeição.

– Quem é o homem que está com ele?

– Um de seus guarda-costas, tenho certeza. São homens perigosos, impiedosos e sua mercadoria são seres humanos. O que intriga é por que eles não estão armados. Ou, se estão, por que não saíram atirando até agora.

O peito de Dendy insuflava e murchava, emitindo um som de choro contido.

– Ouça, Calloway. Eu estive pensando.

Embora Calloway estivesse com o fone no ouvido, ele deu toda sua atenção a Russell Dendy. Ele desconfiava que Dendy estivesse bêbado. Ele havia bebericado a noite toda de um frasco. Parecia extremamente

aborrecido, à beira de perder o controle de suas emoções. E não estava mais sendo um pé no saco hostil.

– Estou ouvindo, sr. Dendy.

– Apenas tire-os dali, em segurança. Agora. Isso que é importante. Diga a Sabra que ela pode ficar com o bebê. Eu não vou interferir. Aquela gravação da minha filha... – Ele esfregou as costas da mão nos olhos lacrimosos. – Aquilo me pegou. Nada mais importa. Eu só quero ver minha filha em segurança, fora de lá.

– Esse também é o meu objetivo, sr. Dendy – assegurou-lhe Calloway.

– Concorde com quaisquer que sejam as condições do garoto.

– Vou negociar com ele, o melhor acordo que eu puder. Mas primeiro preciso que ele fale comigo.

O telefone continuava a tocar.

– Ronnie?

O jovem não tinha percebido que Doc estava de posse da pistola. Evidentemente, em meio a toda aquela confusão, Ronnie tinha se esquecido da arma secreta de Cain. Doc ergueu a mão e, vendo a arma, o jovem se retraiu. Donna soltou um grito de medo, antes de colocar as duas mãos sobre a boca.

Mas Doc pegou a pistola pelo cano e entregou-a com o cabo virado para Ronnie.

– Isso é pela fé que tenho em sua acertada decisão.

Parecendo terrivelmente jovem, incerto e vulnerável, Ronnie pegou a arma e enfiou na cintura do jeans.

– Você já sabe minha decisão, Doc.

– Suicídio? Isso não é uma decisão. É um pretexto covarde.

O garoto piscou surpreso com a linguagem seca, mas isso serviu para abalar sua determinação, o que Tiel imaginou ser a intenção de Doc.

– Não quero falar a respeito. Sabra e eu já decidimos.

– Atenda ao telefone – incentivou-o Doc numa voz calma, persuasiva.

– Diga-lhes o que aconteceu aqui dentro. Eles ouviram os tiros. Não sabem que diabo está acontecendo, mas provavelmente estão pensando o pior.

Tranquilize-os, Ronnie. De outro modo, a qualquer momento uma equipe da SWAT pode invadir isso aqui e alguém vai acabar ensanguentado, provavelmente morto.

– Que equipe da SWAT? Você está mentindo.

– Eu mentiria para você depois de lhe entregar uma arma carregada? Acho que não. Vi homens assumindo posições enquanto você estava distraído, observando os mexicanos. A equipe da SWAT está lá fora, torcendo por um sinal de Calloway. Não lhe dê motivo para acioná-los.

Ronnie olhou nervosamente através do vidro, mas não conseguia ver nada além de um número cada vez maior de veículos oficiais, que convergiam na área, criando um engarrafamento na rodovia.

– Deixe-me atender ao telefone, Ronnie – sugeriu Tiel, dando um passo à frente, aproveitando sua indecisão. – Vamos ouvir o que eles têm a dizer sobre o vídeo. A reação deles pode ter sido muito positiva. Podem estar ligando para concordar com todas as suas condições.

– Está bem – murmurou ele, gesticulando para que ela fosse em direção ao telefone.

Ela viu como uma bênção parar o toque infernal do telefone.

– É Tiel – disse ela, ao erguer o fone.

– Srta. McCoy, quem fez os disparos? O que está havendo aí dentro?

A aspereza de Calloway transmitia sua preocupação. Sem querer mantê-lo em suspense, ela explicou da forma mais sucinta possível como a pistola de Cain tinha sido disparada.

– Foi meio crítico, por um ou dois minutos, mas agora a situação está novamente sob controle. Os dois homens que haviam causado o tumulto já estão contidos – disse ela, usando a terminologia eufemística de Doc.

– Está se referindo aos dois mexicanos?

– Correto.

– Eles estão amarrados?

– Correto outra vez.

– E onde está a pistola do agente Cain?

– Doc entregou a Ronnie.

– Perdão?

– Como sinal de confiança, sr. Calloway – disse ela, cautelosa, em defesa de Doc.

O agente do FBI soltou um longo suspiro.

– Mas isso é uma confiança e tanto, srta. McCoy.

– Foi a coisa certa a fazer. O senhor teria que estar aqui para entender.

– É o que parece – disse ele, secamente.

Enquanto conversava com Calloway, ela ouvia Doc, enquanto ele continuava tentando persuadir Ronnie a se render. Ela o ouvira dizer:

– Você agora é pai. É responsável pela sua família. O estado de Sabra é crítico e não há mais nada que eu possa fazer por ela.

– Não sente perigo em relação a ele? – perguntou Calloway.

– De jeito algum.

– Há algum dos reféns em perigo?

– Presentemente, não. Não posso prever o que acontecerá se um daqueles caras de armadura invadir o local.

– Eu não tenho a intenção de dar essa ordem.

– Então, por que eles estão aqui? – Ele parou por um longo momento e Tiel teve a nítida impressão de que ele estava escondendo alguma coisa. Alguma coisa importante. – Sr. Calloway, se há algo que eu deva saber...

– Nós tivemos uma mudança de posição.

– Vocês vão desistir e ir embora? – A essa altura, esse seria seu maior desejo.

Calloway ignorou seu tom brincalhão.

– O vídeo foi eficaz. Vocês ficarão contentes em saber que alcançou o objetivo que pretendiam. O sr. Dendy ficou comovido com o apelo da filha e agora está pronto a fazer concessões. Ele quer que isso termine em paz e segurança. Assim como todos nós queremos. Qual é o atual estado emocional de Ronnie?

– Doc está trabalhando nele.

– Como ele está reagindo?

– Favoravelmente, eu acho.

– Bom, isso é bom.

Ele pareceu aliviado e, novamente, Tiel teve a impressão de que o agente federal estava escondendo alguma coisa que seria melhor ela não saber.

– Acha que ele se entregará?

– Ele especificou as condições sob as quais se renderia, sr. Calloway.

– Dendy irá concordar que isso tenha sido uma fuga, não um sequestro.

É claro que as acusações adicionais permanecerão.

– E eles terão que obter permissão para manter a criança.

– O próprio Dendy disse isso alguns minutos atrás. Se Davison concordar com essas condições, ele terá minha garantia pessoal de que não haverá uso de força.

– Vou passar o recado e lhe darei retorno.

– Estarei de prontidão.

Ela desligou. Ronnie e Doc viraram para ela. Na verdade, todos estavam ouvindo atentamente. Parecia que o papel de mediador tinha sido conferido a ela. Ela não o recebera particularmente com boas-vindas. Suponha-se que, apesar das melhores intenções de todos, algo saísse terrivelmente errado? Se esse impasse acabasse resultando em desastre, ela se sentiria responsável pelo desfecho trágico pelo resto de sua vida.

Ao longo das últimas horas, a prioridade de Tiel mudou. Tinha sofrido uma mudança gradual e até esse momento não tinha percebido que acontecera. A matéria jornalística tinha se tornado secundária. Em que ponto isso tinha acontecido? Quando ela viu o sangue de Sabra em suas mãos enluvadas? Quando Juan ameaçou a vida frágil de Katherine?

As pessoas que faziam a história agora eram muito mais importantes para ela do que a história em si. Produzir um relato premiado e exclusivo desse drama, que garantiria um novo emprego, já não era um objetivo tão vital como havia sido anteriormente. Agora, o que ela desejava era uma resolução a ser comemorada, não lamentada. Se ela fizesse algo errado...

Ela simplesmente não podia, só isso.

– A alegação de sequestro foi retirada – disse ela a Ronnie, que ouvia, na expectativa. – Você terá que enfrentar outras acusações criminais. O sr. Dendy concordou em deixar Sabra ficar com o bebê. Se você concordar

com essas condições e se entregar, o sr. Calloway lhe dá garantia pessoal de que não haverá uso de força.

– É um bom acordo, Ronnie – disse Doc. – Aceite.

– Eu...

– Não, não aceite.

Sabra falou com um ligeiro chiado. De alguma forma, ela conseguiu levantar. Estava recostada pesadamente no freezer, para se manter em pé. Seus olhos estavam fundos e sua pele estava lívida. Ela parecia alguém com maquiagem teatral habilmente aplicada para um personagem se erguendo de um caixão.

– Isso é um truque, Ronnie. Um dos truques do papai.

Doc correu até ela, para apoiá-la.

– Eu acho que não, Sabra. Seu pai reagiu à mensagem em vídeo que você mandou para ele.

Grata, ela se agarrou a Doc, mas seus olhos opacos buscavam Ronnie.

– Se você me ama, não concorde com isso. Eu não sairei daqui até saber que posso ficar com você para sempre.

– Sabra, e quanto ao seu bebê? – perguntou Tiel, baixinho. – Pense nela.

– Pegue-a você.

– O quê?

– Leve-a lá pra fora. Dê-lhe a alguém que irá cuidar bem dela. Não importa o que aconteça conosco, ao Ronnie e a mim, para mim é importante que Katherine fique bem.

Tiel olhou esperançosa para Doc, buscando inspiração, mas a expressão dele era desolada. Ele parecia tão impotente quanto ela.

– Então, é isso – disse Ronnie, firmemente. – Isso é o que faremos. Vamos deixar que você leve a Katherine lá para fora. Mas não sairemos até que eles nos deixem ir. Livres e desimpedidos. Sem compromisso.

– Eles nunca irão concordar com isso – disse Tiel, desesperada. – Essa é uma exigência insensata.

– Você praticou assalto à mão armada – acrescentou Doc. – Terá de responder por isso, Ronnie. Porém, por conta das circunstâncias

extenuantes, você teria uma boa chance de escapar da punição. Fugir seria a pior coisa que poderia fazer. Isso não resolveria nada.

Tiel deu uma olhada para Doc, imaginando se ele estaria ouvindo seu próprio conselho. A censura em relação à fuga podia se aplicar a ele e suas circunstâncias três anos antes. No entanto, ele não notou seu olhar, pois tinha a atenção voltada para Ronnie, que argumentava seu ponto de vista.

– Sabra e eu juramos que jamais seríamos forçados a nos separar. Independentemente de qualquer coisa, nós prometemos um ao outro continuarmos juntos. E é pra valer.

– Seu pai...

– Eu não vou falar sobre isso – estrilou o jovem. Virando para Tiel, ele perguntou se ela poderia levar Katherine lá para fora e transmitir essa mensagem.

– E quanto aos outros? Vai soltá-los?

Ele deu uma olhada além dela, para os outros reféns.

– Os dois mexicanos, não. Nem ele – disse ele, referindo-se ao agente Cain. Ele tinha recuperado a consciência, mas parecia incoerente pelo chute que Juan lhe dera na cabeça. – Os velinhos e ela. Eles podem ir.

Quando ele apontou para Donna, ela enlaçou as mãos embaixo do queixo:

– Obrigada, Senhor.

– Eu não quero ir – anunciou Gladys. Ela ainda estava segurando o bebê que dormia em seus braços. – Quero ver o que vai acontecer.

– É melhor fazermos o que ele diz – disse Vern, afagando-lhe o ombro.

– Podemos esperar por todos lá fora. – Ele ajudou Gladys a levantar do chão. – Antes de irmos, tenho certeza de que Sabra quer se despedir de Katherine.

A idosa levou o bebê até Sabra, onde ela se apoiava junto a Doc.

– Devemos notificar Calloway quanto à sua decisão? – perguntou Tiel a Ronnie.

Ele estava observando Sabra e seu bebê.

– Meia hora.

– O quê?

– Esse é o limite de tempo que eu darei a eles para me retornarem. Se não nos deixarem sair em meia hora, nós vamos... vamos prosseguir com nosso plano – disse ele, com a voz embargada.

– Ronnie, por favor.

– É isso, srta. McCoy. Diga a eles.

Calloway atendeu à ligação antes de terminar o primeiro toque.

– Eu vou sair com o bebê. Tenha uma equipe médica de prontidão. Vou levar três reféns comigo.

– Só três?

– Três.

– E quanto ao restante?

– Eu lhe direi quando chegar aí.

Ela desligou.

Tiel se aproximou de Sabra e viu que a jovem estava chorando.

– Tchau, doce Katherine. Minha linda menininha. A mamãe te ama. Muito. – Ela estava inclinada sobre a criança, sentindo seu cheirinho, tocando-a em todos os lugares. Ela beijou o rosto de Katherine várias vezes, depois virou o rosto para a camisa de Doc e caiu em prantos.

Tiel pegou o bebê de Gladys, pois Sabra não tinha força suficiente. Tiel levou Katherine até Ronnie. Quando o jovem olhou-a, seus olhos se encheram de lágrimas. Seu lábio inferior tremia descontroladamente. Ele estava se esforçando muito para ser durão, mas fracassava terrivelmente.

– Obrigado por tudo que você fez – disse ele a Tiel. – Eu sei que Sabra gostou de tê-la por perto.

Os olhos de Tiel apelavam para ele.

– Eu não acredito que você fará isso, Ronnie. Eu me recuso a acreditar que você poderia apertar o gatilho e acabar com a vida de Sabra e a sua.

Ele preferiu não responder e, em vez disso, beijou a testa do bebê.

– Tchau, Katherine. Eu te amo. – Então, com movimentos espasmódicos e bruscos, ele foi até atrás do balcão soltar a trava eletrônica.

Tiel deixou que os outros saíssem na sua frente. Antes de passar pela porta, ela deu uma olhada para Doc por cima do ombro. Ele tinha deitado

Sabra de volta no chão, mas ergueu a cabeça, como se o olhar de Tiel o tivesse chamado. Os olhos dos dois se fixaram por uma fração de segundo, mas foi um período de tempo e contato significativo.

Então, ela passou pela porta e ouviu a tranca sendo acionada atrás dela.

Os paramédicos emergiram correndo da sombra. Obviamente, pares haviam sido designados previamente para cada refém. Vern, Gladys e Donna foram cercados e cobertos de perguntas, às quais Gladys respondeu num tom decidido e queixoso.

Um casal usando guarda-pós idênticos se materializou diante de Tiel. A mulher esticou os braços para pegar Katherine, mas Tiel ainda não entregou.

– Quem é você?

– Dra. Emily Garrett. – Ela se apresentou como chefe da unidade neonatal de um hospital em Midland. – Esse é o dr. Landry Giles, chefe da obstetrícia.

Tiel considerou as apresentações, depois disse:

– Independentemente de qualquer coisa que vocês tenham ouvido em contrário, os pais não desejam entregar a criança para adoção.

A expressão da dra. Garrett era firme e sincera, como Tiel havia esperado.

– Eu compreendo inteiramente. Nós estaremos aguardando a chegada da mãe.

Tiel beijou o topo da cabeça de Katherine. Sua ligação com aquela criança talvez jamais fosse igual com outro ser humano – havia presenciado seu nascimento, sua primeira respiração, ouvira seu primeiro choro. Mesmo assim, a profundidade de sua emoção a surpreendia.

– Cuide bem dela.

– Tem minha palavra.

A dra. Garrett pegou o bebê e saiu correndo para o helicóptero, que aguardava com a hélice já girando, erguendo um vento voraz. O dr. Giles precisou gritar para se fazer ouvir acima do ruído.

– Como está a mãe?

– Não está bem. – Tiel deu-lhe uma versão resumida do trabalho de parto e nascimento, depois descreveu as atuais condições de Sabra. – A maior preocupação de Doc é a perda de sangue e infecção. Sabra está ficando cada vez mais fraca. Sua pressão sanguínea está caindo, segundo ele. Baseado no que eu lhe disse, há alguma coisa que possa aconselhá-lo a fazer?

– Levá-la para o hospital.

– Estamos trabalhando nisso – disse ela, melancólica.

O homem que se aproximava a passos largos e decididos só podia ser Calloway. Ele era alto e esguio, mas até de camisa de manga exalava autoridade.

– Bill Calloway – disse ele, confirmando sua identidade, assim que se juntou a ela e ao dr. Giles. Eles apertaram as mãos.

Gully veio mancando até ela, com sua corrida de pernas arcadas.

– Meu Deus, garota, se eu não morrer de ataque cardíaco essa noite, vou viver pra sempre.

Ela o abraçou.

– Você vai viver mais que todos nós.

À parte do grupo que aumentava, ela notou um homem robusto vestindo uma camisa branca de caubói com botões perolados. Segurava um chapéu de caubói semelhante ao de Doc. Antes que ela pudesse se apresentar, ele foi rudemente acotovelado para o lado.

– Srta. McCoy, eu preciso lhe falar.

Ela imediatamente reconheceu Russell Dendy.

– Como está minha filha?

– Morrendo. – Embora a afirmação parecesse desnecessariamente áspera, Tiel não sentia a menor compaixão pelo milionário. Além disso, se ela iria forçar a passagem em seu beco sem saída, tinha que bater com força.

Kip estava em pé, ao fundo, registrando em vídeo essa conferência cheia de suspense. A luz da câmera era cegante. Pela primeira vez em sua carreira, Tiel sentiu uma aversão por aquela luz e a invasão de privacidade que ela representava.

Sua resposta seca à pergunta de Dendy o abalou momentaneamente, permitindo que Calloway chamasse o outro homem para apresentá-lo.

– Cole Davison, Tiel McCoy. – A semelhança entre Ronnie e seu pai era inequívoca.

– Como está ele? – perguntou ele, ansiosamente.

– Resoluto, sr. Davison. – Antes de continuar, ela olhou para cada um dos homens, independentemente. – Aqueles jovens estão falando sério. Eles fizeram um juramento que pretendem cumprir. Agora que Katherine está segura e recebendo cuidados médicos, não há nada que os impeça de executar seu pacto suicida. – Ela usou as palavras deliberadamente, para enfatizar a seriedade e urgência da situação.

Calloway manteve sua imparcialidade profissional e foi o primeiro a falar.

– O xerife Montez diz que Doc é um homem corpulento, forte. Ele não poderia simplesmente dominar Ronnie e tomar o controle da arma?

– E arriscar outra vítima? – perguntou ela, retoricamente. – Dois homens tentaram forçar pouco tempo atrás. Isso terminou com sangue. Acho que posso seguramente rejeitar a ideia, em nome de Doc. Ele vem tentando persuadir Ronnie a acabar com isso de forma pacífica. Perderia qualquer vantagem que já ganhou com o garoto se subitamente tentasse dominá-lo.

Calloway passou a mão pelo cabelo ralo e observou o helicóptero com a dra. Garrett e a recém-nascida subindo.

– Os reféns estão em perigo? – perguntou ele.

– Acredito que não. Embora não haja muita ternura entre Ronnie, o agente Cain e os dois mexicanos.

Eles trocaram olhares inquietos, mas, antes que Tiel pudesse perguntar o que isso prenunciava, Calloway disse:

– Resumindo, Ronnie e Sabra estão negociando com a própria vida.

– Exatamente, sr. Calloway. Eu fui mandada para lhe dizer que o senhor tem meia hora para retornar a eles.

– Com o quê?

– Clemência e liberdade para que eles sigam seu caminho.

– Isso é impossível.

– Então, o senhor terá dois jovens mortos em suas mãos.

– A senhorita é uma pessoa sensata, srta. McCoy. Sabe que eu não posso fazer esse tipo de concessão diante de um crime declarado.

O desespero e a derrota recaíram pesadamente sobre ela.

– Eu sei e, honestamente, aprecio a sua posição, sr. Calloway. Sou apenas a mensageira. Estou lhe dizendo o que Ronnie me disse. Meu instinto é que ele está falando pra valer e fará o que disse. Mesmo que esteja blefando, Sabra não está.

Ela olhou diretamente para Dendy.

– Se ela não puder viver livremente com Ronnie, está disposta a tirar a própria vida. Se antes ela não sangrar até morrer. – De volta a Calloway, ela disse: – Infelizmente, para o senhor, não é a minha intuição que conta. A decisão está em suas mãos, não nas minhas.

– Não inteiramente – declarou Dendy. – Eu também tenho participação nisso. Calloway, pelo amor de Deus, prometa qualquer coisa ao garoto. Apenas tire minha filha de lá.

Calloway checkou seu relógio de pulso.

– Meia hora – disse ele, rapidamente. – Não é muito tempo e eu tenho que fazer algumas ligações. – Eles se viraram juntos na direção da van estacionada no canto do estacionamento.

Gully foi o primeiro a notar que Tiel não acompanhou o passo do restante. Ele virou e olhou-a, curioso. – Tiel?

Ela estava andando para trás. – Eu vou voltar.

– Não está falando sério! – A exclamação de Gully falou por todos eles, que a olharam com absoluto espanto.

– Não posso abandonar Sabra.

– Mas...

Ela sacudiu firmemente a cabeça, impedindo o protesto de Gully antes que ele falasse.

Continuando a andar para trás e aumentando a distância entre eles, ela disse:

– Estaremos esperando a sua decisão, sr. Calloway.

CAPÍTULO | 14

TIEL FICOU PARADA DE FRENTE PARA A PORTA durante noventa segundos, antes de ouvir a tranca sendo destravada. Ao entrar, Ronnie olhou-a, cauteloso.

Ela dissipou sua suspeita.

– Eu não estou com uma arma escondida.

– O que foi que Calloway disse?

– Ele está pensando. Disse que precisa dar alguns telefonemas.

– Pra quem? Pra quê?

– Imagino que ele não tenha autoridade para lhe conceder clemência.

Ronnie mordia o lábio inferior, que já estava machucado.

– Certo. Mas por que você voltou?

– Para lhe dizer que Katherine está em excelentes mãos. – Ela contou a ele sobre a dra. Garrett.

– Conte a Sabra. Ela vai querer saber disso.

Os olhos da jovem mãe estavam meio fechados. Sua respiração estava fraca. Tiel não tinha certeza se ela estava totalmente consciente e ouvindo, mas depois de descrever a especialista neonatal, Sabra sussurrou:

– Ela é legal?

– Muito. Quando você conhecê-la, verá. – Tiel deu uma olhada para Doc, mas ele estava medindo a pressão de Sabra, com as sobrancelhas franzidas, que ela já passara a reconhecer. – Tem outro médico muito legal, aguardando para cuidar de você. Seu nome é dr. Giles. Você não tem medo de voar de helicóptero, tem?

– Eu voei, uma vez. Com meu pai. Tudo bem.

– O dr. Giles está de prontidão para levá-la ao hospital, em Midland. Katherine ficará feliz em vê-la quando você chegar lá. Ela provavelmente estará com fome.

Sabra sorriu, depois seus olhos se fecharam.

Por um acordo tácito, Tiel e Doc retomaram seus postos habituais. Sentados no chão, de costas para o freezer, de pernas estendidas à frente, olhando o ponteiro dos segundos do relógio ir diminuindo o limite de tempo imposto por Ronnie, foi o momento ideal para que Doc perguntasse o que Tiel esperava dele.

– Por que você voltou?

Mesmo presumindo que ele perguntaria, ela não tinha uma resposta preparada.

Vários momentos se passaram. Ela notou que ele estava com o maxilar escurecido pela barba por fazer, mas já devia fazer 24 horas que tinha se barbeado. As rugas ao redor de seus olhos agora pareciam mais definidas do que mais cedo, num sinal nítido de cansaço. A roupa dele, assim como a sua, estava suja e manchada de sangue.

Ela percebeu que o sangue era um agente coesivo. Não era necessariamente o sangue misturado de dois indivíduos que formava um laço irrevogável e quase mítico entre eles. Podia ser sangue derramado de qualquer um que unia as pessoas.

Pense nos sobreviventes de acidentes aéreos, batidas de trem, desastres naturais e ataques terroristas, que desenvolveram amizades duradouras por conta do trauma que compartilharam. Veteranos da mesma guerra que falam a mesma linguagem entre eles, que seria incompreensível para os que não estiveram lá nem experimentaram horrores semelhantes. O derramamento de sangue na explosão da cidade de Oklahoma, os tiroteios em escolas públicas, outros acontecimentos impensáveis que uniram estranhos de forma tão sólida que os relacionamentos jamais se romperam.

Sobreviventes compartilham um território comum. A ligação que possuem é rara e única, às vezes mal interpretada e mal compreendida, mas quase sempre inexplicável para aqueles que não se depararam com medo idêntico.

Tiel demorou tanto para responder que Doc repetiu a pergunta:

– Por que você voltou?

– Por Sabra – respondeu ela. – Eu era a única mulher que tinha sobrado. Achei que ela poderia precisar de mim. E...

Ele ergueu os joelhos, pousou os antebraços sobre eles e olhou para ela, esperando pacientemente que ela completasse seu raciocínio.

– E eu detesto começar alguma coisa e não terminar. Eu estava aqui quando começou, então, achei que deveria ficar por aqui até que termine.

Não era tão simples assim. Sua razão para regressar era mais complexa, mas ela estava meio perdida quanto à explicação de sua motivação para Doc, quando até para ela era incerto. Por que ela não estava lá fora, fazendo uma chamada remota ao vivo, aproveitando a visão extraordinária que tinha dessa história? Por que não estava gravando uma trilha de voz para combinar com as imagens fantásticas que Kip estava captando em vídeo?

– O que você estava fazendo aqui?

A pergunta de Doc a tirou de seus devaneios.

– Em Rojo Flats? – Ela riu. – Eu estava de férias. – Ela explicou como estava a caminho do Novo México, quando ouviu falar do tal sequestro, no rádio do carro. – Eu liguei para o Gully, que me designou para entrevistar Cole Davison. Eu me perdi no caminho para Hera. Parei aqui para usar o banheiro e ligar para Gully, pedindo direções.

– Era pra ele que você estava ligando quando eu entrei?

Tiel fixou o olhar nele, com uma expressão inquisitiva.

Ele sacudiu levemente o ombro.

– Eu a notei quando você estava lá no fundo, no telefone público.

– Notou? Ah. – Os olhos deles se cruzaram e fixaram, e foi um esforço para que ela desviasse. – De qualquer forma, eu terminei minha ligação e estava comprando petiscos para a estrada, quando... quem poderia entrar, se não Ronnie e Sabra.

– Isso em si já é a história.

– Eu não pude acreditar na minha sorte. – Ela sorriu torto. – Tome cuidado com o que você deseja.

– Eu tomo. – Depois de alguns segundos, ele acrescentou baixinho: – Agora.

Dessa vez, foi ela quem ficou esperando que ele falasse, dando-lhe a oportunidade de expor seu pensamento ou deixar morrer o assunto. Ele

devia estar sentindo a mesma pressão imposta por seu silêncio, como ela sentira antes, porque ele baixou os ombros, como se seus pensamentos pesassem sobre eles.

– Depois que descobri sobre o caso de Shari, eu quis que ela... – A voz dele falhou, depois ele recomeçou. – Fiquei tão injuriado que eu quis que ela...

– Sofresse.

– É.

O longo suspiro que ele soltou com a palavra provou seu alívio em finalmente tirar essa confissão de seu peito. Confidências não deviam ser fáceis para um homem como ele, que havia lidado com situações de vida e morte diariamente. Para se ter a coragem e tenacidade de lutar com um inimigo aparentemente onipotente como o câncer, certamente havia um grau generoso de complexo de Deus na composição de Bradley Stanwick. Vulnerabilidade, qualquer sinal de fraqueza, era algo incompatível com esse traço de personalidade. Não, além de incompatível. Intolerável.

Tiel ficou lisonjeada por ele ter confessado uma fraqueza, ter revelado a ela ainda que um vislumbre desse aspecto excessivamente humano de si mesmo. Ela imaginou que situações traumáticas também fossem boas para isso. Como uma confissão de leito de morte, ele talvez estivesse pensando que essa seria sua última chance de se livrar do peso da culpa que carregava pela doença terminal da esposa.

– O câncer dela não foi punição pelo adultério – argumentou ela baixinho. – Certamente não foi sua vingança.

– Eu sei. Racionalmente, eu sei disso. Mas quando ela estava passando pelo pior, e acredite, foi um inferno, era nisso que eu pensava. Que eu tinha inconscientemente desejado isso pra ela.

– Então, agora você está se punindo com o banimento de sua profissão, imposto a si mesmo.

Ele disparou de volta:

– E você, não está?

– O quê?

– Punindo-se porque seu marido foi morto. Você está fazendo o trabalho de duas pessoas para recompensar pela perda gerada quando ele morreu.

– Isso é ridículo!

– É?

– Sim. Eu trabalho duro porque adoro.

– Mas nunca vai conseguir fazer o bastante, vai?

Uma resposta zangada morreu em seus lábios. Ela nunca tinha examinado a psicologia por trás de sua ambição. Jamais se *permitira* examiná-la. Mas agora que tinha sido confrontada com essa hipótese, ela precisava admitir seu mérito. A ambição sempre estivera ali. Ela nascera com uma personalidade do tipo A, sempre fora alguém que realizara além dos limites.

Mas não no nível dos últimos anos. Ela buscava objetivos como uma desforra e encarava com dificuldade as falhas percebidas. Trabalhava excluindo todo o restante. Não era uma questão de ter a carreira como prioridade sobre outras áreas de sua vida. Isso *era* a sua vida. Será que seu desejo singular e enlouquecido de êxito era uma penitência autoimposta por aquelas palavras mal escolhidas no calor da raiva?

Eles ficaram em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos turbulentos, lutando com seus demônios pessoais que tinham sido forçados a reconhecer.

– Onde, no Novo México?

– O quê? – Tiel virou-se pra ele. – Ah, o meu destino? Angel Fire.

– Já ouvi falar. Nunca fui lá.

– Ar de montanha e riachos limpos. Álamos. Nessa época estão verdes, não amarelos, mas ouvi dizer que é lindo.

– Você ouviu dizer? Também não foi lá?

Ela sacudiu a cabeça.

– Uma amiga me emprestou seu apartamento por uma semana.

– A essa hora, você já estaria lá, instalada. Que pena que fez aquela primeira ligação para Gully.

– Eu não sei, Doc. – Ela deu uma olhada para Sabra, depois olhou para ele. Atentamente. Observando cada detalhe de seu rosto rude. Pesquisando as profundezas de seus olhos. – Eu não teria perdido isso por nada.

O ímpeto de tocá-lo era quase irresistível. Ela resistiu, mas não parou de olhar. Aquilo durou um bom tempo, enquanto seu coração batia forte junto às costelas e seus sentidos se agitavam com um alerta ávido e terno em relação a ele.

Ela de fato deu um pulo, quando o telefone tocou.

Desajeitada, ela se levantou, assim como Doc.

Ronnie agarrou o fone.

– Sr. Calloway?

Ele ficou ouvindo pelo que pareceu uma eternidade para Tiel. Ela novamente dominou o impulso de tocar Doc. Queria pegar sua mão e segurar apertado, como fazem as pessoas ao ouvirem uma notícia vitalmente decisiva.

Finalmente, Ronnie virou para eles e pousou o fone junto ao peito.

– Calloway disse que está com o defensor do Condado de Tarrant, e seja qual for o condado, além de um juiz em pessoa, e os dois pais, que concordaram em sentar e decidir isso. Ele diz que, se eu admitir que agi mal e me submeter à terapia, talvez eu responda em liberdade e não tenha que ir para a cadeia. Talvez.

Tiel quase desmoronou de alívio. Uma risadinha surgiu de sua garganta.

– Isso é ótimo!

– É um bom acordo, Ronnie. Se fosse você, eu agarrava – disse-lhe Doc.

– Sabra, tudo bem por você?

Como ela não respondeu, Doc quase derrubou Tiel ao passar por ela e ajoelhar ao lado da garota.

– Ela está inconsciente.

– Oh, Deus! – gritou Ronnie. – Ela está morta?

– Não, mas precisa de ajuda, filho. E, eu quero dizer, depressa.

Tiel deixou Sabra aos cuidados de Doc e seguiu na direção de Ronnie. Ela temia que, no desespero, ele pudesse virar a pistola para si mesmo.

– Diga a Calloway que você concorda com as condições. Eu vou cortar a fita para soltá-los – disse ela, gesticulando para Cain, Juan e Dois. – Está bem?

Ronnie estava transfixado pela visão de Doc erguendo Sabra em seus braços. O sangue imediatamente encharcou sua roupa.

– Ai, meu Deus, o que foi que eu fiz?

– Deixe os arrependimentos para depois, Ronnie – disse Doc, com uma voz séria. – Diga a Calloway que estou saindo.

O jovem confuso começou a balbuciar algo ao telefone. Tiel rapidamente pegou a tesoura que usara antes e ajoelhou ao lado de Cain. Ela cortou a fita ao redor de seus tornozelos.

– E minhas mãos? – Sua língua parecia grossa. O homem provavelmente sofrera duas concussões.

– Quando estiver lá fora. – Ela ainda não confiava nele quanto a tentar querer ser um herói. Seus olhos se estreitaram. – Você está bem encrencada, moça.

– Geralmente, estou – respondeu Tiel, passando aos mexicanos.

Juan estava suportando seu ferimento da perna de forma estoica, mas ela sentia o ressentimento emanando dele como um calor de uma fornalha. Mantendo a maior distância possível, ela cortou a fita ao redor de seus tornozelos. Foi preciso um pouco de esforço. Vern fizera um excelente trabalho.

Ela sentiu ainda mais aversão ao que ela apelidara de Dois. Seus olhos escuros a varreram com uma malevolência indisfarçável e uma conotação sexual intencional que a fez sentir ainda mais necessidade de um banho.

Depois de concluída essa tarefa, ela disse:

– Doc, vá primeiro. – E gesticulou para ele em direção à porta. – Certo, Ronnie?

– Certo, certo. Leve Sabra até alguém que possa ajudá-la, Doc.

Tiel foi até a porta e segurou-a aberta para ele. Sabra parecia uma boneca de pano em seus braços. Ela parecia morta. Ronnie amorosamente

afagou seus cabelos, seu rosto. Quando ela não respondeu, ele gemeu.

– Agente firme, Ronnie, ela está viva – tranquilizou-o Doc. – Ela vai ficar bem.

– Dr. Giles – disse Tiel a Doc, conforme ele passava com a garota.

– Entendido.

Num piscar de olhos, ele se foi, atravessando o estacionamento, carregando a garota inconsciente.

– Você é a próxima – disse Ronnie a Tiel.

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu vou ficar com você. Nós vamos sair juntos.

– Você não confia neles? – perguntou ele, numa voz alta e fina de medo. – Acha que Calloway vai tentar algo?

– Eu não confio *neles*. – Ela sacudiu a cabeça na direção dos outros três reféns. – Deixe-os sair primeiro.

Ele pensou a respeito, mas só por um instante.

– Certo. Você. Cain. Vá.

O agente derrotado do FBI passou por eles. Por ele ainda estar com as mãos presas, Tiel novamente segurou a porta aberta. Seu orgulho estava mais ferido que a cabeça. Sem dúvida, ele odiava ter que enfrentar seus colegas agentes, particularmente Calloway.

Ronnie esperou até que Cain tivesse sido engolido por uma nuvem de paramédicos e oficiais, antes de gesticular para Juan e Dois, na direção da porta.

– Vocês são os próximos.

Depois de tentarem fugir duas vezes, eles agora pareciam relutantes para sair. Remexeram-se, seguindo adiante, murmurando algo em espanhol.

– Andem – disse Tiel, impacientemente gesticulando para que eles passassem pela porta. Ela estava frenética para saber o estado de Sabra.

Juan passou primeiro, mancando visivelmente. Ele hesitou no portal, com os olhos desviando em várias direções do estacionamento. Ela notou que o Dois estava praticamente grudado atrás de Juan, com a barriga na

bunda, como se usasse o outro homem de escudo. Eles passaram juntos pela porta.

Tiel tinha virado para falar com Ronnie, quando subitamente a frente da loja foi banhada por uma luz cegante. A equipe da SWAT, parecendo um monte de besouros pretos, veio correndo, brotando de todos os esconderijos possíveis. O número era impressionante. Ela não tinha visto nem um terço deles quando fora lá fora falar com Calloway.

Ronnie xingou e se abaixou atrás do balcão. Tiel gritou, mas de raiva, não de medo. Ela estava lívida demais para temer.

No entanto, estranhamente, os oficiais cercaram Juan e Dois, ordenando que deitassem de bruços no chão. Juan, ferido, não teve outra escolha a não ser obedecer. Ele praticamente se dobrou.

Alheio aos gritos em sua direção, Dois saiu correndo, mais foi derrubado no concreto quase instantaneamente. Antes que Tiel pudesse assimilar o que havia acontecido, já tinha acabado. Os dois homens estavam algemados e foram arrastados pela equipe da SWAT.

As luzes foram apagadas tão subitamente quanto haviam sido acesas.

– Ronnie? – O nome dele foi chamado por um megafone. – Ronnie? Srta. McCoy? – Era o Calloway. – Não fiquem alarma dos. Vocês estavam em companhia de homens muito perigosos. Nós os vimos no vídeo e os reconhecemos. Eles são procurados pelas autoridades daqui e do México. Por isso estavam tão ávidos para escapar. Mas agora estão detidos. Podem sair em segurança.

Longe de ser acalmada por essa informação, Tiel ficou furiosa. Como eles se atreveram a deixar de alertá-la quanto ao potencial perigo! Mas ela não podia extravasar sua raiva agora. Soltaria em Calloway e companhia mais tarde.

Com o máximo de compostura que pôde reunir, ela disse a Ronnie:

– Você ouviu. Está tudo bem. As luzes e a equipe da SWAT não tinham nada a ver com você. Vamos.

Ele ainda parecia assustado e incerto. De qualquer forma, ele não se mexeu para sair de trás do balcão.

Deus, por favor, não me deixe cometer nenhum erro mortal agora, Tiel rezava. Ela não podia forçá-lo demais, mas tinha de forçar o suficiente para fazê-lo se mexer.

– Acho que é melhor você deixar as pistolas aqui, não acha? Colocá-las sobre o balcão. Então, você pode sair de mãos erguidas e eles verão que está sendo sincero em querer resolver as coisas. – Ele não se mexia. – Certo?

Ele parecia cansado, exausto, derrotado. *Não, derrotado, não*, corrigiu ela. Se ele olhasse para isso como uma derrota, talvez não saísse. Ele poderia optar pelo que talvez lhe parecesse a melhor saída.

– Você fez algo excepcionalmente corajoso, Ronnie – disse ela, puxando conversa. – Enfrentando Russell Dendy. O FBI. Você ganhou. O que você e Sabra queriam o tempo todo era um espectador. Alguém que os ouvisse e fosse justo com vocês. E conseguiram que eles concordassem exatamente com isso. Foi uma proeza e tanto.

Os olhos dele desviaram para ela. Ela sorriu, esperando que não parecesse falso e desajeitado como dava a sensação de ser – de fato, era. – Deixe as armas e vamos embora. Eu seguro sua mão, se você quiser.

– Não, não. Eu vou sozinho. – Ele colocou as duas pistolas no balcão e, enquanto limpava as mãos suadas nas pernas do jeans, Tiel soltou o ar que vinha prendendo.

– Vá em frente. Estou logo atrás de você.

Ela hesitou, preocupada com as armas que ainda estavam ao seu alcance. Será que sua condescendência era um truque?

– Certo. Estou indo. Vamos?

Ele lambeu o lábio machucado.

– Sim.

Nervosamente, ela virou na direção da porta, abriu e passou. Notou que o céu já não estava negro, mas um cinza-escuro, de modo que as silhuetas de todos os veículos e pessoas contrastavam. O ar já estava seco e quente. Havia um vento leve soprando areia em seu rosto.

Ela deu alguns passos, antes de olhar para trás. Ronnie estava com a mão na porta, pronto para empurrar e abri-la. Não havia sinal de arma na

mão dele. *Agora não faça nada prejudicial, Ronnie. Você está fora de perigo.*

Adiante, esperando por ela, dava para ver Calloway. O sr. Davison. Gully. O xerife Montez.

E Doc. Ele estava ali. Em pé, ligeiramente distante dos outros. Alto. De ombros largos. Com os cabelos esvoaçantes ao vento.

De canto de olho, ela viu a equipe da SWAT conduzindo Dois para a traseira de uma van, sob forte vigilância. A porta foi fechada com uma batida e a van saiu veloz do estacionamento, cantando pneus. Juan tinha sido colocado numa maca, onde os paramédicos o atendiam.

Tiel passou os olhos por ele e voltou. Ele começou a relutar com o paramédico que tentava espetar uma agulha de soro intravenoso nas costas de sua mão algemada. Parecendo um louco de camisa de força, ele contorcia o corpo, a cabeça, os braços. Sua boca se mexia formando as palavras e ela se perguntou por que achou aquilo tão intrigante.

Então, ela percebeu que as palavras que ele estava gritando eram em inglês.

Mas ele não falava inglês, pensou ela, tolamente. Só espanhol.

Além disso, as palavras não faziam sentido porque ele gritava, a plenos pulmões.

– Ele tem um rifle! Olha lá! Alguém! Oh, Cristo, não!

As palavras foram registradas por Tiel, uma fração de segundo antes de Juan voar da maca lançando-se ao concreto. Ele se atirou no homem, batendo fortemente com o ombro em seu dorso e jogando-o no chão.

Mas só depois que Russell Dendy já tinha atirado com um rifle de caça.

Tiel ouviu o som de estilhaço e girou vendo a porta da loja de conveniência derramando uma chuva de vidro sobre a silhueta inclinada de Ronnie. Mais tarde, ela não se lembrava se tinha ou não gritado. Ela não se lembrava de ter atravessado a distância de volta até a entrada da loja, correndo a toda velocidade, nem caindo de joelhos, apesar do vidro.

Lembrava-se de ouvir Juan gritando – para salvar a própria vida:

– Sou Martinez, agente do Tesouro, sob disfarce! Martinez, agente do tesouro, trabalhando sob disfarce!

CAPÍTULO | 15

O ANTISSEPTICO QUE A MÉDICA ESTAVA APLICANDO em suas mãos e joelhos fazia arder. O vidro quebrado tinha penetrado no tecido de sua calça que havia sido cortada acima dos joelhos.

Tiel nem havia notado os cortes, até que os paramédicos começaram a remover os cacos de vidro com a pinça. Só então começaram a doer. Mas a dor não era expressiva. Ela estava mais interessada no que se passava ao seu redor do que nos ferimentos superficiais que tinha sofrido.

Sentada na maca – ela se recusara a entrar na ambulância – tentava ver em volta da mulher que cuidava dela. Era uma cena caótica. Na claridade do amanhecer, as luzes de uma dúzia de carros de polícia e veículos de emergência criavam um caleidoscópio estonteante de flashes piscantes e coloridos. O pessoal da equipe médica, os que não haviam se apressado para socorrer Ronnie, cuidava dela, do agente do Tesouro Martinez e de Cain.

A mídia tivera o acesso negado à área imediata, mas os helicópteros jornalísticos passavam zunindo acima, como insetos brutais. Num planalto escarpado com vista para o vale conhecido como Rojo Flats, havia um comboio de vans televisivas. As antenas parabólicas fixadas em seus tetos refletiam o sol nascente.

Habitualmente, esse seria o tipo de cena em que Tiel McCoy vicejava. Ela estaria em seu habitat. Mas a onda habitual de adrenalina não estivera ali quando ela olhou para a lente da câmera, ao fazer seu relato ao vivo.

Ela tentou transmitir seu costumeiro nível de entusiasmo, mas sabia que isso lhe faltava e só torcia para que o espectador não notasse, ou que, se notasse, achasse que sua falta de vivacidade era por conta do calvário que tinha suportado.

O relato certamente tivera um cenário de fundo dramático. Ela estava aos gritos no microfone, enquanto o helicóptero de resgate levantava voo,

levando Ronnie Davison até o centro de emergência mais próximo, onde uma equipe estava de prontidão para cuidar do ferimento a bala que ele sofrera no peito. O vento forte gerado pelo revolver das hélices soprava areia, ao que ela atribuiu suas lágrimas não profissionais.

Assim que concluiu o resumo dos acontecimentos que haviam se desenrolado ao longo das últimas seis horas, ela indiferentemente passou o microfone a Kip, que lhe deu um beijo no rosto e disse “Extraordinário”, depois saiu correndo para filmar um rolo extra de filme, aproveitando o acesso que ele tinha à cena, por sua ligação com ela.

Só depois de concluir essa parte do trabalho, ela se permitiu ter os ferimentos da palma das suas mãos e joelhos examinados. Agora, falando com a médica, ela disse:

- A senhora deve saber de alguma coisa.
- Lamento, srta. McCoy, não sei.
- Ou não está dizendo.

A mulher lançou um olhar retraído.

– Eu não sei. – Ela tampou o frasco de antisséptico. – Realmente deveria ir até o hospital deixar que alguém dê uma olhada em suas mãos com uma luz melhor. Talvez tenha fagulhas...

– Não tem. Estou bem. – Ela pulou da maca. Seus joelhos estavam ficando doloridos e rijos por conta dos inúmeros cortes, mas ela escondeu a careta da paramédica. – Obrigada.

– Tiel, você está bem? – Gully veio esbaforido atrás dela. – Esses filhos da puta não queriam me deixar passar até que você tivesse as mãos e os joelhos examinados. O vídeo ficou excelente, garota. O melhor que você já fez. Se isso não te render o lugar no *Nine Live*, então, a vida é injusta e eu mesmo vou desistir do ramo da TV.

– Você ouviu alguma coisa sobre o estado de Ronnie?

– Nada.

– Sabra?

– Nada. Desde que o caubói a entregou àquele dr. Giles e eles a levaram de helicóptero.

– Falando em Doc, ele está por aí?

Gully não ouviu. Ele estava sacudindo a cabeça e dizendo:

– Eu queria que eles tivessem me dado uns minutos com Dendy. Alguns minutos comigo e ele odiaria a vida.

– Imagino que ele esteja preso.

– O xerife mandou três oficiais com as caras mais malvadas que eu já vi arrastarem-no para a cadeia.

Embora tivesse visto com os próprios olhos, ela ainda achava impossível acreditar que Dendy tinha atirado em Ronnie Davison. Ela expressou seu desalento para Gully.

– Não consigo entender como isso aconteceu.

– Ninguém estava prestando atenção. Ele tinha feito um belo teatro para Calloway. Chorando, retorcendo as mãos. Admitiu que tinha conduzido mal as coisas. Ele nos fez acreditar que tinha sido um erro dele, pelo seu jeito, que tudo estava perdoado e que só queria que Sabra estivesse em segurança. O maldito mentiroso.

As emoções contidas de Tiel vieram à tona e ela começou a chorar.

– É culpa minha, Gully. Eu prometi a ele que seria seguro sair, que se ele se entregasse, não seria ferido.

– Isso foi o que todos nós prometemos a ele, srta. McCoy.

Ela se virou na direção da voz conhecida, instantaneamente secando as lágrimas.

– Estou muito decepcionada com o senhor, agente Calloway.

– Como seu colega acabou de explicar, eu caí na encenação de Dendy. Ninguém sabia que ele tinha trazido um rifle de caça.

– Não é só isso. O senhor poderia ter me alertado quanto àquele sujeito, o Huerta, quando eu trouxe o bebê aqui pra fora.

– E se soubesse quem ele era, o que teria feito?

O que ela teria feito? Ela não sabia, mas, de alguma forma, isso parecia irrelevante. Ela perguntou:

– Sabia que Martinez era um agente do Tesouro?

Calloway pareceu mortificado.

– Não. Nós imaginamos que ele fosse um dos capangas de Huerta.

Lembrando-se da forma como o homem ferido e algemado havia se lançado sobre Dendy, ela frisou:

– Ele fez algo incrivelmente corajoso. Ele não apenas detonou seu disfarce, mas também arriscou a vida. Se algum dos outros oficiais tivesse reagido mais depressa... – Ela estremeceu ao pensar no corpo do jovem sendo perfurado de balas pelas armas de seus colegas oficiais.

– Pensei nisso – admitiu Calloway, melancólico. – Ele gostaria de falar com você.

– Comigo?

– Está disposta a isso?

Calloway a conduziu até outra ambulância, contando sobre o estado de Martinez.

– A bala passou direto pela perna, sem pegar no osso ou em alguma artéria. Ele teve sorte duas vezes, essa noite. – Ele ajudou-a a entrar na traseira da ambulância.

O curativo temporário que Doc havia posto no ferimento de Martinez tinha sido substituído por uma bandagem de gaze esterilizada. A camiseta ensanguentada tinha sido acrescida à pilha de outros materiais infecciosos a serem descartados. Ver aquilo fez o coração de Tiel se contrair. Ela se lembrou de ver as mãos de Doc arrumando a bandagem grosseira no ferimento que ele provocara.

Martinez estava preso a um soro intravenoso e também recebia transfusão de sangue. Mas seus olhos estavam claros.

– Srta. McCoy.

– Agente Martinez. É muito bom no seu trabalho. Enganou a nós todos. Ele sorriu, mostrando os dentes brancos retos que ela notara antes.

– Esse é o objetivo de um oficial sob disfarce. Graças a Deus Huerta também foi enganado. Venho trabalhando como membro de sua organização desde o último verão. Um caminhão lotado de gente atravessou a fronteira ontem à noite.

– Ele foi interceptado aproximadamente uma hora atrás – informou-lhes Calloway. – Como sempre, as condições interiores eram deploráveis.

As pessoas trancadas ali dentro ficaram gratas por serem detidas. Consideraram isso um resgate.

– Huerta e eu estávamos a caminho de fazer uma venda para um fazendeiro no Kansas. Huerta seria preso assim que fosse feito o estouro. Paramos aqui para comprar um lanche.

Ele sacudiu os ombros, como se dissesse que eles sabiam do restante.

– Só estou contente que nenhum de nós tenha entrado na loja armado. Tínhamos deixado nossas armas no carro, algo que nunca acontece. Foi um golpe do destino, ou uma intervenção divina, seja o que for. Se Huerta estivesse armado, a coisa logo teria ficado feia.

– Você estará correndo perigo de represália?

Ele novamente mostrou um sorriso.

– Confio que o departamento me fará desaparecer. Se algum dia voltar a me ver, provavelmente não irá me reconhecer.

– Entendo. Mais uma pergunta, por que você tentou pegar o bebê?

– Huerta queria agitar Ronnie, dominá-lo. Eu me ofereci para distrair todos, pegando o bebê. Na verdade, fiquei com medo de que ele fizesse algo com a criança. Aquela foi a única forma que imaginei para protegê-la.

Tiel estremeceu ao pensar no que talvez tivesse acontecido.

– Você pareceu particularmente hostil com Cain.

– Ele me reconheceu! – exclamou Martinez. – Tínhamos trabalhado juntos num caso anos atrás. Ele não teve o bom senso de manter a boca fechada. Várias vezes, quase me entregou. Tive que fazê-lo calar. – Olhando para Calloway, ele acrescentou: – Acho que ele precisa de um curso de reciclagem em Quantico.

Tiel escondeu o sorriso.

– Precisamos lhe agradecer por inúmeros atos de bravura, sr. Martinez. Lamento por ter sido alvejado em seu empenho.

– Aquele cara, Doc, fez o que tinha que fazer. Se a situação fosse o inverso, eu teria feito o mesmo. Eu gostaria de dizer a ele que não tenho rancor.

– Ele já foi embora – disse Calloway.

Escondendo seu desapontamento e apesar de pequenos cortes na palma da mão, Tiel apertou a mão de Martinez e lhe desejou boa sorte, depois foi ajudada a sair da ambulância e encontrou Gully fumando um cigarro, enquanto esperava. Logo que a ambulância saiu, Gladys e Vern se juntaram a eles.

Aparentemente, eles tinham voltado do trailer, pois estavam com roupas diferentes, cheiravam a sabonete e pareciam espertos e alertas como se tivessem acabado de chegar de uma estadia de duas semanas num spa. Tiel abraçou-os.

– Não poderíamos partir sem lhe dar nosso endereço e ter sua promessa de manter contato. – Gladys entregou-lhe um pedaço de papel com o endereço da Flórida.

– Eu prometo. Vocês vão continuar a lua de mel a partir daqui?

– Depois de uma parada na Louisiana para ver meu filho e meus netos – disse Vern.

– Que são, sem dúvida, os cinco pilantrinhas mais intratáveis do planeta.

– Ora, Gladys.

– Eu só estou dizendo o que é, Vern. Eles são bárbaros e você sabe disso. – Então, sua postura mudou. Ela limpou as lágrimas que subitamente surgiram em seus olhos. – Eu só espero que aqueles dois jovens consigam passar por isso. Ficarei morta de preocupação até saber que eles estão bem.

– Eu também. – Tiel apertou a mãozinha de Gladys.

– Nós tivemos que dar nosso depoimento ao xerife, depois aos agentes do FBI – disse Vern. – Dissemos a eles que você não teve como evitar bater em Cain com aquela lata de chili, por ele ser tão idiota.

Gully debochou. Calloway ficou tenso, mas deixou a crítica passar sem comentários.

– Donna está alugando os cinegrafistas – disse Gladys, irritada. – Ouvindo-a falar, é de se pensar que ela foi uma heroína.

Vern enfiou a mão na sacola e tirou uma pequena fita de vídeo, colocando na mão de Tiel.

– Não se esqueça disso – sussurrou ele.

Na verdade, ela já se esquecera da fita da filmadora.

– Nós voltamos e entramos escondidos na loja para pegar – disse Gladys.

– Obrigada. Por tudo. – Tiel ficou novamente emotiva quando eles finalmente se despediram e seguiram para o trailer.

– Lua de mel? – perguntou Gully, quando eles se afastaram.

– Eles foram maravilhosos. Vou sentir falta deles.

Ele a olhou estranhamente.

– Você está bem?

– Sim. Por quê?

– Porque você está agindo de um jeito esquisito.

– Fiquei a noite inteira acordada. – Endireitando os ombros e adotando a postura que assumia quando as câmeras começavam a gravar, ela se virou para Calloway. – Imagino que tenha muitas perguntas a me fazer.

Na van, Calloway ocupou-se dela, junto com café e burritos doados pelas senhoras auxiliares da Primeira Igreja Batista. Levou mais de uma hora para tirar dela toda a informação de que precisava.

– Acho que por enquanto é só, srta. McCoy, embora nós provavelmente tenhamos mais perguntas de acompanhamento.

– Eu compreendo.

– E eu não me surpreenderia se a respectiva promotoria lhe pedisse para participar quando nós nos reunirmos para discutir as acusações contra Ronnie Davison.

– Se vocês se reunirem – disse ela, baixinho.

O agente do FBI desviou o olhar e Tiel percebeu que ele trazia uma grande culpa em relação ao ocorrido. Talvez até mais que ela. Ele admitiu ter sido enganado pela encenação de Dendy. Ele não notou quando Dendy voltou ao helicóptero e pegou um rifle de caça. Se o impensável acontecesse e Ronnie morresse, Calloway teria muito do que dar conta.

– Recebeu alguma informação nova quanto ao estado de Ronnie?

– Não – respondeu Calloway. – Tudo que sei é que ele estava vivo quando o colocaram no helicóptero. Não ouvi mais nada. O bebê está bem.

Sabra permanece fraca, o que é melhor do que eu esperava. Ela já recebeu várias bolsas de sangue. A mãe está com ela.

– Eu não vi Cole Davison.

– Eles o deixaram acompanhar Ronnie no helicóptero. Ele estava... bem, pode imaginar.

Eles ficaram quietos por um momento, alheios à atividade dos outros agentes que estavam ocupados com a conclusão. Calloway acabou sinalizando para que ela levantasse da cadeira, acompanhou-a até lá fora, onde a manhã estava em pleno vapor.

– Até logo, sr. Calloway.

– Srta. McCoy? – Depois de ter começado a se afastar, ela virou de volta. O agente especial Calloway parecia ligeiramente inquieto com o que estava prestes a dizer. – Isso foi um calvário terrível para a senhorita, eu tenho certeza. Mas fico contente por termos tido alguém lá dentro com seu equilíbrio. A senhorita ajudou a manter todos sãos e agiu de forma notável.

– Eu não sou notável, sr. Calloway. Mandona, talvez – disse ela, com um sorriso discreto. – Se não fosse por Doc... – Ela inclinou a cabeça, interrogativa. – Ele lhe deu seu depoimento?

– O xerife Montez pegou o depoimento dele.

Ele gesticulou na direção do xerife, a quem ela não havia notado, recostado na lateral da van, na sombra. Ele suspendeu a ponta do chapéu de aba larga e veio andando em sua direção, mas ignorou a pergunta silenciosa quanto a Doc.

– Nosso prefeito ofereceu colocá-la no motel local. Não é o Ritz – alertou ele, com uma risada. – Mas será bem recebida pelo tempo que quiser ficar.

– Obrigada, mas estou voltando para Dallas.

– Agora, você não vai, não. – Gully tinha se juntado a eles, acompanhado de Kip. – Estamos voltando no helicóptero para entregar essa fita ao editor, de modo que ele possa começar a montagem.

– Eu também vou e mando alguém buscar meu carro.

Ele estava sacudindo a cabeça antes mesmo que Tiel terminasse de falar.

– Não tem espaço suficiente para mais de dois passageiros, e eu tenho que voltar. Não há como saber o que aquele maluco com as argolas na sobancelha fez na minha sala de redação. Aceite a oferta gentil do prefeito. Vamos mandar o helicóptero para buscá-la depois, junto com um estagiário que vai dirigir seu carro de volta para Dallas. Além disso, você está fedorenta. Um banho não lhe fará mal.

– Você realmente sabe como ser encantador quando é preciso, Gully.

A questão pareceu resolvida e ela estava exausta demais para brigar. Eles determinaram um horário e local para que ela pegasse o helicóptero e o xerife Montez prometeu deixá-la lá. Gully e Kip se despediram e correram em direção ao helicóptero que esperava, com as letras da emissora pintadas nas laterais.

Calloway estendeu a mão.

– Boa sorte, srta. McCoy.

– Igualmente. – Ela apertou a mão dele, mas quando ele ia soltar, ela continuou segurando. – Disse que estava contente por ter sido eu, lá dentro – disse ela, assentindo em direção à loja. – Fico contente que tenha sido o senhor aqui fora, sr. Calloway. – E ela estava sendo sincera. Eles tiveram muita sorte em tê-lo à testa de uma situação tão delicada. Outro talvez não tivesse demonstrado a mesma sensibilidade que ele.

O elogio pareceu constrangê-lo.

– Obrigado – disse ele, rapidamente, virando e entrando na van.

O xerife Montez tirou as malas do carro dela e as colocou no banco traseiro da viatura policial. Ela argumentara quanto a ele levá-la.

– Eu posso dirigir meu carro, xerife.

– Não há necessidade. Está muito esgotada e eu receio que possa dormir ao volante. Se está preocupada com seu carro, eu vou mandar um guarda buscá-lo. Nós o deixaremos estacionado em nosso escritório, onde podemos ficar de olho nele.

Surpreendentemente, ela foi receptiva ao fato de ceder o controle e não ter que tomar qualquer decisão.

– Obrigada.

Foi um rápido trajeto até o motel. Havia seis quartos perfilados por uma pequena marquise que provia uma sombra estreita. Todas as portas eram pintadas do tom laranja da Universidade do Texas.

– Não é preciso fazer check in. É a única hóspede. – Montez desceu de trás do volante e deu a volta para ajudá-la.

Ele tinha a chave do quarto e usou-a para abrir a porta. O ar-condicionado já estava ligado. O aparelho, posicionado na janela, zunia ruidosamente e uma das partes internas tilintava de forma intermitente, mas eram sons amistosos. Um vaso de girassóis e um cesto de frutas frescas, bolos e doces, embrulhado em plástico cor-de-rosa haviam sido colocados na única mesinha do quarto.

– As moças católicas não iam querer ficar para trás das batistas – disse ele a ela.

– Vocês todos têm sido muito gentis.

– De modo algum. Se não fosse pela senhorita, poderia ter sido muito pior. Nenhum de nós queria Rojo Flats se destacando no mapa por algo como um massacre. – Ele tocou a borda do chapéu ao recuar, puxando a porta e fechando-a. – Se quiser qualquer coisa, ligue para a recepção. De outro modo, ninguém irá incomodá-la. Descanse bem. Eu voltarei para buscá-la, depois.

Habitualmente, a primeira coisa que Tiel fazia ao entrar num quarto era ligar a televisão. Ela era viciada em notícias. Atenta ou não às imagens da tela, sempre ligava na estação de notícias vinte e quatro horas. Ela adormecia e despertava com isso.

Agora, tinha passado pelo aparelho de TV sem sequer notar, levando sua bolsinha de toalete até o banheiro minúsculo. O chuveiro mal dava para se virar dentro, mas a água era quente e farta. Embaixo do jato fumegante, ela deixou que a água batesse em sua cabeça antes de passar xampu. Fez bastante espuma com seu sabonete importado vendido exclusivamente na Neiman's. Ela raspou as pernas, evitando os cortes nos joelhos. Usou o secador de cabelos apenas para tirar o excesso de água, depois debruçou na pia e escovou os dentes.

Tudo isso deu uma sensação maravilhosa.

Então, por que se sentia tão mal?

Acabara de entregar a história mais importante de sua carreira. Agora, o *Nine Live* já era seu. Gully tinha dito. Ela deveria estar dançando no teto. Em vez disso, seus membros pareciam pesar mil toneladas. Onde estava o torpor de euforia que ela costumava sentir por conta de uma boa matéria? Seu astral estava choco como champanhe de três dias.

Falta de sono. Era isso. Depois que descansasse por algumas horas, ficaria novinha em folha. Voltaria ao seu antigo eu. Recarregada e pronta.

De volta ao quarto, ela pegou na mala uma camiseta regata e um short e vestiu, programou o despertador de viagem, depois puxou as cobertas da cama. Os lençóis pareciam macios e convidativos. Ocorreu-lhe que suas mãos e joelhos poderiam manchá-los de sangue, mas ela já não conseguia ligar.

Quando ouviu a batida achou que fosse outro barulho no mecanismo do ar-condicionado. Mas quando foi seguida por uma segunda batida, ela foi até a porta e abriu.

CAPÍTULO | 16

ELE ENTROU, FECHOU A PORTA, tirou os óculos de sol e o chapéu, e colocou sobre a mesa ao lado do cesto intocado de petiscos que as senhoras da igreja católica tinham preparado para ela.

Ele cheirava a luz do sol e sabonete; estava recém-barbeado. Usava uma calça Levi's limpa, mas bem gasta, uma camisa branca, cinto de couro e botas de caubói.

Se uma manada de cavalos estivesse puxando Tiel na direção oposta, não a impediria de se atirar nos braços dele. Ou talvez ele tenha aberto os braços para ela. Depois, ela não lembrava quem se moveu primeiro. E, de qualquer forma, quem havia começado não era importante.

Tudo que importava era que ele a envolveu num abraço apertado. Seu corpo estava grudado ao dele e eles ficaram ali abraçados. As lágrimas dela fluíam livremente e eram absorvidas pelo tecido da camisa dele. Ele cobriu a parte de trás da cabeça dela com sua mão grande e pressionou seu rosto contra o peito dele para amparar o choro que vinha em soluços ruidosos.

– Ele morreu? Você está aqui para me dizer que Ronnie está morto?

– Não, não é por isso que estou aqui. Eu não tenho nenhuma notícia de Ronnie.

– Acho que isso é bom.

– Acho que sim.

– Eu não pude acreditar, Doc. Aquele som. Aquele som horrível e ensurdecidor. Depois vê-lo ali deitado, tão imóvel, no meio de todo aquele vidro e sangue. Mais sangue.

– Shh.

As palavras de consolo eram sussurradas em seus cabelos, em sua têmpora. Depois as palavras cessaram e somente sua respiração, seus lábios passavam por sua sobrancelha, tocando as pálpebras molhadas. Tiel

ergueu a cabeça e olhou-o com os olhos lacrimosos. Esticando a mão para tocar-lhe o rosto, ela fez um pequeno som de desejo, o que ele ecoou.

Um segundo depois, os lábios dele estavam sobre os dela. Insistentes e famintos, separando-os. As línguas flertaram antes que a dele dominasse, explorando e se apossando de sua boca. As mãos de Tiel foram atrás do pescoço dele. Ela enroscou os dedos nos cabelos dele e se entregou ao beijo, ostensivamente sexual.

Como se energizados por um estimulante, os sentidos dela aceleraram. Cada receptor sensorial estava aguçado ao máximo. Ela nunca se sentira mais viva, embora também estivesse um pouquinho assustada. Como uma criança em seu primeiro parque de diversões, estava deslumbrada e entorpecida pelo ataque sensual, enfeitiçada, arrebatada e apreensiva, mas ávida para experimentar.

A fivela do cinto passava em sua barriga, mas não era uma sensação desagradável. O metal frio ficou morno junto à faixa de pele nua entre a bainha de sua camiseta e o cós da calcinha. Fortes e confiantes, as mãos dele pousaram no pé de suas costas e a puxaram para mais perto.

Ele desceu beijando seu pescoço. Ela inclinou a cabeça para um lado, e ele respirava levemente por sua orelha, passando a língua. Seguindo a direção de sua cabeça, ela virou o corpo lentamente, deixando que ele beijassem a lateral do pescoço, o ombro. Erguendo seus cabelos, ele beijou-lhe a nuca. O toque de seus lábios causava arrepios por sua espinha.

Agora de costas para ele, ela recostou sobre seu peito largo e as mãos dele deslizavam sobre a parte da frente de seu corpo. Ele pressionou seus seios com as palmas em concha antes de descer as mãos pelas costelas, que ele quase enlaçava. Ele pousou-lhe as mãos nos quadris.

Formigando de excitação, os movimentos dela junto a ele eram felinos, desavergonhados, convidativos. Ele reagiu deslizando a mão para dentro da calcinha, abaixo, mergulhando por entre as coxas.

Quando ele achou o meio, ela murmurou seu nome, virou a cabeça e buscou seus lábios.

Eles se beijavam enquanto os dedos dele continuavam a acariciar, separar, penetrar. Ela ficou nas pontas dos pés, arqueando o corpo para

fora na direção da mão dele, até que seu ombro estava apoiado sobre as clavículas dele e ela passava a cabeça em seu ombro.

Ela pôs a mão sobre a dele, puxando os dedos dele mais para cima. Mas isso não estava bom o suficiente. Ela queria ficar mais perto dele. Tão perto quanto pudesse estar. E faltava muito para estar perto.

Subitamente virando, ela se moldou à frente dele. O som que emanou do peito dele foi baixo, animalesco, excitante. Ele es palmou suas nádegas e ergueu-lhe junto a ele. Eles se encaixavam como duas peças de um quebra-cabeça. Perfeitamente. De tirar o fôlego. Tiel ergueu uma perna e enlaçou-lhe o quadril. Enquanto se beijavam, ele acariciava a parte externa de sua coxa.

Então, ele a carregou até a cama. Era uma distância de apenas alguns passos, mas, para Tiel, pareceu levar uma eternidade, até que ela o sentiu deitado ao seu lado. Ela reajustou seu corpo sob o peso dele.

Ele passou os dedos nos cabelos dela, afastando-os de seu rosto. Os olhos dele, praticamente fluídicos de desejo, pareciam se derramar sobre as feições dela.

– Eu não sei do que você gosta. – A voz dele era áspera. Mais do que o habitual. Ela queria que fosse tangível, para que pudesse senti-la em sua pele, como a areia que havia soprado em seu rosto mais cedo.

A ponta de seu dedo tracejou o formato da sobrancelha dele, seguiu pela extensão do seu nariz reto e estreito, contornou seus lábios.

– Eu gosto de você.

– O que você quer que eu faça?

Por um momento terrível, ela temeu cair em prantos outra vez. A emoção apertou-lhe o peito e a garganta, mas ela conseguiu conter.

– Convença-me de que estou viva, Doc.

Ele começou tirando a camiseta, levando os lábios até seus seios. Beijou levemente, provocando, e continuou até que estivessem prontos, depois passou a língua. Olhar isso era incrivelmente excitante. Ela começou a se sentir cada vez mais inquieta e quente. A pressão se acumulava na parte inferior de seu corpo.

Então, os lábios dele se fecharam ao redor de seu mamilo rijo. O calor sedoso, o movimento de sucção da boca davam uma sensação erótica e poderosa. Ela não conseguia manter o quadril e as pernas quietas, e quando passou o joelho nele, sentindo sua ereção, ele gemeu com um misto de prazer e dor.

Subitamente, ele estava fora da cama. Tirou rapidamente a roupa. Seu peito tinha a quantidade certa de pelo. Sua pele era lisa. Os músculos eram bem definidos, mas não exagerados. A barriga era seca. Seu pênis estava agressivamente rijo no meio do quadril e das coxas fortes.

Quando ele colocou um joelho na cama, Tiel sentou. A ponta dos dedos dela seguiam a trilha de pelos sedosos que percorriam sua barriga, até se adensarem no pelo cerrado. O membro era quente, duro, vivo; a ponta tinha uma textura aveludada. Sem qualquer traço de timidez, ele deixou que ela o estudasse.

Então, ela enlaçou os braços ao redor do quadril dele, ficando com a cabeça pressionada ao meio do seu peito, e seu sexo ficou abrigado entre os seios dela. Era uma sensação deliciosa.

Mas, depois de um momento, ele gemeu.

– Tiel...

E gentilmente a colocou de volta na cama. Inclinou-se sobre ela e tirou sua calcinha. Parou um instante, com os olhos focados nela, repletos de puro interesse. Então, ele se curvou, beijando-a pouco acima dos pelos pubianos. Foi um beijo preguiçoso, sexy, molhado, que a provocou a esticar as mãos para ele com desejo descarado.

Ele se esticou em cima dela. As coxas dela se abriram naturalmente. Ele deslizou os braços por baixo das costas dela e abraçou-a.

E mergulhou dentro dela.

Eles estavam entrelaçados nus, sem sequer a proteção do lençol para cobri-los. O ar-condicionado soltava o ar frio no quarto pequeno, mas a pele dos dois irradiava calor.

Tiel sentia-se febril. Ela estava esparramada por cima dele, com a cabeça em seu peito, um braço por cima de sua cintura, um joelho em

cima do meio. Ele estava com a respiração estável e contente, afagando-lhe os cabelos.

– Achei que tinha machucado você.

– Me machucado?

– Você gritou.

Sim. Quando ele entrou pela primeira vez. Ela agora lembrava. Ela virou a cabeça no peito dele, aconchegando-se.

– Porque foi muito bom.

Ele apertou os braços ao redor dela.

– Pra mim também. Aquele negócio que você faz...

– Que negócio?

– Aquele negócio.

– Eu não faço negócio.

Ele abriu os olhos e sorriu.

– Faz, sim.

– Faço?

– Hmm. E é bom demais.

Corando, ela voltou o rosto ao peito dele.

– Bem, obrigada.

– O prazer foi meu.

– Estou exausta.

– Eu também.

– Mas eu não quero dormir.

– Nem eu.

Vários momentos se passaram, um tempo gostoso de reflexão. Tiel acabou pousando as mãos sobre o peito dele e o queixo sobre as mãos.

– Doc?

– Hmm.

– Você está dormindo? Tudo bem se eu te perguntar uma coisa?

– Vá em frente.

– O que estamos fazendo?

Ele abriu um olho para olhar para ela.

– Você quer a nomenclatura científica, a fraseologia educada, ou o vernáculo do século XXI serve?

Ela franziu o rosto para a provocação dele.

– Eu quis dizer...

– Eu sei o que você quis dizer. – O segundo olho também abriu e ele entortou a cabeça no travesseiro para olhar para ela de um ângulo melhor. – Apenas o que você disse mais cedo, Tiel. Estamos convencendo um ao outro de que estamos vivos. Não é tão incomum assim que as pessoas queiram fazer sexo depois de passar por uma experiência de risco de vida. Ou depois de qualquer lembrete de sua mortalidade, um enterro, por exemplo. O sexo é uma afirmação perfeita de que você está vivo.

– É mesmo? Bem, essa foi a transa mais fantástica de afirmação de instinto de sobrevivência que eu já tive. – Ele riu. Mas Tiel ficou calada, introspectiva. Ela soprou suavemente o pelo do peito dele, passando os lábios. – Foi só isso?

Ele colocou um dedo embaixo do queixo dela e ergueu, até que ela estivesse novamente olhando para ele.

– Qualquer coisa entre nós seria complicada, Tiel.

– Você ainda ama Shari?

– Amo as boas lembranças dela. E também detesto as lembranças dolorosas. Mas se você está insinuando que eu sou aficionado em seu fantasma, posso lhe garantir que não. Meu relacionamento com ela, bom, ruim ou indiferente, não me impediria de me relacionar outra vez.

– Você se casaria de novo?

– Eu gostaria. Se eu amasse a mulher, ia querer construir uma vida em comum e, para mim, isso significa casamento. – Depois de um instante, ele perguntou: – E quanto às lembranças de John Malone?

– Como as suas. Agridoces. Nós tivemos um romance de conto de fada. Provavelmente nos casamos cedo demais, ardentes de paixão, antes que realmente nos conhecêssemos. Se ele não tivesse morrido, quem sabe? Os caminhos profissionais talvez tivessem nos levado a direções diferentes e irreconciliáveis.

– Do jeito que é, ele permanecerá em sua memória como o Príncipe Encantado Mártir.

– Não, Doc. Minha memória também não está presa a um fantasma indefectível.

– E quanto a Joe?

– Aquele Joe é casado – lembrou-lhe ela.

– Mas, e se ele não fosse?

Ela pensou em Joseph Marcus por um momento, depois sacudiu a cabeça.

– Nós provavelmente teríamos algo rolando por um tempo, depois acabaria. Ele era uma diversão, não um caso do coração. Nada sério, eu te asseguro. Eu mal me lembro dele.

Ela se ergueu e passou a mão no peito dele.

– De você, por outro lado, eu vou me lembrar. Você tem exatamente a aparência que imaginei.

– Você me imaginou nu?

– Confesso.

– Quando?

– Logo que você entrou na loja, eu acho. No fundo da minha cabeça, eu pensei: “Nossa, ele é apetitoso.”

– Sou apetitoso?

– Muito apetitoso.

– Ora, obrigado, senhora – disse ele, falando exageradamente arrastado. Desviando os olhos para os seios dela, ele acrescentou: – Você também é bem apetitosa.

– Ah, eu aposto que você diz isso a todas as garotas que sentam no seu colo.

Sorrindo, ele esticou a mão e pegou uma mecha de cabelo, prendendo entre os dedos. Aos poucos, o sorriso foi relaxando e, quando ele falou, seu tom foi mais sério.

– Nós passamos por muita coisa juntos, Tiel. Um nascimento. Uma quase morte. Horas tensas, sem saber o que aconteceria. Um trauma assim faz algo às pessoas. Isso as une.

As palavras dele fizeram ecoar os pensamentos que ela tivera mais cedo sobre o assunto. Mas não era muito lisonjeiro o fato de que ele atribuía a atração deles exclusivamente ao trauma, ou que ele pudesse mitigar o desejo carnal com uma explicação tão pragmática e científica.

E se eles tivessem se conhecido numa festa ontem à noite? Não havia centelha, nem fervor, e eles não estariam na cama agora. Se para ele isso não significasse nada além de uma ilustração psicológica de um fenômeno, não faria sentido prolongar a inevitável despedida.

Parabéns, Doc. Você é meu primeiro e provavelmente último caso de uma única noite. De uma única manhã.

Ela se moveu para levantar, mas ele usou o movimento para colocá-la inteira em cima dele, deixando as duas barrigas encostadas, com as pernas dela no meio das suas.

– Apesar do perigo para nós, para todos dentro da loja, eu tinha fantasias periódicas e incrivelmente vivas disso.

Ela achou voz para perguntar:

– Disso?

As mãos dele alisaram as costas dela, passando pelas nádegas, descendo até onde alcançavam atrás das coxas.

– De você.

Ele ergueu os ombros para beijá-la. Em princípio, o beijo foi lento e metódico, a língua dele vagorosamente passando em seus lábios, enquanto ele continuava a deslizar as mãos, subindo pelas costas, descendo até as coxas.

Ela teve vontade de ronronar. Na verdade, ela o fez. Quando ele sentiu a vibração, seu beijo se intensificou. As mãos dele cobriam suas nádegas e ele a segurava firmemente junto a sua ereção. Provocadora, ela se esfregava. Ele sussurrou um palavrão, fazendo parecer erótico. Ele deslizou as mãos pela parte de trás de suas coxas e as separou.

Então, ele estava dentro dela novamente, com a pressão do desejo plena, pesada. Preenchendo mais que seu corpo. Preenchendo uma necessidade desconhecida que ela tivera por muito tempo. Dando-lhe mais

do que um imenso prazer. Proporcionando uma sensação de realização e propósito que nem mesmo seu melhor trabalho lhe dera.

Eles se moviam em ritmo perfeito. Ela não conseguia mergulhar nele tanto quanto queria, e ele devia sentir o mesmo, porque, quando gozou, ele a segurava possessivamente no lugar, com os dedos deixando marcas. Ela encostou o rosto logo abaixo de seu ombro e mordiscou-lhe a pele, prendendo com os dentes.

Foi um clímax longo, lento e delicioso. E o depois foi igualmente longo, lento e delicioso.

Tiel estava tão relaxada e plena que dava a sensação de ter derretido, tornando-se parte dele. Ela já não conseguia distinguir sua pele da dele. Nem queria. Ela nem se mexeu quando ele puxou o lençol e o cobertor por cima deles. Ela adormeceu ali, ele ainda dentro de sua maciez, com o ouvido sobre o coração dele.

– Tiel?

– Hmm?

– É o seu despertador.

Ela resmungou e afundou as mãos no calor das axilas dele.

– Você precisa levantar. O helicóptero vem buscá-la, lembra?

Ela lembrava. Mas não queria lembrar. Queria ficar exatamente onde estava pelos próximos dez anos. Esse era o tempo de que ela precisaria para recuperar o sono que perdera na noite anterior. Levaria isso para obter o suficiente de Doc.

– Venha. Levante. – Ele deu um tapinha afetuoso em seu traseiro. – Coloque-se apresentável antes que o xerife Montez chegue aqui.

Gemendo, ela rolou ao lado, saindo de cima dele. Com um enorme bocejo, ela perguntou:

– Como você sabe do combinado?

– Ele me disse. Assim que eu soube como encontrá-la. – Ela lançou-lhe um olhar vago, e ele disse: – Sim, e ele soube que eu queria saber. É isso que você queria ouvir?

– Sim.

– Eu e ele somos amigos. Jogamos pôquer de vez em quando. Ele conhece a minha história, o motivo para que eu tenha me mudado pra cá, mas é bom em manter segredo.

– Até do FBI.

– Ele perguntou se poderia pegar meu depoimento e Calloway concordou. Ele estava de mãos cheias. – Ele jogou as pernas para a lateral da cama. – Importa-se se eu usar o banheiro primeiro? Serei rápido.

– Por favor.

Enquanto se abaixava para pegar a cueca, ele a pegou com as mãos acima da cabeça, com as costas arqueadas, se espreguiçando. Ele sentou na beirada da cama, com os olhos fixos em seus seios. Fez um carinho no mamilo.

– Talvez eu não queira que você pegue aquele helicóptero.

– Peça e talvez eu não vá.

– Você iria.

– Preciso ir – disse ela, triste.

Suspirando, ele tirou as mãos.

– É. – Ele se levantou e foi para o banheiro.

– Talvez – sussurrou Tiel para si mesma –, eu pudesse convencê-lo a vir comigo.

Ela tirou uma calcinha e um sutiã da mala, vestiu, e estava prestes a vestir uma calça comprida, quando sentiu que Doc a olhava.

Ela se virou com um sorriso sugestivo e uma observação atrevida sobre voyeurs. Mas a expressão dele não era convidativa. Na verdade, ele estava praticamente faiscando de raiva.

Impressionada, ela abriu a boca para perguntar qual era o problema, quando ele estendeu o braço. O gravador estava na palma de sua mão. Ela guardara no bolso da calça que deixou junto com outras roupas sujas numa pilha, em cima da tampa do vaso. Ele teve que tirá-las, e encontrou o gravador.

A expressão dela deve ter delatado sua culpa, pois ele apertou implacavelmente o botão e sua voz rompeu o silêncio.

– *Por exemplo, o hospital se embasou no peso da propaganda ruim. Propaganda ruim gerada e nutrida por gente como você.*

Do mesmo jeito, ele parou o gravador e jogou na cama.

– Pegue. – Olhando os lençóis com deboche, ele acrescentou: – Você fez por merecer.

– Doc, ouça, eu...

– Você conseguiu o que veio procurar. Uma boa história. – Empurrando-a para o lado, ele pegou seu jeans e, furioso, enfiou as pernas dentro.

– Dá pra parar com a indignação virtuosa e ouvir?

Ele apontou para o gravador incriminador.

– Eu já ouvi o bastante. Você gravou tudo? Os detalhes suculentos da minha vida pessoal? Estou surpreso que você tenha demorado tanto. Era de pensar que já teria voltado para Dallas, correndo, se fosse preciso, para começar a juntar todo material bom que tem a meu respeito.

Ele abotoou a calça jeans e arrancou a camisa do chão.

– Ah, não, espere. Você queria trepar primeiro. Depois que o tal Joe não sei das quantas resultou num fracasso, seu ego precisava de um reforço.

O insulto doeu e ela reagiu revidando.

– Quem veio atrás de quem? Eu não fui procurá-lo. Você que veio aqui, lembra?

Ele xingou quando não conseguiu encontrar uma meia. Enfiou o pé na bota sem meia.

– Nem é culpa minha que você seja uma boa história! – gritou ela.

– Eu não quero ser uma boa história. Nunca quis.

– Que pena, Doc. Você é. Você simplesmente é. Depois de notório, agora você é um herói. Você salvou vidas ontem à noite. Acha que isso irá passar despercebido? Aqueles garotos e seus pais vão falar de “Doc”. Assim como os reféns. Qualquer repórter que faça jus ao seu pagamento irá clamar pelas informações confidenciais. Nem mesmo seu amigo Montez será capaz de protegê-lo da publicidade. Você seria notícia,

independentemente de qualquer coisa. Porém, como o “Doc” é o recluso dr. Bradley Stanwick, você será uma grande notícia. Gigantesca.

Ele gesticulou novamente em direção ao gravador.

– Mas você superou todo mundo, não é? Tem outro gravador embaixo da cama? Estava na esperança de conseguir um papinho íntimo excitante?

– Vá pro inferno.

– Eu não descartaria isso em você.

– Eu estava fazendo meu trabalho.

– E eu pensando que estava falando confidencialmente. Mas você vai usar isso, não é? O que eu achei estar lhe confidenciando?

– Pode apostar que vou!

Ele contraiu o maxilar com ódio. Olhou-a furiosa por alguns segundos, depois saiu marchando em direção à porta. Tiel foi atrás dele, pegou seu braço e o virou.

– Isso poderia ser a melhor coisa que já lhe aconteceu.

Ele arrancou o braço da mão dela.

– Não consigo enxergar isso.

– Isso poderia forçá-lo a encarar o fato de que você estava errado em fugir. Ontem... ontem à noite – disse ela, gaguejando, na pressa de mostrar seu ponto de vista, antes que ele saísse. – Você disse ao Ronnie que ele não podia fugir de seus problemas. Que fugir deles não era a solução. Mas não foi exatamente isso que você fez?

“Você se mudou pra cá e enterrou a cabeça na areia do Oeste do Texas, recusando-se a aceitar o que sabe ser verdade. Que você tem o dom de curar. Que poderia fazer diferença. Que *estava* fazendo diferença. Para pacientes e famílias que enfrentavam a sentença de morte, você lhes dava alívio. Só Deus sabe o que você poderia fazer no futuro.

“Mas por causa do seu orgulho, da raiva e da decepção com seus colegas, você abandonou tudo. Jogou fora o bebê com a água do banho. Se essa história o trouxer de volta à notoriedade, se houver uma chance de que isso possa motivá-lo a voltar a exercer a medicina, então, nem ferrando eu vou me desculpar.”

Ele deu as costas para ela e abriu a porta.

– Doc? – gritou ela.
Mas ele apenas disse:
– Sua carona chegou.

O CUBÍCULO DE TIEL NA SALA DE REDAÇÃO parecia uma área de desastre. Sempre parecia, mas agora, mais que o habitual. Ela recebera centenas de bilhetes, cartões e cartas de colegas e espectadores, cumprimentando-a pela excelente cobertura da história Davison-Dendy e elogiando seu papel heroico. Ainda havia muitos sem abrir. Eles tinham sido colocados em pilhas desiguais.

Não havia superfícies suficientes para acomodar o número de arranjos de flores entregues ao longo da última semana, então, ela os distribuíra pelos escritórios e salas de reunião do prédio.

Vern e Gladys tinham mandado um bolo cheesecake que dava para alimentar cinco mil pessoas. A equipe da redação tinha se empanzinado e ainda havia mais da metade.

Como esperado, ela fora o centro das atenções, e não apenas em nível local. Foi entrevistada pelos repórteres de veículos mundiais, incluindo a CNN e o Bloomberg. Por conta do elemento humano, a história de amor, o parto de emergência e o desenlace dramático, a história tivera o pico de interesse da audiência em TV pelo mundo inteiro.

Ela fora convidada por um revendedor automotivo para fazer seus comerciais, oferta de que declinou. As revistas femininas nacionais estavam fazendo propostas para matérias sobre tudo, desde segredos do sucesso até a decoração de sua casa. Ela foi a Mulher da Semana não declarada.

E ela nunca estivera tão deprimida.

Tentava futilmente arrumar sua mesa, quando Gully chegou.

– E aí, garota.

– Levei o resto do bolo para o refeitório e deixei lá para quem chegasse primeiro.

– Comi o último pedaço.

– Suas artérias nunca vão me perdoar.
– Eu já disse como seu trabalho foi maravilhoso?
– É sempre bom ouvir.
– Ótimo trabalho.
– Obrigada. Mas isso me deixou esgotada. Estou cansada.
– Você parece estar. Na verdade, você está um caco. – Ela o olhou feio, por cima do ombro. – Só estou dizendo o que estou vendo.

– Sua mãe nunca lhe disse que algumas coisas não devem ser ditas?
– O que há com você?
– Eu lhe disse, Gully, estou...
– Você não está apenas cansada. Eu conheço cansaço, e não é isso. Você deveria estar acesa como uma árvore de Natal. Não está em seu habitual estado hiperativo, superpilhada. É por causa da Linda Harper? Você está emburrada porque ela pulou dentro e roubou um pouco do seu brilho?

– Não. – Ela abriu outro envelope mecanicamente e leu o bilhete que a parabenizava. *Adoro suas matérias na TV. Você é meu exemplo. Quero ser como você, quando eu crescer. Também gosto do seu cabelo.*

– Não posso acreditar que você não tenha reconhecido o Doc do impasse, como o dr. Bradley Stanwick.

– Hmm.

Gully continuou, sem se intimidar, apesar do desinteresse aparente que via nela.

– Deixe-me colocar isso de outra forma. Eu *não* acredito que você não o tenha reconhecido como o dr. Bradley Stanwick.

A mudança no tom de voz de Gully foi inequívoca e não tinha como evitar falar a respeito. Ela pousou o bilhete da menina que se identificava como Kimberly, da quinta série, e lentamente girou a cadeira, para ficar de frente para Gully.

Ele a olhou por um longo instante. Os olhos dela não desviaram.

Finalmente, ele passou a mão no rosto, esticando a pele, como uma máscara de Halloween.

– Imagino que você tenha motivos para proteger a identidade dele.

– Ele me pediu que não fizesse.

– Ah. – Ele bateu na testa com a palma da mão. – É claro! O que há de errado comigo? O sujeito da história disse “Eu não quero aparecer na TV”, então, naturalmente, você deixou de fora um elemento importante da história.

– Isso não custou nada ao noticiário, Gully. – Ela estava com um humor irritadiço, levantou e começou a jogar itens pessoais na bolsa, preparando-se para sair. – Linda fez. Então, do que você está reclamando?

– Eu estava reclamando? Você me ouviu reclamar?

– Pareceu reclamação.

– Só estou curioso quanto ao motivo que fez minha melhor repórter amarelar.

– Eu não...

– Amarelou! Brabo. Eu quero saber por quê.

Ela girou para confrontá-lo.

– Porque ficou... – Ela parou de gritar, respirou fundo e terminou num tom mais suave. – Complicado.

– Complicado.

– Complicado. – Ela esticou o braço ao redor dele para pegar a jaqueta no gancho da parede, depois vestiu, evitando seus olhos incisivos. – É meio tipo Garganta Profunda.

– Não tem nada de Garganta Profunda, que era uma fonte. Bradley Stanwick era um participante ativo. Tema. Jogo limpo.

– Isso é algo que teremos que discutir qualquer hora. Outra hora. Quando eu não estiver saindo de férias.

– Então, você ainda vai? – Ele começou a seguir seus passos conforme ela deixou o cubículo e seguiu pela sala da redação em direção ao fundo do prédio.

– Mais do que nunca, eu preciso de um tempo afastada. Você aprovou meu pedido de uns dias de folga.

– Eu sei – disse ele, queixoso. – Mas estou hesitante. Sabe o que estou pensando? Estou pensando que você deveria produzir um episódio piloto para *Nine Live*. Esse médico de câncer e caubói daria um primeiro

convidado bombástico. Faça-o falar sobre a investigação sobre a morte da esposa. O que ele acha de eutanásia? Ele praticou eutanásia com ela?

– Ele tinha motivo, mas não fez.

– Está vendo? Já temos um diálogo estimulante. Você poderia dar sequência à participação dele no impasse. Será demais! Nós poderíamos apresentar esse piloto do programa à diretoria, lá em cima. Talvez colocar no ar numa noite, depois do noticiário. Seria seu bilhete de entrada para a vaga de apresentadora do *Nine Live*.

– Não conte com isso, Gully. – Ela empurrou a porta pesada da saída para abri-la, seguindo para o estacionamento. O asfalto estava quente como uma grelha.

– Por quê? – Ele a seguiu até lá fora. – Isso era o que você queria, Tiel. Você trabalhou por isso. É melhor pegar, ou será tirado de você. Eles podem dar o programa para Linda, principalmente se descobrirem que você sabia sobre Stanwick o tempo todo. Adie essa viagem até que isso esteja acertado.

– Então, não poderei sair por conta de todas as reuniões de produção. – Ela sacudiu a cabeça. – Não, Gully. Estou indo.

– Não estou entendendo. É TPM?

Recusando-se a se ofender, ela sorriu.

– Estou cansada dessa dança, Gully. Estou esgotada dessa corrida constante pela posição e a paranoia que isso traz. A diretoria sabe da minha capacidade. Eles têm consciência da minha popularidade com os espectadores, e agora é ainda maior do que jamais foi. Eles têm anos do meu trabalho, índices de audiência, e os prêmios para lembrá-los de que sou a melhor escolha para esse trabalho.

Ela abriu a porta do carro e jogou a bolsa dentro.

– Enquanto eu estiver fora, eles terão notícias minhas pelo meu agente. Farei com que *Nine Live* seja uma condição no meu contrato. Se eu não ganhar o programa, eles não terão a renovação do meu contrato. E essa semana eu já recebi pelo menos uma centena de ofertas para respaldar esse mandato.

Ela se inclinou à frente e o beijou no rosto, que estava pasmo.

– Eu te amo, Gully. Amo meu trabalho. Mas é *trabalho*; não é mais a minha vida.

Ao sair da cidade, ela fez uma parada: numa caçamba de lixo, atrás de um supermercado. Jogou duas coisas ali dentro. Uma foi a fita em áudio. A outra foi a gravação da filmadora de Gladys e Vern.

Tiel xingou inutilmente a linha de pesca.

– Maldito!

– Não estão mordendo?

Achando estar sozinha, ela levou um susto, virando, ao mesmo tempo. Seus joelhos ficaram fracos diante da visão dele. Ele estava negligentemente recostado ao tronco de uma árvore, a silhueta alta, esguia, seu traje de caubói em harmonia com a paisagem rústica.

– Eu não sabia que você pescava – observou ele.

Ele atravessara toda essa distância para falar de pesca? Certo.

– Obviamente, não sei pescar. – Ela segurou a linha emaranhada e franziu o rosto. – Mas já que isso é o que se deve fazer, quando há um córrego de água limpa nos fundos de sua casa de veraneio... Doc, o que você está fazendo aqui?

– Boa notícia quanto a Ronnie, hein?

Ronnie Davison tinha passado de estado crítico para bom. Se continuasse a melhorar, teria alta para voltar para casa em alguns dias.

– Muito boa notícia. De Sabra também. Ela já está de volta a Fort Worth. Falei com ela ontem à noite, por telefone. Ela e a mãe vão criar Katherine. Ronnie terá visita ilimitada, mas eles decidiram adiar o casamento por alguns anos. Independentemente do resultado de sua situação legal, eles concordaram em esperar para ver se o relacionamento pode suportar o teste do tempo.

– Garotos espertos. Se der certo, vai acontecer.

– É o que eles pensam.

– Bem, Dendy pode ficar contente por não ser acusado por assassinato.

– Não, mas dúzias de testemunhas o viram tentar. Espero que apliquem a lei.

– Eu apoio. Ele quase custou várias vidas.

Depois disso, a conversa minguou. O silêncio foi preenchido pelo canto dos pássaros e o barulho amistoso e incessante do borbulhar do córrego. Quando a pressão dentro do peito de Tiel chegou a um ponto explosivo, ela perguntou, novamente:

– O que você está fazendo aqui?

– Eu ganhei um bolo cheesecake de Vern e Gladys.

– Eu também.

– Imenso.

– Gigantesco.

Sentindo-se tola por estar segurando uma vara de pescar, ela a colocou aos seus pés, mas logo desejou que não tivesse feito. Agora ela não tinha nada para fazer com as mãos. Colocou-as nos bolsos do jeans, as palmas para fora.

– Lugar bonito, não é?

– Certamente é.

– Quando você chegou?

– Aproximadamente há uma hora.

– Ah.

– Doc, o que você está fazendo aqui? – perguntou, mais aflita.

– Eu vim agradecer-lhe.

Ela abaixou a cabeça e olhou para os pés. Seus tênis estavam com a sola afundada na lama do leito do riacho.

– Não. Não me agradeça. Eu não podia usar a gravação. Eu também tinha um vídeo. Da filmadora de Gladys. A qualidade do filme não era muito boa, mas nenhum outro repórter do mundo tinha.

Ela respirou fundo, olhou para ele, depois para baixo.

– Mas você está na fita. Reconhecível. E eu não queria explorá-lo, depois... depois do que aconteceu no motel. Então, ficou pessoal. Eu não poderia explorá-lo sem explorar a mim também. Então, joguei tudo fora. Ninguém viu, nem ouviu.

– Hmm. Bem, não era por isso que eu estava agradecendo.

A cabeça dela deu um tranco acima.

– Hã?

– Eu vi suas matérias sobre o impasse e achei ótimas. Honestamente. Jornalismo brilhante. Você merece todos os prêmios que recebeu. E eu fico grato por você manter nossas conversas particulares em particular. Você estava certa quanto à exposição. Isso seria provável de acontecer, com ou sem sua ajuda. Agora, eu vejo isso.

Pela primeira vez em sua vida, ela não tinha nada a dizer.

– A razão por que vim, foi para agradecer-lhe por me fazer olhar seriamente para mim mesmo. Minha vida. Como tem sido um desperdício. Depois que Shari morreu e de tudo o que veio a seguir, eu precisava de um tempo sozinho, tempo e espaço para pensar nas coisas, reavaliar. Isso levou, digamos... seis meses. Pelo resto do tempo, eu tenho feito exatamente o que você disse: me escondido. E me punido. Pela saída covarde.

A pressão que se acumulava dentro dela agora não era tensão, era emoção. Talvez amor. Está bem, amor. Ela queria ir até ele, abraçá-lo, mas queria ouvir o que ele tinha a dizer. Além disso, ele precisava dizer.

– Estou voltando. Fiquei a semana passada em Dallas, conversando com alguns médicos e pesquisadores, novatos que compartilham a minha abordagem agressiva para lutar contra esse troço, médicos que estão cansados de passar por milhões de comitês e conselhos para obterem aprovação de um novo tratamento, quando o paciente está sofrendo e todas as outras opções se extinguíram. Queremos tirar a medicina das mãos dos advogados e burocratas e devolvê-la aos médicos. Então, estamos formando um grupo, unindo nossos recursos e especialidades... – Ele olhou sério para ela. – Você está chorando?

– É o sol nos meus olhos.

– Ah. Bem, foi isso que eu vim lhe dizer.

De forma sucinta e eficiente, o mais profissional que pôde, ela limpou as lágrimas dos olhos.

– Você não precisava ter viajado toda essa distância. Poderia ter mandado um e-mail, ou ligado.

– Isso também teria sido covardia. Eu precisava dizer isso pessoalmente, cara a cara.

– Como soube onde me encontrar?

– Fui até a emissora de TV. Falei com Gully, que também me pediu para mandar um recado. – Ela balançou ligeiramente a cabeça, indicando que estava ouvindo. – Ele disse “Diga a ela que não sou denso. Acabei de descobrir o significado de complicado”. Isso faz sentido?

Ela riu.

– Sim.

– Quer me explicar?

– Talvez, depois. Se você ficar.

– Se você não se importar com a minha companhia.

– Acho que posso tolerar.

Ele retribuiu o sorriso largo, mas hesitou e ficou sério novamente.

– Somos muitos intensos quando se trata de nosso trabalho, Tiel.

– O que acredito ser parte da atração.

– Não será fácil.

– Nada que valha a pena é fácil.

– Não sabemos no que isso vai dar.

– Mas sabemos onde queremos que dê. E também sabemos que não dará em lugar algum, se não tentarmos.

– Eu ameí minha esposa, Tiel, e o amor pode doer.

– Não ser amado dói mais. Talvez nós possamos encontrar um jeito de amar um ao outro, sem fazer doer.

– Deus, eu quero tocá-la.

– Doc – murmurou ela. Depois ela riu. – Bradley? Brad? Como devo chamá-lo?

– Por enquanto, um simples “vem cá” já resolve.

Então, ele atravessou a distância que os separava.

Título original
STANDOFF

Primeira publicação nos EUA pela Warner Books, Nova York.

Esta é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos
da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia.
Qualquer semelhança com acontecimentos reais,
localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2000 by Sandra Brown Management, Ltd.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida
no todo ou em parte sob qualquer forma
sem a permissão do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com
Maria Carvainis Agency e Agência Literária Riff Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

Preparação de originais: Y. A. Figueiredo

Produção do arquivo ePub
ROCCO DIGITAL

Edição digital: agosto 2013

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B897i

Brown, Sandra, 1948-

Impasse [recurso eletrônico] / Sandra Brown; tradução de Alice Klesck. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2013.
recurso digital

Tradução de: Standoff

ISBN 978-85-8122-265-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção norte-americana. 2. Livros eletrônicos. I. Klesck, Alice. II.
Título.

13-03272

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Sobre a autora

SANDRA BROWN é autora de mais de sessenta livros, publicados em trinta idiomas. Da autora, que vive com o marido no Texas e na Carolina do Sul, a Rocco publicou *O álibi*, *Calafrio*, *Cliente inesperada*, *Como água da chuva*, *Corte súbito*, *Cortina de fumaça*, *Inveja*, *Jogue sujo*, *Obsessão*, *Tempo quente*, *A troca* e *Uma voz na escuridão*.